**Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública**

**Derivas cartográficas: (sobre)vivências cotidianas e
outros modos de (re)existência na contemporaneidade**

Larissa Ferreira Mendes dos Santos

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Saúde Pública para obtenção do
título de Mestre em Ciências.**

Área de Concentração: Política, Gestão e Saúde.

**Orientadora: Profa. Dra. Laura Camargo
Macruz Feuerwerker**

São Paulo

2019

Derivas cartográficas: (sobre)vivências cotidianas e outros modos de (re)existência na contemporaneidade

Larissa Ferreira Mendes dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Política, Gestão e Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Versão Revisada

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

dos Santos, Larissa Ferreira Mendes

Derivas cartográficas : (sobre)vivências cotidianas e outros modos de (re)existência na contemporaneidade / Larissa Ferreira Mendes dos Santos; orientadora Laura Camargo Macruz Feuerwerker. -- São Paulo, 2019.
106 p.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2019.

1. Vida. 2. Modos de existência. 3. Ordinário cotidiano. 4. Resistência. 5. Cartografia. I. Camargo Macruz Feuerwerker, Laura , orient. II. Título.

DOS SANTOS, L. F. M. **Derivas cartográficas:** (sobre)vivências cotidianas e outros modos de (re)existência na contemporaneidade. 2019. Dissertação - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2019.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Profa. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Ao meu irmãozinho, Leandro Mendes – Nino – pela suavidade, intensidade e afetos compartilhados numa tão breve existência que vibra e persiste em mim enquanto lampejo de memória viva. Todo meu amor, saudade e gratidão por ter me ensinado a fazer da vida um acontecimento poético.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Mariza e Getúlio, pela tessitura da rede de afetos que sempre me ampara, pelo colo e acolhimento quando de minhas fragilidades, por me ensinarem a reconhecer a beleza sutil que habita as minúsculas tramas da vida cotidiana e pelo sopro de ares de possíveis que não me deixa sufocar.

Ao meu parceiro amado e amigo, Caio Spaulonci, pela delicadeza, pelos afagos e pelos cuidados que ativavam o desejo nesse corpo sempre que a potência parecia esvair-se.

A minha querida orientadora, Laura Feuerwerker, pela confiança em mim depositada, pelas importantes intervenções e parceria na composição dessa pesquisa cartográfica.

À Ana Godoy pelo acompanhamento (presença virtual) e pela incitação ao lançamento vertiginoso nessa aventura de contar as vidas e produzir uma escrita pulsante e autoral.

Aos membros da Banca Emerson Elias Merhy, Alexandre de Oliveira Henz de Daisy Perelmutter pelas generosas contribuições e por toparem o embarque nessas derivas.

Aos companheiros Zeneide Monteiro (*in memoriam*) e Max Fagotti pela escuta delicada, pelas provocadoras e inspiradoras conversas e pela generosidade intelectual na sugestão e problematização de alguns dos conceitos e construções que compuseram a presente pesquisa.

A minha prima-irmã, Ellen Tábuas Paim, pelo cuidado à distância, pelos momentos de desabafo (e chacoalhões), pela cumplicidade na vida.

Aos meus afilhados, Matheus e Theo Tábuas Paim, por me contagiarem de alegria e por me ensinarem tanto sobre o amor.

Aos meus amados tios (*in memoriam*), Miriam Ferreira Tábuas e Milton Ferreira Lima, pela aprendizagem sobre uma vida que persiste.

Ao meu “fiel escudeiro” Helton Alves de Lima, parceiro de viagens móveis e imóveis.

Às “minhas lindezas” Amanda Queiroz, Simone Bretas, Viviane Granzotto e Hevelyn Rosa por compartilharem angústias, pelos bons encontros e pela aliança viva que se criou na saudosa – e eterna *Terra do Nunca* – Assis-SP.

Aos grandes amigos Efrain Perini e Nara Yumi Bravo pela essencial amizade de tantos anos.

Às manas, monas e manos especialíssimos Dani Morelatti, Lilian de Araujo, Juliana Martins, Guilherme Fiorot, Fábio Leal, Paulo Bittencourt, Fernando Pena e Mário César da Silva pela força e aconchego dos encontros.

Aos queridos amigos Miriam Lange, Daniel Kerry e Elias Vidal pela amorosidade e parceria que extrapolam as tantas léguas que nos separam.

As minhas amoras, Priscila Tamis, Daniela Patrícia dos Santos, Lara Cunha Galvão e Analu Buchmann, que com doçura e afeto tanto me ensinam sobre a necessária sustentação de uma fragilidade-corajosa.

Às mAnas, Ana Cristina Sundfeld e Ana Lúcia da Silva, pelas conversas e atenção delicada.

Às “lambadeiras”, Valéria Mendes e Paula Bertoluci, pela disponibilidade e companheirismo.

Aos companheiros da Rede de Observatórios Microvetoriais de Políticas Públicas em Saúde e Educação na Saúde pelas instigantes discussões e aprendizagens.

Aos amigos-narradores-intercessores Jeremias, Marta, Jenuzi, Gênio, Pedrinho e a todos que (in)diretamente me ajudaram na *metamorfoseante* produção de um corpo para o encontro.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

As sobrevivências, por sua vez, concernem apenas à imanência do tempo histórico: elas não têm nenhum valor de redenção. E enquanto a seu valor de revelação, ele nada mais é do que lacunar, em trapos: sintoma, em outras palavras. As sobrevivências não prometem nenhuma ressurreição [...]. Elas são lampejos passeando nas trevas, em nenhum caso o acontecimento de uma grande “luz de toda luz”. Porque elas nos ensinam que a destruição nunca é absoluta – mesmo que fosse ela contínua –, as sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma “última” revelação ou uma salvação “final” sejam necessárias à nossa liberdade.

Georges Didi-Huberman

RESUMO

DOS SANTOS, L. F. M. **Derivas cartográficas**: (sobre)vivências cotidianas e outros modos de (re)existência na contemporaneidade. 2019. Dissertação - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2019.

O exercício de olhar para as formas de vida e para as formatações que precarizam e capturam suas variações, contornos, movimentos, invenção, bem como a necessidade de trazer para o campo do cuidado em saúde um modo de trabalhar que considere as multiplicidades, olhando para as singularidades que portam os sujeitos e todas as possibilidades que compõem as existências, incitaram a produção desta pesquisa. Não pretendi traçar um inventário de variados modos de existência, mas encontrar e acompanhar o traçado das rotas de vidas cotidianamente inventadas. Micromovimentos que se passassem no entre, numa espécie de terceira margem, que não se ancorassem nas formas de resistência mais constituídas. Através de derivas por um bairro periférico localizado na região leste da cidade de São Paulo/SP, prestei atenção aos variados modos de produzir existência, ao arranjo vital dos pequenos fazeres cotidianos. Ensejei olhar o que não é visto e estabelecer uma zona de vizinhança com o que difere dos modos dominantes de habitar a vida. Uma cartografia das existências passando e pulsando no seu movimento mínimo, no emaranhado das linhas de um ordinário cotidiano que se encarrega da tramagem da vida. Com efeito, a presente pesquisa qualitativa com análise micropolítica do cotidiano por meio do método cartográfico, se propôs menos a coletar dados para formulação de análises que endossam estatísticas, confirmam hipóteses e formulam conclusões precisas, do que produzir encontros e narrativas a partir das histórias de vida, de luta e de resistência dos que habitam o território escolhido. Interessou-me saber do outro por ele mesmo.

Palavras-chave: Vida; Modos de existência; Ordinário cotidiano; Resistência; Cartografia.

ABSTRACT

DOS SANTOS, L. F. M. [**Cartographic Derivations**: daily (sur)vival and other ways of (re)existence on contemporaneity]. 2019. Dissertation - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2019. Portuguese.

The exercise in looking to forms of life at its innumerable derivatives and deeper to the social arrangements that capture its variations, trajectories, movements, innovations, as so to bring into the field of health care approaches comprising the whole range of being multiplicities, noticing all subject's singularities thus evidencing all possibilities within the concept of existing, were the focus of the present research. I did not intend to solely gather data regarding ways of existence, but to find and trace the paths drawn continuously through daily challenges of existence. Micromovements taking effect in between, almost as a third border, that are not funded into most constituted strategies of social resistances. Throughout cartographic derivations in a peripheral neighborhood on the east of São Paulo/SP, I was concentrated to the many life producing possibilities, to the vital (re)actions on the simple daily tasks. I wished to apperceive the unnoticed aspects and set up a neighboring zone using the others rather than the dominant way of life appropriation. Cartography of existences pulsating at its lowest movements, stretching at its limited extent, comprehending one from the many routes that designs life narratives. In effect, this quantitative research with a micro-political analysis of the daily life through the cartographic method, did not propose a collecting data to formulate intended analyses that confirm statistical, hypotheses, and conclusions, but producing meetings and narratives based on life stories, on singular struggles, and resistance of the people inhabiting that territory. I was interested to meeting the other by him.

Keywords: Life; Ways of existence; Ordinary daily; Resistance; Cartography.

SUMÁRIO

1 ENTRE PIOS [DESVIOS] E RODOPIOS	10
2 SOBRE A PRECARIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA.....	19
3 SOBRE CONSTRUIR UM CAMPO DE PROBLEMA	26
4 O QUE MOVE UM CORPO NUM CAMPO DE PROBLEMA.....	30
5 SOBRE O QUE NÃO É VISTO	32
6 NO COMEÇO, TUDO PARECIA IMPORTANTE DE MAIS.....	34
7 CARTA A UMA OUTRA ILHA	35
8 SOBRE ÁGUAS E VIVÊNCIAS.....	36
9 TEIAS NARRATIVAS SOBRE EXISTÊNCIAS INFAMES.....	38
10 UM CORPO PARA A CONVERSA: QUEM NÃO TEM?	45
11 CONVERSA COM O MARIDO DE GENI	58
12 UM ENCONTRO COM O GÊNIO.....	70
13 SOBRE A PROPOSTA	83
14 SOBRE PONTOS E FINAIS	85
15 UM ESBOÇO DE (IN)CERTAS CONCLUSÕES.....	89
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS.....	99
CURRÍCULO LATTES.....	105

1 ENTRE PIOS [DESVIOS] E RODOPIOS¹

O abandono do lugar me abraçou de com
força.
E atingiu meu olhar para toda a vida.

(Manuel de Barros)

Durante meses estive às voltas com o desenvolvimento do meu tema de pesquisa. Li e reli um tanto; deixei em suspenso. Suspensão e afastamento que pensei serem necessários para que, na retomada, algo pudesse acontecer. E aconteceu. Molas propulsoras, algumas leituras, vídeos e os mais variados encontros me lançaram em direção a um bocado de outros sentidos, olhares e perspectivas. Deslocamento(s): do ‘estar às voltas’ com o antigo tema à irrupção de uma ‘reviravolta’. Nada é indiferente ao corpo, dada a sua porosidade e susceptibilidade para ‘fagocitar’ o que o atravessa. O direcionamento por mim proposto, quando da elaboração do pré-projeto, foi desviado. O mapa, que continha uma já traçada rota, caducou.

No projeto inicial, a direção por mim ensejada partia do que considere, naquele momento, se tratar de um processo de “desmonte” dos serviços e “esquadrinhamento” dos territórios de saúde decorrentes do edital de chamamento das Organizações Sociais de Saúde (OSS) na cidade de São Paulo. O edital de chamamento público para seleção/contratação das OSS, de acordo com a Secretaria Municipal da Saúde, cumpria com a diretriz da prefeitura no tocante ao estabelecimento de padronização dos contratos de gestão em vigência (SÃO PAULO, 2014a). De acordo com o secretário municipal da saúde na época, o contrato de gestão visava trabalhar “com a definição de resultados e com metas – questões importantes para a melhoria da qualidade de saúde da população de São Paulo” (SÃO PAULO, 2014b). Ele considerava que a existência de mais de uma OSS por território era um entrave para o estabelecimento de “responsabilidades”, dificultando o “acompanhamento, [a] fiscalização e [a] determinação de um plano de trabalho” (SÃO PAULO, 2014b). Diante desse cenário, fui impelida a pensar que era a dimensão geográfico-administrativa do território que estava em disputa, em detrimento da sustentação dos territórios existenciais onde a vida acontece e é

¹ O título é uma brincadeira, um jogo de palavras que me ocorreu disparado por um trecho da crônica *No zoo-ilógico*, de Mia Couto: “[...] daremos volta à passara. Dá pena ver tanta pena subusada. Contudo, os cantares de encanto, os pios e os rodopios, as súbitas colorações, todas essas maravilhas permanecem, resistindo à jaula. Mar, ave, ilhas” (COUTO, 2003, p. 125-7).

produzida, onde os atos de cuidado provenientes do *trabalho vivo em ato* (MERHY; FRANCO, 2007) ganham forma, contorno e força de efetuação.

Contudo, o que eu chamava de “desmonte”, era, na realidade, um processo cujo objetivo foi reduzir a quantidade de OSS presentes em cada território da cidade. Ainda que tenha acontecido um enfraquecimento e desmanchamento, por vezes, de equipes inteiras e, por isso, grande desgaste e tensão dos usuários e dos trabalhadores, não houve a revogação da política nem o fechamento dos serviços. Apesar do violento ataque, um tanto de trabalhadores segue sustentando suas práticas em vários lugares; o SUS persiste. Ainda que inicialmente provocada pela questão das OSS, uma das propostas era desdobrar algumas linhas de problematização no plano da produção das políticas e da gestão do Sistema Único de Saúde, no sentido de fazer uma discussão mais geral – no âmbito do SUS e não localizada nas OSS – acerca dos movimentos que capturam os modos coletivos de construção das políticas públicas e gerenciamento dos serviços de saúde. Movimentos estes que, a meu ver, são operados tanto pela estruturação protocolar e organizativa da gestão quanto pelo assujeitamento/destituição dos saberes da população, o que impossibilita a afirmação de espaços para o acompanhamento e formulação de políticas de saúde, assim como a criação de ações democráticas compostas pela articulação dos variados saberes e modos singulares de existência.

E na medida em que essa ideia foi perdendo força – pela percepção de que a *captura* não se dá apenas no campo das políticas, mas em todas as esferas da vida – uma outra ia pedindo passagem.

Em um segundo momento, não sem esforço, consegui localizar de onde vinha o incômodo que mobilizou a proposição desse projeto inicial. O ataque sofrido pelos usuários e trabalhadores fez com que a violência sofrida por mim fosse atualizada. Falo de uma violência vivida durante quase metade dos três anos que trabalhei no CAPS, contratada por uma OSS, cuja expressão final se deu no que, eufemisticamente, o RH denominou *desligamento*. Ao longo desse período, vários foram os enfrentamentos travados por um corpo militante que se colocava no plano individual, seja pela defesa do SUS, seja pela defesa da Reforma Psiquiátrica ou da vida que não podia ser reduzida às metas e procedimentos estabelecidos. Esforço cotidiano de sustentar, não deixando *desmontar*, a militância gestada desde a graduação. De certo modo, meu corpo capturado por essa experiência somente conseguia atribuir a lógica gerencialista ao modelo de gestão operado pela OSS, sem enxergar a subordinação desta às políticas públicas de saúde.

Mas de onde quer que a gente olhe, o desmonte é sempre efeito de um movimento mais amplo, mais complexo.

A partir da minha aproximação com a linha de pesquisa “Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde”, novas perspectivas e posturas em relação à prática e a produção do cuidado no campo da saúde vêm sendo tensionadas e interrogadas. Os encontros de orientação também foram essenciais para que alguns deslocamentos fossem produzidos em mim. Assim, não fazia mais sentido manter o foco em tal processo, tampouco na gestão das OSS, mas construir outros modos de olhar para as políticas de saúde e seus efeitos.

Que vidas estão sendo produzidas, nos interstícios, para além da forma-SUS e do que as políticas de saúde instituem? Lentamente, foi me interessando olhar as vidas que estão sendo produzidas de outras formas, em suas pequenas movências que assinalam variados modos de perambulação, sustentação e invenção da existência. Assim, venho pensando que o cuidado e a produção das múltiplas dimensões da vida extrapolam os arranjos que, por mais cuidadores que sejam, estão circunscritos à esfera da saúde.

O que por vezes pensei ser apatia dos usuários, quando não hasteavam a bandeira do SUS, talvez fosse expressão de uma esquivia de uma forma que retira do outro a possibilidade de produzir falas e cuidado sobre si mesmo. Enquanto profissionais da saúde, fazemos parte da produção ativa do governo da vida do outro e penso que somente quando chegamos a entender que somos ativo-produtores do mundo que habitamos, das relações em que estamos e das formas de cuidado que ofertamos, podemos inventar possibilidades de produzir outras coisas, novos modos de estar com o outro. Por tudo isso, não fazia de fato mais sentido olhar de dentro da saúde para a vida que, incessantemente, se produz no ‘fora’.

Mudar a direção implica visitar novas paisagens, guiar-se por meio de novas coordenadas, encontrar bons aliados para que referências outras sejam criadas.

No seminário “Invenção, resistência e produção de vida nos tempos do cólera: que mundos podemos produzir?”, a fala do professor Emerson Merhy² me trouxe vários elementos interessantes a serem pensados, digeridos, problematizados. Merhy nos convida, então, a pensar a questão da experiência real de um certo ‘esgotamento’. Mas que esgotamento? Ele se refere ao “esgotamento de todo um período/território clássico do nosso modo de entender o que é a política” (MERHY, 2017), cuja aposta centrou esforços na consolidação dos partidos políticos, no *organismo social*, e na máquina Estatal. O enfrentamento que se fez necessário para atravessar o período ditatorial, vivido no Brasil, consistiu na construção de uma vasta

² Fala de Emerson E. Merhy na mesa-redonda do Seminário *Invenção, resistência e produção de vida nos tempos do cólera: que mundos podemos produzir?*, realizada na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP) em 7 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qKUZ0dIYh08>>.

estrutura organizacional no campo da política como “instrumento efetivo de intervenção societária” (MERHY, 2017).

Entretanto, no transcorrer de algumas décadas, e em função do próprio funcionamento desta estrutura, não perdendo de vista as mutações do corpo social na contemporaneidade, ela mesma dá sinais de esgotamento, dado que passa a ser questionada a legitimidade dos governos e o sistema de representação e participação.

Na confluência dessa crise de legitimidade, um dos variados desdobramentos no campo político é o movimento reacionário de aniquilamento dos governos com posicionamentos à esquerda que vem sendo disseminado não só no Brasil, mas na América Latina, enquanto efeito de um novo estratagema político do *capitalismo* (ROLNIK, 2016, p. 2). Nessa *versão financerizada, neoliberal e globalitária*, o poder toma de assalto a força própria da produção desejante, com a finalidade de *torná-la reativa*, e institui uma já conhecida tática micropolítica que, agora retocada e *refinada*, amalgama-se com a velha tática macropolítica, cuja atuação é localizada ou direcionada somente ao aparelho de Estado (ROLNIK, 2016). A decifração e o combate dessa *estratégia micropolítica* parecem escapar à compreensão pelo *imaginário das esquerdas*, tornando-a praticamente intangível pela sutileza, invisibilidade e capilaridade que a engendram (ROLNIK, 2016, p. 3). Com efeito, a estratégia em curso, complexa por fazer operar um sinuoso jogo de forças que se atualiza no plano micropolítico, despista e se faz indecifrável ao referido *imaginário* porque a este está acoplada a lógica binária que secciona o campo político em direita-esquerda.

Se nos permitirmos sair do ressentimento e da tristeza suscitados por essa zona de instabilidade intensificada no cenário atual, e nos lançarmos ao exercício de extração do que de valioso essa experiência nos oferece, abriremos espaço para a compreensão e afirmação do que pode ou não um governo à esquerda. Na direção do que esta pode, tem-se a prática de um tipo de resistência circunscrita à esfera Estatal, mas não menos importante, por se tratar do plano onde são travadas as lutas pela garantia do direito à ampla democracia.

Ainda que a saída acima aventada seja pela via da afirmação da potência da esquerda, devemos estar à espreita do movimento nefasto de expansão e disseminação das conservadoras e reativas forças macropolíticas que vêm pulverizando e abatendo os governos à esquerda em escala mundial, e, sobretudo, apurarmos nossa percepção diante do perigo instalado, no sentido de enxergarmos o **limite** da atuação no plano macropolítico. O conceito de ‘limite’ pode ser entendido, segundo acepção de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), como um ponto que indica até onde um agenciamento pode suportar **conservando seu modo de existir**. Ponto de clivagem que marca o encerramento de um ciclo, viabilizando um

recomeço necessário (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 140) e a composição de um novo plano de consistência por onde possam circular os afetos; **reterritorialização**. Nesse sentido,

[...] por mais que se faça no plano macropolítico, dentro e fora do Estado, por mais agudas e brilhantes que sejam as ideias e as estratégias, por mais corajosas que sejam as ações, por menos autoritárias e corruptas que sejam e por mais êxito que tenham em estabelecer menos desigualdade econômica e social e expandir o direito à cidadania, elas resultam numa *reacomodação da cartografia vigente* se não se acompanham de um deslocamento no plano micropolítico. Sem resistência nesse plano, embora tais conquistas sejam indispensáveis [...], deixam-se de lado outras conquistas essenciais para que haja uma mudança efetiva. É que se a subjetividade e a cultura permanecem predominantemente regidas pela mesma lógica do ponto de vista micropolítico, *tudo volta necessariamente para o mesmo lugar, exatamente aquele do qual pretendíamos sair*. (ROLNIK, 2016, p. 6-7, grifo nosso).

Mas, para além do limite que avalia, nesse caso, o que pode o governo da esquerda, existe o **limiar**. Processo de desterritorialização absoluta que faz com que seja operada a mudança de natureza do agenciamento e *que marca uma mudança inevitável* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 140). O ‘limiar’, na presente discussão, marca o momento em que a sustentação de um dado *mundo e de sua idealização* desmorona, seja pela flecha lancinante de um golpe desferido, seja pela perda de interesse e sentido de um território político ou existencial, indicando a necessidade de operarmos um deslocamento da *micropolítica dominante* (ROLNIK, 2016).

Quando um território existencial não faz mais sentido, caotiza, desaba, é que uma máquina desmanchou, e isto significa que os fluxos que a compunham se conectaram com outros fluxos, operando outros cortes, agenciando-se em outras máquinas, produzindo outras linhas de virtualidade, que poderão vir a tomar consistência em novos territórios existenciais. (ROLNIK, 1993, p.3).

A perda de sentido de um território existencial, seu ‘desmanchamento’, consiste na irrupção de uma crise, uma nova ordem composta de caos que pede passagem. A instauração dessa ‘crise’ no campo da política governamental, por exemplo, nos convida a *inventar a política* por meio da produção de *corpos políticos* (MERHY, 2017). Produção de corpos políticos no sentido de experimentar coisas. Há algo ainda muito do *informe* acontecendo nesse plano de experimentações que diz também dessa nossa crise, de qual lugar onde a gente está; que essa velha concepção de política e sobretudo de mundo não funciona mais (ou melhor, não produz mais os efeitos outrora desejados) e que existem possibilidades de outras produções. Isso implica dessubjetivar nossos ‘corpos militantes’, desestabilizar uma certa

significação acerca do que é a luta política e os nossos lugares de identificação com ela. Na esteira desse campo de problematização, soam interrogações necessárias. Quando a política deixa de ser da existência? Onde poderemos encontrar sinais ou pistas de possibilidades outras de enfrentamento e arranjos que requerem a produção de outros modos de sociabilidade, outras formas de ativismo, um novo jeito de ‘(com) viver’?

Do Occupy Wall Street à Ocupação dos Secundaristas, acompanhamos o pulular de protestos de toda ordem em diferentes lugares do globo. Contudo, a crise do presente que estamos vivenciando extrapola o campo da política institucional.

Se os protestos tangenciaram uma recusa da representação, talvez também expressaram certa distância em relação às formas de vida que se tem imposto brutalmente nas últimas décadas, no nosso contexto bem como no nosso planeta como um todo: produtivismo desenfreado aliado a uma precarização generalizada, mobilização da existência em vista de finalidades cujo sentido escapa a todos, um poder farmacopornográfico, como o diz Preciado, capitalização de todas as esferas da existência, em suma, um niilismo biopolítico que não pode ter como revide senão justamente a vida multitudinária posta em cena. [...] Talvez uma outra subjetividade política e coletiva esteja (re) nascendo, aqui e em outros pontos do planeta, para a qual carecemos de categorias e parâmetros. (PELBART, 2015, p. 168).

Essa *outra subjetividade* – raio intempestivo que em meio à tempestade risca e cintila o escuro céu – pode operar uma espécie de sabotagem na hegemônica maquinaria signica que se ocupa historicamente da codificação da vida e das formas de vida. Nas entranhas dessa *mutação subjetiva*, é gestado um novo modo de existência. Nesse arranjo outro, o possível não se pretende transformador do real por meio da realização de um projeto formulado no plano da imaginação, do previamente concebido, daquilo que poderia ser, desconsiderando a própria mutação, mas num movimento expansivo, rumo no sentido da criação de um *campo de possíveis*. (ZOURABICHVILI, 2000; PELBART, 2014). Pululam, nesse campo, novas possibilidades de vida que implicam um novo redimensionamento dos afetos, uma avaliação do que se deseja e do que não se tolera mais. Neste contexto, parece urgente e necessária a fabricação de existências *que não existem*, de outros modos de conviver, de outros modos de produzir novos mundos. De que modo podemos, por meio da resistência, produzir outra(s) razão(s) do mundo?

A conversa com a Laura, em um encontro de ‘orientação’, também contribuiu para o desvio da rota (hesitantemente) em curso.

Falamos sobre minha impressão de que, para certos segmentos sociais, a atual conjuntura engendrada pelo enquadre da produção de mundo e produção das existências não

parece fazer parte de ‘seus mundos’, não a tomam enquanto problemática nem ‘bandeira de luta’, ainda que, de vários modos, acabem esmagados e subordinados. Como se o que avaliamos como questão/problemática não *colasse*. As atuais discussões, amplamente divulgadas e discutidas, sobretudo acerca das questões políticas, parecem nem sempre ser algo eleito como questão para ‘esses segmentos’. O que estou querendo dizer com isso? Trago como exemplo, a presença de alguns marcadores relacionados com a precarização do trabalho, tais como a perda de direitos trabalhistas, que as forças políticas apontam como importantes questões que, aparentemente, não parecem fazer sentido para determinados segmentos sociais, cujas vidas passam por fora desse arranjo – por serem historicamente precarizados, seja pelo trabalho intermitente seja pelo trabalho informal. Por outro lado, a precarização, nesses termos, operada pela Reforma Trabalhista vem sendo vivida por um outro segmento da população como novidade. Com efeito, a *bandeira de luta pelas condições e pelos direitos trabalhistas* não é hasteada por todos os segmentos societários.

Diferentemente é a “bandeira da aposentadoria”. Içada por ocasião da proposta governamental de Reforma da Previdência, essa bandeira vem mobilizando radicalmente expressiva parcela da população brasileira, independentemente do segmento ao qual pertence, pois, a despeito do valor a ser recebido quando da aposentaria, todos contavam com a possibilidade de que um dia o labor chegaria ao fim, sobretudo aqueles cujos corpos se encontram extenuados pelo cansaço acumulado nos tantos anos de trabalho. Do mesmo modo, a questão previdenciária certamente afeta e mobiliza vários segmentos porque, autônomos ou não, a maioria dos trabalhadores contribui ou contribuiu para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Entretanto, não podemos perder de vista que certas questões atravessam e interferem na produção da vida de mais ou menos gente, pois, embora a mobilização seja substancial, ela não atravessa a todos de igual modo. Ora, o que é que movimenta e o que não movimenta diferentes grupos societários? Sobre os segmentos sociais minoritários, o que sabemos? Por onde a vida (lhes) passa? O que os mobiliza?

É preciso colocar em questão, ainda, uma certa mitificação da passividade do povo brasileiro, pois tem muita gente que, para dar conta da vida e do que lhe acontece, vai ‘se virando’ das formas mais criativas. E parece que se elas não partem para um arranjo, um roteiro já previamente estabelecido (de ocupar as ruas sob a forma de aguerridas mobilizações e resistências), não estão fazendo ‘nada’, são ‘passivas’. Mas a questão parece outra: a da sobrevivência. Grande parte das pessoas está ocupada em sobreviver. E há quem possa interrogar, num arroubo do pensamento, “isso basta?”, perdendo de vista todo o necessário esforço e energia que a luta cotidiana pela sustentação da existência convoca nos corpos que,

inflados por pequenas doses de sopros de vida, seguem seus cursos afirmando sobrevivências e respiros possíveis.

No meio da conversa com Laura, um ‘desafio’: “você suportaria olhar para o esmagamento”? Eu topei, ainda que pouco soubesse como tal desafio/proposta/convite poderia ganhar corpo-cor-volume-contorno. Sair do campo da saúde para fazer uma discussão que importa para a saúde. Outras formas de vida que não se fiam pelas mesmas questões que enredam os *modos de existência hegemônicos* e não necessariamente vivem ou reconhecem essa crise em que dizemos estar imersos. Mas em que consiste pesquisar o “esmagamento”? Será, talvez, cartografar outras existências, aquelas que escapam das capturas presentes em lógicas que colam nos discursos conservadores ou aquelas que vão para os movimentos identitários? Existências essas que perseveram em uma vida que não cessa de variar e surpreender com ‘acontecências’ de toda ordem, de modo a convocar seus posicionamentos éticos e políticos, e também estéticos. Existências que se fiam no *entre*, na provisoriedade de arranjos fugidios, móveis.

Na contramão da direção seguida por alguns pesquisadores, cujas coordenadas despontam nas atuais investigações acerca do contexto sócio-político contemporâneo, entusiasmados e imersos em certos movimentos de “resistência” com forte apelo identitário, ensejo desviar inclusive do caminho que possa desembocar nos agrupamentos capturados pela lógica hegemônica. Resta, portanto, saber para onde olhar. Se não quero olhar/visitar nem esta nem aquela paisagem, é preciso tomar uma outra direção, e ao mesmo tempo é preciso aprender a olhar. Não se trata de procurar, mas de, por não saber o que se vai encontrar, espreitar, atenta ao que aparece, ao seu funcionamento, àquilo de que é portador. O que me mobiliza é a possibilidade de cartografar encontros com pessoas que não estão em movimentos sociais mais articulados, mas que, de alguma forma, estejam nesse movimento de produzir a vida de outros modos a despeito da sujeição e do esmagamento. Interessa-me como fazem isso, do que se valem, e como é possível sustentar um outro modo de existência, descolado dos ideais, sem que a experiência seja, por isso, ‘mortífera’.

Tento pensar para onde olhar sem correr o risco de fazer algo caricato. Diante dos reducionismos impregnados em generalizações discursivas que versam sobre o cotidiano das vidas que habitam a cena das periferias da cidade – onde os “homens vão para o bar, as mulheres para igreja e os jovens para o *pancadão*” – dizemos: “não tem só isso, há outras coisas...” Ficamos só nisso! Quais são essas “outras coisas”? Como é essa vida que para nós também vai ficando tão distante e que não conseguimos nem acessar de um outro jeito? Olhar para esse monte de gente que não está inserida nos movimentos (sociais), mas que está

produzindo a vida, sobrevivendo. Em meio a isso tudo, uma questão que me inquieta: “ir para as zonas periféricas não seria um achatamento de um certo olhar, de uma certa diferença?”. Medo de ser igualmente reducionista. Assim se não é possível saber de antemão o que olhar, é possível saber aquilo que já não mais move o meu olhar, e se perguntar então o que o move.

E foi assim que peguei carona nessas tantas ideias e rumei por um novo (in)certo trajeto. Mais do que uma abertura, a invenção de um caminho de pesquisa. Com a tarefa de prestar delicada atenção a esse ‘germe de ideia’ sem asfixiar ou extirpar a sua pulsação, ainda que hesitante, *informe*, pois o corte dos im-pulsos pode ser mortífero para uma ideia que reivindica germinação. É preciso desacelerar o passo; tatear o problema.

2 SOBRE A PRECARIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Vivemos com muitas interrogações acerca da produção do mundo contemporâneo, questão que de algum modo pretendo explorar no meu estudo. Só aqui neste texto já lancei mão de diferentes autores que debatem esta questão.

Trago para a cena mais um, que propõe que para compreender de modo não simplista, ou fragmentário, os movimentos que vêm agitando a conjuntura atual, é preciso efetuar um mapeamento das forças em jogo na *racionalidade* que orienta uma nova forma de produção de mundo, a “nova razão do mundo” (DARDOT; LAVAL, 2016). A operação dessa nova racionalidade se vale de todo um aparato de regulação, controle, modulação, incitação e, sobretudo, da produção subjetiva, cognitiva e desejante. O funcionamento da máquina neoliberal consiste na operação de múltiplos dispositivos que, capilarmente, se instalam e abarcam todos os meios de produção, ou seja, seu alcance vai da produção subjetiva (dimensão individual) à “produção de uma nova institucionalidade *governamentalizada*” (MERHY, 2018b)³.

Michel Foucault formulou, a partir do curso ministrado no Collège de France entre os anos 1978 e 1979, o conceito de *governamentalidade*, utilizado primeiramente no sentido de identificar e analisar os variados modos pelos quais se dava o exercício da biopolítica (MARTINS; PEIXOTO JUNIOR, 2013). Nela, a finalidade do governo consiste menos na ação de governar do que na condução e gestão da qualidade de vida, do aumento de recursos e longevidade da população. Interesses individual e geral são objeto e instrumento essenciais para o governo da população, inaugurando *novos esquemas táticos e técnicos* (FOUCAULT, 2015). Paulatinamente, Foucault vai deslocando seu foco da temática das relações de poder e inicia um entrecruzamento entre a biopolítica e as técnicas de governo de si. Ao mesmo tempo, marca a passagem da economia (antiga gestão da família) para um setor específico da realidade: a constituição da economia política como técnica de intervenção governamental, isto é, um tipo de racionalidade governamental. Foucault já alinhava, aqui, o imbricamento entre *biopolítica, economia política e liberalismo* (MARTINS; PEIXOTO JUNIOR, 2013).

O governo de um Estado pautava-se na instalação da economia em toda a extensão compreendida pelo Estado, ou seja, estabelecia relação de controle e vigilância da população, das riquezas do território e das condutas individuais e coletivas. É neste cenário que a ‘noção’

³ Discussão feita por Emerson E. Merhy sobre o livro *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (DARDOT; LAVAL, 2016), como parte das atividades do encontro da linha de pesquisa “Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde”, realizada na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo em 4 de abril de 2018.

de economia passa por uma mudança de sentido: de uma *forma de governo* no século XVI à esfera de ação do governo por meio de processos capitais a partir do século XVIII. De forma sintética, pode-se considerar que a arte de governar (do fim do século XVI ao começo do século XVII) instituiu uma primeira via de expressão quando organizada às voltas da temática da razão de Estado em seu sentido positivo: uma arte de governar pautada por racionalidades governamentais que lhes eram próprias (FOUCAULT, 2015). Com efeito, o sentido desta noção de governo, atribuída por Foucault, não mais passa pelo estatuto da institucionalidade do governo de um Estado, mas por uma operação que se pauta no governo das condutas humanas.

A partir desse deslocamento, que fez da governamentalidade uma nova perspectiva analítica, Foucault traçou um plano de análise que não se tratava da elaboração interpretativa do liberalismo, “mas de um plano de análise possível - o da ‘razão governamental’, isto é, dos tipos de racionalidade que são postos em ação nos procedimentos pelos quais a conduta dos homens é conduzida por meio de uma administração estatal” (FOUCAULT, 2008, p. 437). Nesse âmbito, uma racionalidade política se funde com uma *racionalidade governamental* (DARDOT; LAVAL, 2016).

Portanto, explicar a nova razão do mundo somente pela temática da financeirização do capitalismo neoliberal consiste numa explicação economicista e fragmentária. Tal explicação não avalia toda a complexidade que essa racionalidade neoliberal engendra, pois, o que está em questão é a fabricação de subjetividades e o governo de todas as esferas da vida, não só da dimensão econômica.

No rastro desta problematização, está o desdobramento de uma questão importante – espécie de catalisador da mudança de direção da presente pesquisa –, cuja presença se impõe na atualidade e incide sobre o nosso cotidiano: a precarização da vida. Não se trata da precarização do trabalho, do desemprego ou da terceirização, mas da *precarização da existência* e do mecanismo utilizado pelo capitalismo neoliberal que se vale do medo enquanto estratégia de produção de riqueza. Como uma forma de condicionalidade, a produção da riqueza pelo neoliberalismo capitalístico imprescinde da produção de existências precárias e de corpos marcados pelo medo. A nova produção de valor, espécie de mais-valia, passa por aí: “vive dos corpos e das vidas dos corpos” (MERHY, 2018) ⁴. Na esteira dessa ideia, Merhy conclui que o neoliberalismo se ocupa da produção da precariedade da vida, não

⁴ Discussão feita por Emerson E. Merhy sobre o livro *Estado de inseguridad. Gobernar la precariedad* (LOREY, 2012), como parte das atividades do encontro da linha de pesquisa “Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde”, realizada na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo em 2 de fevereiro de 2018.

de sua exploração. Precarização para além da esfera do trabalho, que se espraia sobre toda a dimensão da vida.

Polissêmica, a temática da precariedade desdobra-se em diferentes possibilidades de discussão e sentidos: da precariedade material e social (condição natural da vida, processos de trabalho, pauperização como efeito da desigualdade social, etc.) à ampliação do conceito de precariedade, coextensivo à vida, enquanto *modo de produção subjetivante*. Pensar a existência como precária nestes termos implica a construção de um olhar atento sobre os modos com que os corpos-existências vão fabricando conexão com/no mundo para se manterem vivos. Para além da precarização das condições materiais da vida, uma outra modalidade de engendramento do precário incide, agora, sobre a vida na sua dimensão existencial. Não se trata mais da verificação dos efeitos concretos da precarização laboral cujos desdobramentos são o desemprego ou a terceirização do trabalho.

Lorey (2012) tece uma crítica em relação ao posicionamento do sociólogo Robert Castel, observando que este, embora identifique o aspecto móvel da precariedade, acaba reduzindo-o a uma espécie de movimento pendular que pode oscilar entre ascensão ou declínio da posição social. Deste modo, Castel localiza nessas posições a existência de lugares seguros ou não, bem como sinaliza que o estado de constante ameaça decorreria do binômio ‘ascensão/declínio’ social. Apontando tal reducionismo, o esforço da autora consiste em ampliar o conceito do ‘precário’. Nesse sentido, irá pensar a precariedade enquanto dispositivo de poder governamental, produtor da sensação de ameaça iminente que instaura toda uma atmosfera de medo que, absorvida pelos corpos, enreda e captura a expressão da vida na contemporaneidade.

No âmbito da noção capilarizada de precariedade, que não se instala nessa ou naquela classe social, mas nas vidas, o emprego ou o salário não são mais condições que podem nos manter imunes à precarização uma vez que a sensação de insegurança afeta indiscriminavelmente toda sociedade. A precarização da existência, questão relevante e presente no cotidiano das vidas, conjuga a precariedade da existência com a instauração de marcas do medo sobre os corpos, condição de possibilidade para a produção de riqueza do capitalismo em sua faceta neoliberal. Imbricamento de uma outra configuração da gestão biopolítica das vidas com um novo mecanismo de acumulação e produção de valor operado pelo capitalismo. Este mecanismo não mais enseja a sobrevivência dos corpos, mas a constituição subjetivante dos corpos como capital. Foram extrapolados os limites físicos que circunscreviam o trabalho industrial nas instituições disciplinares. A capacidade cognitiva dos corpos, seu potencial criativo, plástico e comunicacional (no sentido da possibilidade da

cooperação entre corpos-cérebro-humanos engendrarem uma circuitaria de complexas redes sinápticas) são – a um só tempo – localidade e força motriz que impulsiona a produtividade econômica na tônica neoliberal.

O verdadeiro espírito da acumulação semiocapitalista está em que ela não se restringe ao campo da mais-valia econômica, mas usa todos os meios possíveis de captura e gestão da subjetividade, de suas capacidades e poderes de apropriação e modulação do tempo, do desejo e da criatividade do sujeito. Ela não só opera na dimensão de nossas ações reais em tempos e espaços específicos (tarefas de trabalho, lugares e horários de trabalho reais) como também enterra seus dentes diretamente no molecular, no aleatório, no incerto e indeterminado que ainda se encontra em processo de devir. [...] Ao estender as estruturas e riscos de produção às estruturas da subjetividade, incluindo o sentido, o desejo e as relações, o semiocapitalismo⁵ levou a crise ecológica até nosso ambiente mental. (VIRTANEN, 2011, p. 54).

A precariedade da vida é menos o alvo da ação predatória e exploradora do neoliberalismo do que seu produto. De acordo com Merhy (2018), “o neoliberalismo não se produz se não tiver a constitutividade da precariedade e dos corpos medrosos”, de modo que a produção do valor não mais é extraída por meio da força de trabalho, mas a produção da riqueza é, agora, deslocada para o consumo dos corpos e das vidas dos corpos.

Judith Butler⁶ irá situar a questão da precariedade como modo hegemônico de um governo de si e dos outros, engendrado por uma nova forma de regulação e poder que emerge na lógica neoliberal. De acordo com essa perspectiva, a precariedade pode ser entendida como produtora tanto de sujeitos quanto de estados induzidos de medo e insegurança que passam a ocupar lugar central nas preocupações do sujeito. Uma vez compreendido que a precariedade constitui-se como efeito de técnicas governamentais, que abarcam tanto a insegurança na esfera econômica quanto uma modulação/regulação subjetiva, é necessário procedermos à análise que interroge os modos pelos quais historicamente temos sido governados no contexto da precarização e, por outro lado, como exercemos o governo de nós mesmos (BUTLER, 2012; LOREY, 2012).

Deleuze (1992) já havia sinalizado que “a fábrica cedeu lugar para a empresa. A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas,

⁵ Virtanen (2012, p. 53) define o *semiocapitalismo* como sendo “menos uma forma de produção do que a produção de uma forma: um maneirismo, produção de hábitos, crenças, desejos, concepções e expressões de subjetividade nele incorporadas”.

⁶ Prefácio, escrito por Judith Butler, ao livro da cientista política Isabel Lorey (2012): *Estado de inseguridad. Gobernar la precariedad*. Disponível em:

https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Estado%20de%20inseguridad.%20El%20gobierno%20de%20la%20precariedad_Traficantes%20de%20Sue%C3%B1os.pdf

deformáveis e transformáveis, de uma mesma *empresa que só tem gerentes*” (DELEUZE, 1992, p. 224, grifo nosso). O modo de funcionamento empresarial passa a nortear as relações nos âmbitos social, econômico e pessoal. Emerge daí a noção do empreendedorismo de si. Essa lógica perversa, do indivíduo transformado em empresa, consiste em dividir aqueles que ‘deram/darão certo’ daqueles que ‘não’. Esse autoempreendedor é levado a acreditar que suas ações individuais (como esforço, trabalho e mérito) garantirão o êxito no plano econômico-social-pessoal, incitado a uma contínua *boa gestão de si*. Confluência da produção desejante com o desejo do investimento (capital). Contudo, o que essa autogestão contínua incita não é necessariamente o temor frente à pobreza ou ao deslizamento social, mas o *medo do fracasso da própria existência* (MERHY, 2018). Produção da insegurança de se ‘sustentar’ na vida que paralisa o próprio viver a vida. Ora, paralisia da vida de quem? Isso ‘cola’ para todos? Estamos falando da produção de mesmas marcas, nos mesmos corpos, da mesma forma?

A narratividade que intentamos produzir para mapear o que atualmente vivemos como precariado, busca instituir-se na direção das marcas antigas, ou seja, os discursos retomam um certo modo de falar da política, das organizações... (MERHY, 2018). Entramos em um ‘*novo bombardeio*’ que lança sobre os corpos uma ‘*afecção brutal*’, e é nesse ponto que não temos “conseguido co-operar novos territórios, do ponto de vista da narrativa, que produzem um outro mundo” (MERHY, 2018).

Ora, mas *o que se passa no corpo quando algo o atravessa brutalmente?* Seja nas dimensões biológica e existencial seja nas dimensões social e institucional – dimensões essas que delineiam algumas das formas de *presentificação* dessas *corporalidades* na vida –, quando tomado por um atravessamento brutal, o que se passa é a ideia da iminente suspensão/perda de uma certa funcionalidade (do corpo *com órgãos*)⁷ e do estancamento dos fluxos conectivos que forjam a rede de relações que sustenta o corpo. Decorre, igualmente, a incitação da propagação de angústia, insegurança e desassossego por meio dos quais a máquina desestabilizadora ameaça-medo é instaurada, assim como a irrupção de um estado de

⁷ Em contrapartida, o conceito de *corpo sem órgãos* (CsO), formulado por Antonin Artaud e desdobrado pelos filósofos Deleuze e Guattari (1996), que faz oposição ao organismo, ou seja, à demasiada organização utilitária dos órgãos do corpo que o reduzem ao orgânico. De acordo com esses autores, o *corpo sem órgãos* é incessantemente esmagado pela constituição e fixação dos estratos de *significância* (interpretação de signos) e *subjetivação* (submissão do indivíduo aos enunciados vigentes). Desse modo, a proliferação dos estratos ocorre quando a produção do plano de imanência é interceptada. “O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. [...] Nós não paramos de ser estratificados” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 22).

convulsionamento enquanto efeito das brutais afecções que pulverizam, coagem e despotencializam o corpo.

Que estratégias são engendradas para dar conta desse estado de padecimento? Ao corpo trêmulo, convulsionado e apartado de sua potência de agir é apresentada uma pluralidade de vias de possíveis ações das quais, a título meramente ilustrativo para a presente discussão, me deterei sobre duas. Uma dessas vias de ação consiste nas múltiplas, e por vezes inomináveis, possibilidades de se conectar nesse tremular convulsivo para que o corpo possa aliar-se com forças ativas ensejando fazer disso que lhe acontece uma possibilidade de invenção de vida e de formas de resistência, ainda que isso implique a tentativa de firmar os pés em um *frágil equilíbrio ameaçado* (LISPECTOR, 1999). Na segunda via, “O corpo sofre de um ‘sujeito’ que o age – que o organiza e o subjetiva” (LAPOUJADE, 2002, p.85). Há, portanto, uma fabricação de assujeitamento na qual a medicalização é um dos vetores que se apresentam como condição de possibilidade para o aplacamento da dor (res)sentida pelo corpo na tentativa de tornar vivível o que lhe acontece. A uma gama de analgésicos, ansiolíticos, antidepressivos e terapêuticas, as mais variadas, as dimensões biológica e existencial do corpo submetem-se e/ou são submetidas.

Já nas dimensões social e institucional, o esforço é de igual modo aplacar e aniquilar o que está convulsionando, ou seja, a violência e seus efeitos incididos sobre os corpos. Entretanto, nesse caso, o *remediamento* não se dá somente por meio da ação (neuro)química ou terapêutica, mas também por uma espécie de medicalização do corpo social e institucional, cujos principais mecanismos de ação são a polícia, a mídia (forte produtora de imaginário social) e a presença reguladora do Estado intervencionista (ou do Estado em nós) como formas de assujeitamento e garantia da ordem e do reestabelecimento do eixo deslocado na trepidação convulsionante desse corpo atravessado. Nesta operação, tal atravessamento é transformado em uma intensa produção micropolítica – dado que não passa somente no âmbito do Estado – da violência e da sensação de insegurança pela impossibilidade de conviver com a diferença, ameaças contínuas contra as quais são justificadas todas as formas de intervenção (militar, repressiva, opressiva, invasiva...) em nome da pauta da (in)segurança.

Essa discussão me fez recordar de uma experiência vivida em Assis-SP, cidade onde morei durante os cinco anos da minha graduação. Havia uma senhora, conhecida como ‘Xuxinha’ (certamente pela forma como prendia seus dourados e ralos fios que se assemelhava à apresentadora). Sempre muito enfeitada, coberta por adereços de diferentes cores, formatos e texturas. As roupas eram de estampas coloridas. Xuxinha morava em uma rua perpendicular à rua que ficava o pequeno prédio que morei durante três anos. Sua casa não

era muito grande, mas tinha um quintal com suficiente espaço para abrigar uma variedade de móveis e objetos que eram ajeitados por ali. O quintal também era povoado por seus muitos gatos. Ela era ‘catadora’ de materiais recicláveis e circulava pelo bairro e imediações na coleta dos mesmos. Embora eu nunca tenha perguntado, acredito que ela selecionava talvez os mais bonitos e interessantes objetos/móveis para compor, em algum lugar, a casa e o quintal. Foi então que, certo dia, os moradores do bairro decidiram fazer um mutirão para ‘limpar’ a casa da Xuxinha, pois, para eles ela fazia parte do grupo - que se convencionou chamar e enquadrar na categoria do *distúrbio* - dos acumuladores. E assim, prosseguiram com a ‘operação-limpeza’.

Daquele cenário, limpavam-se também outras tantas coisas. Talvez a vida que por lá circulava. No quintal, só restou a casa e uns poucos gatos. Nos dias subsequentes, não via mais Xuxinha circulando pelo bairro. Às vezes, na volta da Faculdade, eu a via no quintal vazio, com expressão lânguida, ao lado de um gato ou outro que lhe fazia companhia. Essa cena foi ficando cada vez menos frequente. Passado um tanto de tempo que agora não me recordo, recebi através de um amigo, que também morava por lá, a triste notícia de que ela havia falecido. Ficamos em silêncio. A notícia nos varreu as palavras e nos deixou cheios de um enorme vazio. O ‘algoritmo da assepsia’ oferecido a ela não pôde ser acessado por aquele corpo que se produzia de um outro modo na vida. Ela não pôde ou talvez não tenha querido acessar; não havia porosidade ou talvez esse algoritmo tivesse lhe obstruído os poros.

Talvez essas análises nos tragam pistas que poderão nos instrumentalizar para a recusa do regime de instauração do precário. Nesse sentido, tomando o poder em seu caráter polifônico, que engendra tanto sujeição/dominação quanto possibilidades de resistência, resta interrogar o que chamamos e entendemos como formas de resistência.

3 SOBRE CONSTRUIR UM CAMPO DE PROBLEMA

É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo. Até agora achar-me era já ter uma idéia de pessoa e nela me engastar: nessa pessoa organizada eu me encarnava, e nem mesmo sentia o grande esforço de construção que era viver.

Clarice Lispector

Uma ideia desacompanhada não tem força de se tornar uma questão. Talvez ela possa virar *objeto*, mas não um *problema de pesquisa*. O que as ‘ciências duras’ convencionaram chamar de objeto de pesquisa trata-se de objeto estanque a ser definido e, posteriormente, descrito. Será ele que, de certo modo, irá “determinar” o rumo da pesquisa. Aqui, salvo exceções, o olhar do pesquisador é unidirecional. Diferentemente é o campo de problema, pois este nos convoca a nos colocarmos disponíveis para o problema, *fabricar questões* e algumas poucas ferramentas que nos ajudarão a tensioná-lo, remexe-lo, desdobra-lo, estranha-lo e até dele nos encantarmos. Implica ainda mais movimento, sendo preciso percorrê-lo, explorá-lo. O olhar, ainda que requeira atenção, é multidirecional. Cria-se ‘(trans)visões’ que não podem ser acessadas pelo *olho retina*, mas que são perceptíveis ao *olho-do-invisível* (ROLNIK, 2007).

As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer. A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema, antes de se encontrar a solução. (DELEUZE; PARNET, 1988, p. 9).

Então, me lançar neste exercício da escrita (e da pesquisa) é, igualmente, me lançar ao exercício de ‘catar’ ideias, tatear e percorrer um campo, mas não para reproduzir uma perspectiva estanque, que observa permanentemente seu curso sem que haja variação, em que não há uma superfície de contato, pois o reproduzido está apartado daquele que reproduz, está à margem do fluxo. Porque

[...] *seguir* é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato forçados a seguir quando estamos à procura das “singularidades” de uma matéria ou, de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma; quando escapamos à força gravitacional para

entrar num campo de celeridade; quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair dela constantes, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 42, grifo nosso).

Por não saber ao certo para onde vou, acolho o risco de me desprender da pretensa necessidade de sabê-lo, imperativo tácito que povoa o imaginário acadêmico. Assim, posso observar o entorno e espichar meu olhar, acompanhando a extensão da linha do horizonte, mas não no sentido de assumir o limite do/no campo de visibilidade. Construir um olhar sensível e disponível é inventar paisagens, *transvendo* e transformando essa [não mais limítrofe] linha em campo aberto e contorno que irá permitir aos olhos, nesse mesmo horizonte, compor uma mirada onde se faz possível o toque do céu na terra e no mar⁸.

A possibilidade de se ocupar de coisas que aparentam não ter significância (*a priori*) é condição e efeito do não saber. Mas significância para que(m)? Qual é a importância do ‘não saber’ para um pesquisador?

O pesquisador das ciências hegemônicas irá produzir teorizações/equações sujeitas à imprevisibilidade do mundo real. Na tentativa de controlar o grau de incerteza das proposições, algumas ciências irão se fundamentar no método científico experimental/explicativo, considerando a quantificação uma base confiável que viabiliza o controle pretendido dessas incertezas. Aqui não importa o que nos impele, mas o que se espera. Ao contrário, quando não sabemos onde estamos, somos impelidos a algo.

Em primeiro lugar, é preciso desacelerar o passo, o que implica um segundo movimento necessário: prestar atenção. Uma *atenção flutuante, à espreita*:

Seu funcionamento não se identifica a atos de focalização para preparar a representação das formas de objetos, mas se faz através da detecção de signos e forças circulantes, ou seja, de pontas do processo em curso. A detecção e a apreensão de material, em princípio desconexo e fragmentado, de cenas e discurso, requerem uma concentração sem focalização [...]. (KATRUP, 2012, p. 33).

E quando não se sabe aonde vai, é preciso, ainda, um terceiro movimento: a criação de referências e a procura por aliados que pegam carona na pulsação de um ziguezagueante pensamento. Seja na literatura, seja nas lembranças de filmes ou daquelas que o corpo guarda

⁸ Desdobramento da definição que, por curiosidade, decidi procurar na Wikipédia: “o **horizonte** (do grego antigo ὁρίζων -ovtos, de ὁρίζω "limitar") é definido como a linha aparente ao longo da qual, em lugares abertos e planos, observamos que o céu parece tocar a terra ou o mar”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Horizonte>.

como matéria viva... Firmar-se na agitação do caos e não criar raízes fixas quando da ancoragem em terra firme. Inventar uma narratividade, escrever mais de perto.

Quando falamos de invenção, nos referimos à invenção dos próprios problemas. *Apresentar novos problemas, ou seja, problematizar, é resistir ao saber que já está pronto e à reconhecimento. Isso significa acolher e habitar a incerteza.* E nem sempre é fácil e trivial abrir mão da tendência à reconhecimento, quebrar esquemas sensório-motores, conexões mecânicas de percepção-ação. (KASTRUP, 2016, p. 4, grifo nosso).

O pesquisador que se engaja no despovoamento do lugar instituído do *suposto-saber* se permite repousar em um ‘não saber’, lugar mais arejado; vital. Operação de um deslocamento que não se passa meramente no campo semântico, mas que encarna uma mudança de posição.

Quando já não nos conectamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência [...] para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação. (PASSOS; BARROS, 2012, p. 31).

Assim emerge um pesquisador-cartógrafo. Ele é aquele que não sabe de saída aonde ‘as coisas’ o irão levar. Movido por inquietações, por uma *proto-ideia* ou por uma questão ainda em estado larvar, rumo em direção de algo que deseja *verificar*⁹, e que seu olhar obnubilado não consegue ainda enxergar com clareza. A bússola, agora, somente pode oferecer descoordenadas para os passos que, hesitantes, parecem caminhar no nevoeiro. Como “não [há] no lugar nenhum caminho de fugir”, é preciso que “se [invente] de caminhos com as novas palavras” (BARROS, 2013, p.28) e com ideias novas. O exercício é o de não ceder ao medo, barrando o movimento pela não possibilidade da nitidez imediata. Assim, vai esboçando aproximações com o *informe* campo de pesquisa, tateando e cercando-o vagarosamente, até que consiga construir uma (in)certa visão em perspectiva; um ‘ver’. Derivas cartográficas. Volta a ser criança ao estabelecer e afirmar uma relação outra com a

⁹ Deleuze, na *Carta a Serge Daney: otimismo, pessimismo e viagem*, tece quatro observações que “talvez” tangencie “toda reflexão sobre a viagem”. De acordo com a “terceira observação, a mais profunda ou a de Beckett, ‘mós não viajamos pelo prazer de viajar, que eu saiba somos idiotas, mas não a tal ponto’... Então, em última instância, por que, senão para *verificar*, ir verificar algo, algo inexprimível que vem da alma, de um sonho ou de um pesadelo, nem que seja para saber se os chineses são tão amarelos quanto se diz, ou se tal cor improvável, um raio verde, tal atmosfera azulada e púrpura, existe de fato em algum lugar, lá longe?” (DELEUZE, 1992, p. 100, grifo do autor).

experiência e a aprendizagem: se a criança tentasse antecipar um acontecimento porvir (cair, se machucar, ralar o joelho), não se lançaria ao vertiginoso desafio que é aprender algo (como andar de bicicleta, por exemplo). Com efeito, o pesquisador-cartógrafo faz da pesquisa a possibilidade de aprender algo, entretanto, agora sabendo que pode levantar quando dos tropeços e quedas pelo caminho.

4 O QUE MOVE O CORPO NUM CAMPO DE PROBLEMA

Antes da efetuação deste processo de desvio na rota, o desejo já apontava na direção de uma tímida ideia: olhar para a miudeza, para o invisível movimento dos tantos viventes que, para se sustentarem na vida, precisam (re)inventá-la diariamente. Olhar menos na direção dos movimentos historicamente organizados ou das novas, e também potentes, formas de mobilização (Ocupação dos Secundaristas, por exemplo), mas para “a existência em manutenção, ao mesmo tempo se deteriorando, se desterritorializando, mapeando a si mesma e engendrando devires” (GUATTARI apud VIRTANEN, 2011, p. 53). Olhar para vida e, sobretudo, para os que nela insistem; os viventes. De encontro, a sugestão de uma ideia/desafio vinda da *parte* de minha orientadora – *você suportaria olhar para o esmagamento?* Espécie de sugestão que funcionou “como um grão de poeira que, suspenso no ar”, convocou “uma gota de chuva”. Antes da pesquisa, “o que existe não é senão um nevoeiro. É crucial que não seja possível ver o caminho. É preciso, sim, adivinhar o destino. Porque a maior parte das vezes, na nossa vida cotidiana, vemos o que já foi visto, vemos o que sabemos ver e prever”. (COUTO, 2016, p.3), é preciso ver outra coisa, olhar de outro modo, desaprender o que se sabia e que só podia nos fazer algumas coisas e de uma certa maneira.

Deleuze nos instiga a procurar, nos mais variados lugares, uma *ideia bem diferente* (DELEUZE; PARNET, 1998), algo que se passe somente no interstício de um e outro domínio, algo gestado no encontro, que não se pode encontrar sozinho. Uma composição por aglutinação. A “ideia bem diferente” pode irromper num acaso ou num acaso, e pode ser *dada* por alguém, por um livro, um filme, uma cidade, uma vida... Fui procurar essa *ideia* – condição de possibilidade para a produção de olhares e saberes em perspectiva, prenes de uma necessária sensibilidade que possa acolher o que ainda está em vias de ser visto, pensado, sentido – em lugares bem diferentes.

Inspirada pelo método utilizado por Eduardo Coutinho em sua obra documental, que consistia em conversas e numa escuta fina das narrativas de pessoas comuns, criando uma “poética do invisível” a partir do considerado banal do cotidiano; pelo modo de olhar para o mínimo das existências, encontrado na obra de David Lapoujade (leitor de Souriau); por um modo de olhar que se esquia do *extra-ordinário* e se ocupa em olhar para o *infra-ordinário*¹⁰ da vida humana, trazido pela literatura de Georges Perec, escritor que me foi recém

¹⁰ PEREC, Georges. Aproximações do quê? **Revista Alea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 178-180, 2010. Tradução de Rodrigo Silva Ielpo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a14.pdf>

apresentado e que estou em momento inicial de experimentação; pela minha curiosidade de menina nas histórias de vida e nos *causos* contados pelos mais velhos, e pelo olhar atento ao que era quase ínfimo e sutil (lembro de observar e imitar o gesto de um mosquito).

Assim, é no interstício de um e outro domínio que *essa outra ideia* tem sido gestada, não sendo preciso conhecer de antemão todos os movimentos, desafios e obstáculos do caminho a ser trilhado, mas procurar encontrar, na **incerteza**, a potência e a força de ‘outramento’ que porta uma ideia em vias de diferenciação.

5 SOBRE O QUE NÃO É VISTO

Penso em uma criança que dispôs diversos objetos, grandes e pequenos, cuidadosamente, longamente, de uma maneira que ela achou bonita e ornamental, sobre a mesa de sua mãe, para “agradá-la”. A mãe chega. Tranquila, distraída, pega um desses objetos do qual ela vai precisar, recoloca um outro no seu lugar de sempre, e desfaz tudo. E quando as explicações desesperadas que acompanham os soluços contidos da criança lhe revelam a extensão do seu pouco caso, ela exclama desolada: ah, meu amor, eu não vi que era alguma coisa!

(Souriau apud Lapoujade).

Ora, mas o que não foi possível apreender? O que a mãe alega não ter visto? O que seria aquela “alguma coisa” que sua percepção não detectou? “Podemos dizer que é a disposição cuidadosa dos objetos que mostra a presença de um ponto de vista preciso da criança. Podemos dizer que é a ‘alma’ da criança – inteiramente transportada para a disposição dos objetos” (LAPOUJADE, 2017, p. 43). O que a mãe vê é somente os objetos; o que lhe escapa à percepção é a instauração¹¹ do modo de existência dos objetos de acordo com a perspectiva da criança. Um ponto de vista não foi visto. Uma virtualidade não foi percebida. E se deslocarmos o exemplo de Souriau para uma outra realidade e contexto – a dos segmentos sociais minoritários que habitam zonas periféricas da cidade – e substituímos essa tal *disposição cuidadosa dos objetos* por **‘arranjo vital dos pequenos fazeres cotidianos’**, o que é possível ver? É visto o modo de existência desses ‘fazer’ sob a perspectiva dos viventes, aqueles que o instauram? Vê-se o arranjo esboçado “diante de seus olhos”? (LAPOUJADE, 2017, p. 44). É percebido o ponto de vista dos viventes?

Muitas vezes o que se vê são existências identitárias paridas em periferias caricatas, quantificadas e mitificadas. Vê-se a periferia, a improvisação de sua arquitetura, a distância em relação ao centro urbano, sua composição étnica, social e econômica, a violência, as estatísticas. É lançado um tipo de olhar que sufoca a vida antes mesmo que ela possa se expressar. Olhar que não se conecta com a potência, mas com a impotência encarnada na

¹¹ Instaurar é o ato que permite o aumento de realidade das existências, garantindo que ela exista por ela própria. “Como pode um ser, no limite da inexistência, conquistar uma existência mais ‘real’, mais consistente? Com que gesto? Qual é a ‘arte’ que permite que as existências aumentem sua realidade? São provavelmente as existências mais frágeis, próximas do nada, que exigem com força tomarem-se mais reais. É preciso ser capaz de percebê-las, de apreender seu valor e sua importância. Portanto, antes de colocar a questão do ato criador que permite instaurá-las, é preciso se perguntar o que é que permite percebê-las” (LAPOUJADE, 2017, p. 41).

estratificação da vida e do campo social de onde são extraídas certas categorias. O que uma categoria aprisiona? Indivíduos? Uma população inteira? Uma vida? Como extrai-los dessa estratificação? Como ampliar e intensificar a vida, fecundar o mundo de possibilidades sem que essas sejam sequestradas pelo hegemônico modo de existência cuja tendência é minar a instauração de modos outros?

Como escovar essa hegemonia a contrapelo, revelando as *múltiplas formas que resistem, se reinventam ou mesmo se vão forjando à revelia e à contracorrente da hegemonia de um sistema de mercado*, por mais democrático que pareça? (PELBART, 2014, p. 256, grifo nosso).

Abrir visibilidades para um plano de existências mirado apenas de soslaio, abrir a percepção para *o que não é visto*. Acolher modos de existência marginais, anônimos, *infra-ordinários*. Nesse sentido, andar por outros lugares que não são os nossos habituais parece importante, assim como tentar extrair a vida de um dado aprisionado em categorias e pesquisas estatísticas para não perdemos de vista os embates, as problemáticas, os tensionamentos, enfim, toda potência de vibração e diferenciação que marcam a cadência expressiva de uma pulsação vital em vias de incessante **instauração**.

6 NO COMEÇO, TUDO PARECIA IMPORTANTE DEMAIS...

Importância tal que não cabia no tanto que os olhos podiam dimensionar, nem naquilo que os ouvidos podiam captar. Tampouco no que meu grafite podia imprimir, nas folhas em branco, enquanto registro narrado de uma memória encarnada. Adentrar um novo “ecossistema” exige atenção e abertura dos poros. Exige, ainda, o exercício constante do desmanchamento da pretensão de codificar, catalogar ou reproduzir o que nos chega. Trata-se da difícil tarefa de comunicar sensações, experimentações e modos de funcionamento que se movem na variação e divergência, na contracorrente dos fluxos instituídos e, assim, lutar menos pela pretensão que pela intenção de narrar, exalar e afirmar os efeitos dos encontros de tantas ordens e arranjos.

Quando encontrei Jerônimo, que me esperava em frente ao último ponto, trajando vermelho como havia combinado, estava ansiosa. Respiração curta. Ainda que tivesse ensaiado na cabeça, umas tantas vezes, como eu iria me apresentar, o primeiro aceno foi desengonçado, um tanto protocolar. Não consegui me despir da cerimoniosa apresentação que colocava a pesquisadora em mim à frente daquela inaugural aproximação. Como se, em um território desconhecido, qualquer couraça servisse como garantia de proteção. Mas proteção do que? De quem?

7 CARTA A UMA OUTRA ILHA

Cara Ilha Solteira,

Escrevo para lhe contar do ‘achamento’ de uma outra *ilha*. Na realidade, trata-se do Jardim Piracema, jardim insular, pois existe no interior de uma ilha, uma dita ‘ilha urbana’. Ilha achada e povoada de gente que avistou naquela porção de terra a morada possível. Nessa ilha outra, outros são os moradores, mas portam igualmente sedimentos das terras que deixaram para trás: memórias, histórias, saudades, desejos.

O contorno dessa ilha não é feito pelo abraço fluido das doces águas de um rio como esse que te acompanha. Uma terra que não está facilmente à vista, pois se encontra encapsulada por um extenso muro de concreto cinza invadido por alguns grafites e pichações. A outra parte que cerca essa ilha é um córrego que recebia (e ainda recebe) o lixo e esgoto produzidos pela comunidade. Uma ilha urbana que somente há cerca de quatro anos recebeu o básico da condição de urbanidade e civilidade: o saneamento. Saneamento que não contemplou a totalidade das moradias. Ruas de terra encontram ruas de pavimentação precária e recente. Recente também é a regularização das ruas. Nas esquinas, são avistadas placas que dividem a antiga identificação com a atual. Algumas ruas carregam o nome de quem compôs a história de luta daquela comunidade.

Já contam três as ‘viagens’ feitas para lá. Na primeira, o esforço de permanecer no desconfortável movimento de um ‘lançar-se’ sem preparação. A tentativa de antecipar os encontros porvir me colocava ainda mais ansiosa. Respirar para esvaziar todo um estado de prontidão. Como narrar um povo? Como narrar a história de uma comunidade que se funde com as histórias das tantas vidas que nela habitam, das lutas e resistências que a compuseram e, por isso, conseguir trazer toda a singularidade que porta? O medo de reduzir, em minha narrativa, a humanidade daquelas pessoas e da cotidianidade da vida, paralisa a escrita.

8 SOBRE ÁGUAS E VIVÊNCIAS

A escrita escorria lentamente na tela do computador ao mesmo tempo em que caía a chuva. Ao contrário da rua tomada pelas águas, as palavras teimavam em não se encharcar das memórias e sensações – inscritas no corpo a partir do campo da pesquisa – para confluírem no meu texto/narrativa. Da janela, espiava as águas que pingavam lá fora como se, com o olhar, pudesse impedir que qualquer gota fosse a derradeira, aquela que pudesse fazer o rio transbordar. Mas transbordou. Minha rua foi envolvida pelo (a)braço do Rio Tamanduateí. Rua e rio feito uma coisa só. À margem, eu, da janela, no alto do 10º andar, observava a água que *fagocitava* parte dos carros, plantas, calçadas e casas vizinhas.

No dia seguinte, essa água ainda tomava a rua e, à medida que escoava, deixava rastros de barro como aqueles que eu vi na sala da Ingrid em uma reunião da Associação de Moradores do Jardim Piracema. Havia chovido também no dia que precedeu esse encontro, mas, ao contrário do que venho experimentando, os desdobramentos da chuva pareciam bem mais previsíveis por lá. Não, não era só água e barro. Não quero com isso dizer que um acontecimento dessa ordem passa incólume, mas da percepção de que há uma tal organização para dar conta do acontecimento em sua previsibilidade, porque vivido um sem número de vezes. Há um combinado de que, quando houver forte chuva no dia anterior, a reunião não poderá acontecer na casa da Ingrid. Se a recorrência existe, e ela existe, como se organizar em relação aos efeitos produzidos pela chuva? Produzidos pela chuva?

No meu prédio, o excesso de água invadiu também ambos os subsolos da garagem. Da possibilidade do contato entre o sistema de gás encanado, da eletricidade e dos combustíveis – liberados pelos carros submersos –, emergiu o risco de potencial explosão. E do risco, a interdição. Restaram apenas algumas horas concedidas pela Defesa Civil para evacuar o condomínio. Atônita, subo os lances de escada até o 10º andar. O abalo não se deu na estrutura do prédio, mas no corpo aflito e extenuado que se desorganizava depois das poucas horas dormidas e da repetição de uns tantos pares de descidas e subidas (apartamento-garagem; apartamento-hall; apartamento-térreo e portaria) ao longo da noite e numa parte desse dia. Tomo fôlego. Coloco na mala e na mochila um retrato do meu irmão, alguns livros, notebook, meus cadernos de campo, produtos de higiene pessoal, um sapato e poucas roupas muito mal selecionadas. No corpo, a sensação de desamparo, angústia, tristeza e medo.

Despeço-me do apartamento que, após oito anos, recém-começara a ser investido da presença de amigos, plantas, adornos e pequenos cuidados. Do apartamento interditado segui para o quarto de hotel que dividi com meu pai que, felizmente, estava na cidade a trabalho.

Nas quatro noites passadas no hotel, mais desamparo e a despedida, meu pai precisava ir embora. Deixei o hotel também, dando início à peregrinação pelas casas de um querido amigo e do amoroso e acolhedor namorado. Ainda que envolvido por tantos gestos de delicadeza, generosidade e acolhimento, o corpo sentia-se violentamente arrebatado por essa desterritorializante experiência. Foram vinte e um dias fora de casa.

Já de volta, me esforço para reestabelecer a conexão com o texto, mas, agora, um texto inevitavelmente marcado pela experiência em que meu corpo esteve (sub)merso. Na dificuldade de narrar e encarnar essa minha experiência, peguei carona na embarcação conduzida pelo registro da memória que se criou naquele dia na casa da Ingrid. Nesse caso, me vejo bastante tomada por esse pequeno trecho que, dentre tantos outros, compôs o enredo de um campo de pesquisa fiado e povoado de histórias, encontros, sensações e experimentações. Contudo, ao evocar e misturar aqui duas experiências de dimensões distintas, a de Ingrid e a minha, o pensamento não cessa de interrogar qual seria o risco ou o potencial dessa narrativa. Tento escapar de possíveis reduções, desqualificações ou dimensionamento em termos proporcionais da ordem do vivido por nós duas, mas cedo, ainda que por instantes, à sensação de *avizinhamento* pelo efeito que tal experiência produziu e convocou no corpo, uma vez que tangencia a humanidade que nos constitui.

Saindo de minha insular experiência, o que salta aos olhos é o efeito de um sistemático desinvestimento em políticas urbanas travestido de catástrofes naturais. O que era vivido como experiência periférica alastra seu raio de devastação por outros pontos da cidade. PeriferiCIDADE. O naturalizado efeito *periferizante*, realidade de tantas ‘Ingridis’, visibiliza a necessidade de enfrentamento, seja individual ou coletivo, e incita a criação dos pequenos e singulares atos de resistência forjados no sentido de uma persistente luta pela vida.

9 TEIAS NARRATIVAS SOBRE EXISTÊNCIAS INFAMES

Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas
próprias, elas falam?

(Michel Foucault)

Em seus escritos sobre *A vida dos homens infames*, Michel Foucault (2006), logo de saída, nos informa que não se trata de *um livro de história*, mas de uma *antologia de existências*. Esta versa sobre o seu encontro fortuito – e consequente arrebatamento por sentimentos das mais variadas ordens e intensidades – com a efemeridade de vidas anônimas cujos idiossincráticos transcurso, com seus arroubos comportamentais, perfídia, nebulosidade e miséria, foram reduzidos a um apanhado de palavras vertidas em textos de poucas frases ou páginas, localizados em registros documentais dos séculos XVII e XVIII. Esses textos são delineados por notícias ligeiramente relatadas e por acontecimentos reais. São, ainda, atravessados por uma intensidade que Foucault não consegue definir se decorre da *violência dos fatos* ou da escolha das palavras que investe a narrativa de um tom de suplicio. A tarefa empreendida por ele consistiu na produção de uma coletânea de *vidas singulares* transfiguradas, por acasos desconhecidos, em *estranhos poemas*, formando, por assim dizer, uma *espécie de herbário*.

Na impossibilidade de restituir a intensidade pulsátil que vibrou em seu corpo quando do encontro com “essas vidas ínfimas que se tornaram cinzas nas poucas frases que as abateram” (FOUCAULT, 2006, p. 203), e sem querer deixá-la de fora, ele optou por compilar uma determinada quantidade de textos, mantendo seu formato e adotando como um dos critérios “a intensidade que eles pareciam [lhe] ter”; acompanhando-os e distribuindo-os “de maneira a preservar – em [sua] opinião, o menos mal possível – o efeito de cada um” (FOUCAULT, 2006, p. 204-5). Outros critérios, tais como a escolha somente de personagens que de fato tivessem existido; a seleção de relatos reais que, de algum modo, tivessem constituído a miúda história dessas *existências*; e que o efeito dessas narrativas produzisse em nós um *misto de beleza e terror*, foram estabelecidos no sentido de possibilitar um reencontro com o que o autor denominou *existências-relâmpagos e poemas-vidas*.

Os textos compilados por Foucault, ao passo que estabelecem vários lineamentos conectivos com a realidade, também nela operam e por ela são atravessados. Em outras palavras, não se trata da pintura de *retratos* biográficos que intentasse representar existências

de tão fraca luminosidade. Mas de tramas astuciosas, gestos e estratégias ardis, jogos de intriga e vingança, ordem ou súplica engendrados por um conjunto de palavras que, ao menos parcialmente, atuaram como ferramentas determinantes na tomada de *decisão* referente ao destino – seja envolvendo a expansão (pela liberdade) ou a aniquilação (pela morte) – dessas *vidas reais*. Para seguir o tracejado formado pelos rastros deixados por essas existências inglórias,

[...] foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o *encontro com o poder*: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. (FOUCAULT, 2006, p. 207, grifo nosso).

O fulgurante despontamento de personagens fadadas a uma existência subterrânea, bem como os vestígios deixados pela emergência dessas *vidas* à superfície do discurso – ainda que ‘dizibilizadas’ e visibilizadas por meio de curtos, *incisivos* e, por vezes, sombrios relatos – só foram possibilitados pelo seu contato imediato com o poder. Desta forma, essas vidas ganharam notabilidade menos pela extensão de seus feitos e suas glórias do que por um ajambramento discursivo estruturado a partir de palavras intencionalmente selecionadas. Subsumido a mero relato, o transcurso da vida de certo grupo de homens e mulheres exprimia nada mais que uma *pura existência verbal*.

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis as infâmias das quais eu quis, aqui, juntar alguns restos. [...] Inútil buscar neles um rosto, ou conjecturar uma outra grandeza; eles não são mais do que aquilo através do que se quis abatê-los: nem mais nem menos. Assim é a *infâmia* estrita, aquela que, não sendo misturada nem de escândalo ambíguo nem de uma surda admiração, não compõe com nenhuma espécie de glória. (FOUCAULT, 2006, p. 210, grifo nosso).

Enredada nas tramas do saber-poder, a vida desse *homem sem fama*, por uma concatenação de acontecimentos circunstanciais, colide com o poder. Com efeito, o que fez cintilar existência tão inglória – a saber, a vida opaca e sem fama de um homem comum – foi

a fragmentação discursiva operada por um mecanismo de saber-poder que, por meio das palavras, reduzia e capturava os sujeitos em suas ordinárias estereotípias. Foucault, ao questionar a ênfase que ganha essa espécie de *teatro do cotidiano*, localiza historicamente dois tipos de mecanismos: a confissão (organizada pelo Cristianismo) e a investigação pelos órgãos administrativos do Estado. Embora operassem diferentemente, tinham como objetivo a tomada de assalto sobre o cotidiano da vida. Ao final do século XVIII, houve o enquadramento do mecanismo confessional por outro mecanismo operacional:

Agenciamento administrativo e não mais religioso; mecanismo de registro e não mais de perdão. O objetivo visado era, no entanto, o mesmo. Em parte, ao menos: passagem do cotidiano para o discurso, percurso do universo ínfimo das irregularidades e das desordens sem importância. Mas a confissão não desempenha aí o papel eminente que lhes reservara o cristianismo. Para esse enquadramento, se utilizam, e sistematicamente, procedimentos antigos [...]: a denúncia, a queixa, a inquirição, o relatório, a espionagem, o interrogatório. E tudo o que assim se diz, se registra por escrito, se acumula, constitui *dossiês e arquivos*. [...] O mal minúsculo da miséria e da falta não é mais remetido ao céu pela confidência apenas audível da confissão; ele se acumula sobre a terra sob a forma de rastros escritos. É um tipo de relações completamente diferente que se estabelece entre o poder, o discurso e o cotidiano. (FOUCAULT, 2006, p. 213, grifo nosso).

Emergência do exercício de desnudamento do cotidiano. O banal, o insignificante, o comum não mais é silenciado e passa a ser registrado, transcrito, quando do atravessamento por esse *mecanismo de poder político*. Irradiado em outras formas, como a denúncia e a delação, o enquadramento da técnica da confissão possibilitou, também, o exercício de um *contrapoder* – legitimado pela figura do rei – de baixo para cima. Instrumentalização, pois, de um *controle por baixo* (FOUCAULT, 2009; PRADO, 2014). Em outras palavras, o exercício de poder oriundo do desejo de ‘justiçamento’ e punição, investido na figura do soberano (forma de Estado), funcionou como contrapoder, forma de poder rasteiro, vindo de baixo, exercido por meio do uso de um aparato discursivo contra alguém, solicitado pela própria família, vizinhos, comunidade (FOUCAULT, 2009).

Ainda na atualidade, seja nas pesquisas acadêmicas, seja nas ações assistenciais ou judiciais, a presença da vida infame encontra-se invariavelmente eclipsada na produção narrativa “de um si sempre terceirizado pelos que lhe ‘cuidam’ e pelos que lhe ‘assistem’, [‘pesquisam’] e ‘defendem’ – ao saírem para luz e falarem por um instante, saem do anonimato” (HENZ, 2015, p.72). Anonimato que é efeito da expropriação, construída historicamente, da possibilidade de cuidarem e contarem a si mesmos. De igual forma,

ganharam brilho – ainda que efêmero, pois despojadas de glória – as vidas que Eduardo Coutinho acompanhou em sua obra documental.

O “comum” interessava? Sim, pelo que nele se manifestava o que havia de geral. Sabemos que o movimento de Coutinho [era] na direção contrária à massificação, uma forma de humanismo que se quer em estado prático no contato com quem [era], em geral, visto como convencional, desinteressante, enquadrado em fórmulas (religiosas, ideológicas, consumistas, paroquiais); figuras que ele [punha] em situação para surpreender, quebrar tais pressupostos. Ou seja, seu cinema [...] se [fez] para evidenciar que as pessoas [eram] mais do que [aparentavam] e não menos, e [podiam] atrair interesse insuspeitado pelo que [diziam] e [faziam], e não apenas pelo que [representavam] ou [ilustravam] na escala social ou no contexto da cultura. (XAVIER, 2003, p. 57-8).

O alinhavo de uma narrativa de si, de uma *fala* autoral acerca das próprias experiências, ocupou posição central no método utilizado por Coutinho (XAVIER, 2003). “Sempre atento à fala, em suas infinitas variações, indissociavelmente existenciais e políticas, Coutinho [mantinha] sua escuta cinematográfica em alerta, flexível como a ‘matéria movente’ que [pretendia] flagrar” (MESQUITA; SARAIVA, 2003, p. 68).

Diz o cineasta tratar-se de

[...] uma necessidade imperiosa ter a colaboração do outro. E essa adesão ao objeto implica uma postura que chamo de vazio, no sentido de que o que me interessa são as razões do outro, e não as minhas. Então, tenho de botar as minhas razões entre parêntesis, a minha existência, para tentar saber quais são as razões do outro porque, de certa forma, o outro pode não ter sempre razão, mas tem sempre suas razões. (COUTINHO, 2003, p.29).

No decorrer de um processo de cartografar existências desprovidas de fama, a posição por mim sustentada teve como inspiração e balizou-se na preferência de Coutinho pela *conversa* em detrimento da *entrevista* (XAVIER, 2003), pois o plano horizontalizado da conversa, a meu ver, possibilita àqueles que compõem o campo relacional, instaurado pelo encontro, ensaiar um deslocamento *entre-mundos* e não somente *entre-vistas*. Segui, pois, atenta aos gestos, às expressões, à maneira de cada um contar a si mesmo, bem como narrar os arranjos que vão criando para organizar a vida. Entretanto, esta pesquisa não consistiu numa tessitura com fios desprovidos de nós, uma vez povoada pela presença de um bocado de marcas constitutivas do meu e dos variados corpos que encontrei. Tal como veio à tona na conversa com o marido de Geni. O fato de eu “[*ter*] estudo” foi por ele atualizado, a todo instante, como nossa substancial assimetria, a condição de possibilidade que me lançava ao

privilegiado lugar de poder fazer escolhas melhores que a dele e de outros tantos que não puderam estudar: “*Seu estudo já é diferente. Nós faz isso aqui, porque nós não estudamos*” (Ivanildo, 2018), referindo-se ao trabalho feito a partir da mandioca.

Feitas essas considerações, compartilho, a seguir, alguns escritos que dizem da construção de um arranjo narrativo polivocal, por conterem uma pequena porção de diferentes vozes que, em suas consonâncias ou dissonâncias, fizeram soar acordes e ruídos que ecoaram ao longo dos encontros no campo e tamborilaram no corpo desta pesquisadora. A presença da minha voz foi atualizada na escrita e almejou dialogar tanto com as memórias revisitadas por alguns moradores dos quais me aproximei quanto com os fragmentos recortados a partir de suas falas, registradas em áudios e captadas com as devidas permissões. Comigo, compartilharam alguns “*indícios de realidade*” trazidos a partir das marcas constitutivas de uma produção ativa (pretérita e atual) da vida, e não de histórias póstumas que se valeram dos relatos sobre existências reduzidas “ao que [delas] foi dito”, pois, ainda que esses discursos pudessem ter atravessado vidas, tais *existências* foram “efetivamente *riscadas e perdidas* nessas palavras” (FOUCAULT, 2006, p. 207, grifo nosso).

Ao contrário, através das histórias narradas busquei catar alguns fragmentos e umas tantas ideias que as entrelaçaram, de modo a costurá-las na trama dos afetos que, naquele momento, foram provocados e, agora reativados, seguem borbulhando no meu corpo. Não intentei, absolutamente, dar a ver ao leitor mais afoito, a partir dessas recolhas, um viés que pudesse incutir às existências desses ‘narradores’ um quê de representativo. O esforço dessa cartografia, assim como o desempenhado por Coutinho, afirma e insiste “na questão da singularidade” (XAVIER, 20003). Isto posto, acolho qualquer que seja o apontamento que siga na direção de indagar a escolha por determinados recortes feitos aqui e seus sucessivos desdobramentos. Desse modo, penso conseguir afastar uma posição de neutralidade em relação ao que é expresso pelos narradores no compartilhamento de suas histórias.

Tal qual um vórtice, o fluxo giratório das subseqüentes narrativas, produzidas a partir da variação de afecções e singularidades que porta todo o avizinhamento com a diferença, tomaram o encontro como centro de rotação. Com efeito, o sentido da rotação desse vórtice-narrativo seguiu o direcionamento apontado pela força-afeto que o incitou. Procurei, então, acompanhar o escoamento do fluxo de palavras (desenhadas pelos narradores) que engendravam a composição de uma paisagem território-existencial e de histórias autorais forjadas por meio de lutas e resistências travadas no cotidiano. A partir desses itinerários narrativos de vida, ensejei criar uma espécie de mapa móvel, onde as coordenadas, aqui

vertidas em texto, dizem tão-somente do adensamento de uma posição provisória, uma entrada possível, aberta para deslocamentos que permitem saídas múltiplas.

10 UM CORPO PARA A CONVERSA: QUEM NÃO TEM?

‘Ah’, disse o rato, ‘o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra, que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro’. ‘Você só precisa mudar de direção’, disse o gato e devorou-o.

(*Franz Kafka*)

Maria, Jerônimo e eu partíamos para nossa segunda ou terceira tentativa de encontro com Geni. No momento de nossa chegada, fomos recebidos por seu marido, que peneirava grande porção de farinha de tapioca no fundo da garagem da casa. Ele nos disse que ela havia saído, mas que logo voltaria, pois estava por perto. Esperamos um tanto e, antes que pudéssemos desistir, ela apontou no outro canto da rua. De longe, nos acenava e vinha em nossa direção, diminuindo a distância. Geni é dessas mulheres de fala e gestos rápidos. O cumprimento, o convite para entrarmos e o adiantamento do assunto que precisava falar com Jerônimo precederam a pequena apresentação que ele, em um tempo esticado e lento, costumava fazer ao me introduzir nas cenas vividas no campo da pesquisa, mediando tantas vezes meu contato com os moradores.

Conversávamos em pé, na calçada, ali em frente mesmo. Ela insistiu para entrarmos, sem êxito, e pareceu conformar-se, trazendo a hospitalidade da casa para a garagem junto com duas cadeiras, água e suco de maracujá, que vieram numa bandeja. A delicadeza do gesto era diretamente proporcional ao meu desconforto. Do maracujá, não gosto nem do cheiro. Mas também não gosto de fazer *desfeita*. Respirei fundo – mas não tão fundo que pudesse sentir o cheiro que exalava dos resíduos da polpa da fruta, que se precipitavam na boca do copo que Geni carregava e trazia até mim. Recusei educadamente, e disse de minha preferência pela água, o que de fato é verdade. Ela tentou me convencer que a melhor escolha era o suco, pois tinha feito há pouco. Então, disse que não gostava de maracujá. Falei, ainda, que gosto quase de fruta nenhuma – podia ter dito antes; coisa boba da adulta que teme ser identificada como a criança enjoada que foi, mas que sempre se vê às voltas em tentar falar sobre a transformação (natural) no modo de percepção dos alimentos pelo corpo, quase como se tivesse que justificar a mudança em seu paladar.

Ela me olhou com um sorriso complacente, como se estivesse diante de uma menina, e disse: — “*Eu acho que você devia experimentar o suco, viu?*” Mas não me senti apequenada, pelo contrário. Algo dessa menina, que possibilitou contar-me a partir de uma das marcas que me constitui, abriu brecha para a aproximação com uma Geni que também pôde contar-se, compartilhando suas aventuras, desventuras e lutas necessárias para firmar-se na Pauliceia.

Seu primeiro encontro, ainda moça, com a cidade de São Paulo aconteceu quando de uma visita feita ao irmão primogênito que, seguindo e desenrolando a linha de um reluzente horizonte – conjugação das promessas de vida próspera e melhores oportunidades de trabalho –, desembocou na capital paulista. Ela encantou-se com a estonteante beleza concreta da cidade. Ao retornar à Maceió, propôs, ao então recém-marido, de se mudarem para São Paulo e, afugentando qualquer prenúncio de hesitação da parte dele, disse que viria sozinha caso decidisse não acompanhá-la. Investida do ímpeto dos seus 17 anos e da disponibilidade de um corpo poroso, ansiava mais pelo respiro dos ares de novos possíveis do que pela implícita promessa do sopro de futuro que se espera ventilar em todo começo de vida conjugal. Seguindo a linha já esticada pelo irmão, vieram, aos poucos, ela, o marido e os outros irmãos.

Alugou “*uma casinha para morar*” e logo conseguiu emprego em uma “*firma fazendo bonecas*”. Conta que, durante os quatro meses que permaneceu trabalhando, foi explorada. Por conta disso, saiu do trabalho mesmo sem ter outro em vista. Pouco tempo depois, encontrou uma colega de feira, com quem conseguiu desabafar a angústia que vinha lhe acompanhando: — “*como aqui é difícil da gente se viver*”. Disse à mulher que cogitava voltar para o Nordeste, mas ela insistiu que não fosse e sugeriu à Geni que pegasse um carrinho de mão e fosse para rua vender cheiro verde — “*Isso eu fiz. Eu ia para o Parque Novo Mundo [...]. Passava aquela ponte e descia para pegar a mercadoria*”. Na subida de volta, parava em uma padaria para tomar um cafezinho. Ficava espantada, porque, de repente, “*enchia de gente*” para comprar as verduras que carregava no carrinho. Paralelamente, o marido de Geni iniciava também a vida na feira.

Eu vendia tudo. Voltava e buscava outra garrada para vender na feira no outro dia seguinte. Não dava tempo de levar de novo pra feira. Vendia de novo 6h da noite. Vendia que eu chegava em casa 7, 8 horas da noite. De madrugada, meu marido ia buscar de volta pra ir pra feira. E dava tempo? Quando ele voltava 6h, 7h, o pessoal: - ‘de onde você vem, meu filho?’ Da chácara. - ‘Ah, me vende isso aí... Me vende uma catalona, me vende um almeirão’. O pessoal: - ‘ai, amanhã você me traz’. Aí comecei. Com um ano, comprei uma casa, comprei um carro. E passeava todo ano pro Nordeste. Mas eu tenho coragem. Não sou dessas muié [...] que fica dormindo até 10h da manhã, 11h... Eu levanto 6h. Essa semana eu tava numa descascada de mandioca. Levava tudo pra feira. Mas tem gente que quer as coisas e não

quer se aforçar. Eu que levantei isso aqui [referindo-se à casa onde mora com o marido]. Eu levantei até o fim. Eu mesma construí. Eu me assento aqui 6h da manhã descascando mandioca... Eu compro minha casinha ali, eu dou conta da rua, eu limpo e ainda tomo conta da vida dos outros que fica jogando lixo na rua. O pessoal acha que é fácil, não é.

A velocidade com que desfiava a narrativa da própria história mal cabia numa tomada de fôlego. E a concatenação dos fragmentos de memória que o corpo ia acessando vertia no atropelo da fala.

Eu tenho os meus filho. Você diz que é até mentira. Eu tenho dois filhos, uma menina e um rapaz. O pessoal na feira, que eu comecei ter os menino... Barrigão. Aí diz assim: - “como você vai cuidar da feira e cuidar desses dois meninos?” Eu me lembro hoje, chegou um fiscal da prefeitura, disse assim: - “ah, sua mercadoria hoje vai ser apreendida”. Eu digo: - ah, filho, eu tô aqui pra não roubar. Eu tenho dois filhos pra dar de comer. Se o senhor quiser deixar eu vir trabalhar, eu trabalho. Se o senhor não quiser que eu trabalho, eu saio fora. Aí ele disse: - “ah, então hoje você trabalha”. Aí ele falou assim: - “ah, por que... Você quer saber de uma coisa? Você quer trabalhar na honestidade?” Eu digo: - quero. O que o senhor vai me dar? O senhor vai me dar um recurso? Eu lembro até hoje. Esses dias ele morreu. Deu câncer nele. O senhor vai me dar o que pra eu ficar sossegada? Ele disse: - “olha, toma esse endereço aqui”. - Vichi, não sei onde é. Ele falou: - “pega um ônibus chamado Parque Dom Pedro, lá tem uma ponte”. E debaixo tinha um negócio de Mercado. - “Vá lá e tira esse papel e traz pra mim”. Eu fui lá, tirei essa licença. Tem um bocado já, acho que eu tenho uns 30 anos de licença. Até hoje, eu trabalho sossegada e ninguém nunca mexe comigo. Trabalho pro lado da Penha, Cangaíba, esses canto assim. Carrão. Tudo eu vou. Cada dia, de 8 em 8 dias numa rua. Então, tá tudo no cadastrinho, no papel.

Contava sobre a situação com o antigo fiscal, puxando da memória o tempo em que vivia sobressaltada pelo medo de ter sua mercadoria apreendida, ao passo que retirava de seu carro uma caixa de tamanho mediano. Mostrou, um a um, “os papéis” que lá estavam: documentos, cadastro, licença e impostos da barraca, contribuição sindical. Disse que “dá certo” trabalhar na feira, mas **“tem que saber trabalhar”**.

*Sindicato nós paga tudo, e não é barato não. A Prefeitura faz nós pagar... Vocês pensa que nós trabalha de graça? Não é não. É tudo no dinheiro. Só vai no papelzinho [mostra os recibos das taxas municipais]. Se não tiver essas notas, perde tudo. Eles levam mesmo. A gente sempre trabalhou na honestidade. Eu só trabalhei na feira sem cadastramento parece que só foi um ano. Mas aí, quando o rapa começou levar... A prefeitura mandava levar barraca, tabuleiro, tudo. Não deixava você trabalhar não. Então era muito difícil. Quando eu cheguei, logo aqui no começo, era muito difícil trabalhar em feira. Mas você pode dizer assim: - “ah, vou abrir um comércio”. Não queira mais do que feira. É tudo pago, mas também **compensa**.*

Seguiu falando sobre a necessidade de um *saber trabalhar*, o que implica não somente a regularização dos aspectos formais do trabalho na feira, mas certa disponibilidade e firmeza para dar conta da peleja diária, que exige um enfrentamento constante do corpo, convocando sua potência de instauração. E quando o cisco de um provável estado de vacilação do corpo físico pousa sobre a narrativa aguerrida – “*O que eu não posso fazer é muito é força, porque estou com problema de saúde. Eu tenho problema de um rim seco tem muitos anos já. Aí, agora, tá dando inchação das perna [...]*” –, imediatamente surge, no restinho de sua fala, uma conjunção adversativa que logo sopra longe a fragilidade expressa no início da frase: — “*mas eu não tenho preguiça de trabalhar*”.

A composição entre honestidade e ‘ausência de preguiça’, constantemente marcada no discurso de Geni, aparece como condição de possibilidade para garantia da ‘recompensa’ financeira investida na construção de suas casas, nas viagens de visita aos familiares – que ficaram em Alagoas e Pernambuco (terra natal do marido) – e nos depósitos bancários enviados aos pais do casal, como forma de cuidado à distância. “*Sempre trabalhando aqui e ajudando lá*”. Uma vez que o corpo é falível e vulnerável às vicissitudes dos acontecimentos, a garantia de cuidado e sustentabilidade dessas vidas não está depositada somente na constância do trabalho, que se vale do esforço do próprio corpo, mas também na previsão de recebimento de uma futura assistência que (por enquanto) está garantida pelo nacional sistema de financiamento da seguridade social.

Eu caí e quebrei essa mão. Eu fui resolver [com] o contador na feira [...], meu marido não queria resolver. Eu fui resolver com a mão na tipoia. Chegou uma freguesa pra atender. Ela tava com pressa. Eu fui e peguei o dinheiro. Quando eu fui fazer a perícia, que eu fazia todo mês, se tava bom pra trabalhar [...] – Ah, D. Geni, seu benefício nós vai cortar, porque você não tá precisando de receber o benefício. Você tá trabalhando com a mão na tipoia. Eu falei: mentira. – Mentira, Dona Geni? Eu falei: eu tô com uns três meses que eu não vou na feira. Eu fui tal dia pagar o contador. Nesse tal dia ela: toma aqui. Mostrou a foto. Cancelaram o benefício. Eu só recebi seis meses. Era pra mim receber um ano, que eu tava com o problema no joelho inchado e na mão. Como eu pago o INSS, eles me entraram na Caixa, que eu não podia trabalhar. Tem um fiscal, paisano, todo de terno, bonitão [...], passeando na feira. Mas mentira. Ele tirando foto dos feirantes. Se o feirante estiver trabalhando na feira doente, e tiver recebendo pelo INSS, eles vão e corta. Eu falo que é uma máfia, porque não era pra fazer isso. Porque o feirante vai resolver alguma coisa, mas por eles não é assim. Aí eu perdi meu direito, porque eles fizeram isso [...], agora, eu vou esperar a idade, né? Esse mês que vem eu vou ver, porque eu comecei a pagar com 18 anos. Pra mim ir pela data da idade, vai ser 55. Eu tô com 51. Fiz agora dia 29 de São Pedro. Aí vou esperar minha idade, por causa que eu fui marcada.

Interrompeu a narrativa para cumprimentar o primo que passava na rua. Voltou o olhar para mim e deu um novo rumo para a conversa. Curioso, agora, rememorar: ela não largava o fio que alinhavava e sustentava sua presença no encontro comigo, ainda que as mudanças de direção acontecessem, *plurilinearmente*, a todo instante, seja nas paradas e retomadas do ‘rumo da prosa’, quando de uma fortuita intervenção – amigos, primo, cliente, fornecedor, cachorro –, seja por um assunto que parecia se fazer mais urgente. Mais uma vez, trouxe à cena alguns dos tensionamentos que permeiam sua relação com São Paulo. Disse sobre o que a faz gostar – *“eu achei muito bom mesmo aqui São Paulo. Eu mesma eu digo eu gosto daqui, porque tem ganho pra você mexer”* – e desgostar da cidade: *“Só é ruim, agora, porque mudou a vida. É muita bandidagem. Mas a gente tem medo mesmo é dessa bandidagem, essas droga”*, pontuando ser essa a exceção que considera destituir a capital como o *“melhor lugar. Igual São Paulo não tem não”*.

Ela e o marido chegaram ao Jardim Piracema, Zona Leste, no ano 2000. Aos poucos, construíram duas casas – *“uma do ladinho da outra”* –, uma garagem de caminhão e um ‘sobrado’: — *“Vamos lá em cima pra você ver como está ficando bonita. Eu tô lutando ainda. Está tudo na argamassa”*. Enquanto subíamos a estreita e íngreme escada, de imediato refutou a impressão que me escapou, espontaneamente, ao dizer que ela parecia somente trabalhar: — *“não, nós passeia também!”*. Dito isso, foi apresentando a obra de forma a explicar como seria mobiliado cada cômodo daquele lugar que, construído no andar de cima da sua casa, preparava para acolher o irmão mais velho, porque estava enredado *“numa situação ruim”*. Foi contando os detalhes da construção: o que estava por fazer, a cor escolhida para pintar as paredes, o piso que pretendia assentar... De repente, a irrupção de uma desconcertante pergunta – ao menos para mim:

— *Você tem vontade de trabalhar na feira?*

— *Se eu tenho vontade de trabalhar na feira?*

— *Sim.*

— *Não, num... Eu tô... Eu estou estudando e atendendo. Eu sou psicóloga. Mas, nunca pensei em trabalhar na feira.*

— *É gostoso.*

— *Mas acorda muito cedo, hein?*

— *4h, 5h30. Eu acho assim, você acostuma. O ritmo de você acordar cedo... Você não trabalha como psicóloga? É o mesmo ramo que você vai ter. Aquele pensamento de você se levantar aquele horário certo pra você trabalhar. Então é o mesmo jeito que você diz: não,*

esses daqui... Dá certo. Eu acho que é a validade da gente. E a gente na feira, sentindo mais o movimento no corpo do que parado ali. Que você fica sentada, né?

— Aham.

— Aí sim. Não é verdade, Jerônimo?

(Todos riram)

— Lá você vai ficar sentada. Esperando um chegar, um paciente. Não é verdade? E na feira não, você tá se mexendo com um, se mexendo com outro.

— Conversando...

— Conversando sempre com aquelas pessoas, né?

— Deve ter gente que você conhece há muitos anos, né?

— Nossa! Tá com uns 6 meses que eu não tô indo pra feira, mas os pessoal manda dizer pra ele [seu marido] pra mim ir pra feira. A minha filha fala: — “mãe, volta pra feira que o pessoal tá tudo perguntando pela senhora”. E assim... Eu sinto saudade.

Meu pensamento engasgou. A sensação era de vertigem e deslocamento, tanto do lugar que meus pais, diante da marca de suas infâncias pauperizadas, um dia *me* sonharam – lugar esse composto por fragmentos de seus impossíveis oníricos – quanto de dois dos lugares atualmente ocupados e, ali, automaticamente convocados por mim: o da pesquisadora e o da psicóloga. Mas não colou recorrer ao que de mais instituído marca tais lugares. Houve, ali, um sutil desnudamento das hierarquias que vão segregando e (des)qualificando diferentes saberes e formas variadas de ação no mundo. Seu modo de olhar e colocar lado a lado nossos fazeres tangenciou um comum: um corpo para a conversa – ora, quem não tem? Diziam, ainda, da construção de um corpo que se dá no campo relacional e imanente, no corpo-a-corpo necessário quando do encontro com o outro. Um corpo do encontro, para além do enquadre terapêutico, que muitas vezes faz-se blindagem e confinamento de um (talvez desatento) terapeuta em seu *setting*, ou do lugar ocupado pelo pesquisador tradicional, que marca uma dificuldade de experimentar novas guinadas rumo a outros fazeres que não aqueles circunscritos aos convencionais campos do (suposto) saber. Boca do gato kafkiano.

O sacolejo da pergunta ainda reverbera. E, hoje, me faz pensar que ter ou não aventado o trabalho na feira não se trata somente do grau de abertura às mudanças e disponibilidade para o movimento que permite a variação de posições afetivo-institucionais e geográfico-existenciais. Trata-se, sobretudo, da não dissociação da produção desejante de sua dimensão histórico-conjuntural que marca, de saída, as posições no mundo e as matizes de cada escolha

sem que, com isso, seja excluída a necessidade de um constante, fino e delicado exercício que enseje localizar, fazer vibrar e afirmar o próprio desejo.

— *Mas eu fico aqui. Eu trabalho mais em casa do que na feira. Na feira, só na barraca.*

— *Porque aí, tem que montar a barraca depois desmontar...*

— *Depois desmontar e vir pra casa. Pronto. Buscar a mercadoria. Um vai buscar e o outro fica na barraca.*

— *Onde é que vocês pegam a mercadoria?*

— *Ceasa... Ali no Parque Dom Pedro, né? Porque é tudo já careiro, né? Então a gente já pega tudo daquele já careiro, né? Então a mercadoria aguenta tempo. Não é mercadoria que fica lá pancada... Parque Dom Pedro. É mercadoria que você vai lutar com a mercadoria que tá tudo fresquinha. Aí é coisa que a gente tá sabendo que é tudo natural. Porque tem uns que chega com a mercadoria lá, fica dois, três dias com a mercadoria. Não, aí você vai lá... Não, aí você vai chegar... Chega todos os dias fresquinha. Tá entendendo? É como isso aqui, ó [mostra as caixas com verduras]. Chegou. Ontem não veio mandioca da roça, veio hoje. Quer dizer, é um dia sim, dia não. Pra descascar a mandioca, aí teve de pegar, rapidinho, uma caixa pra descascar pra ir fazer a massa pra ir levar pra feira amanhã. E tudo é correria. Sempre você tem que correr pra fazer o produto pra levar amanhã. Ah lá, ó, a luta dele [mostra o marido peneirando a farinha da mandioca]. Já chegou, ó. Vai lá ver, vai lá ver. Olha o cachorro, olha o cachorro. Viu como é que ele tá? [mostra o cachorro de pelo bem claro, deitado no chão próximo às caixas].*

— *E como surgiu isso de vir, de fazer a massa? Vocês já sabiam disso...?*

— *É porque a gente... Da mandioca... Em Alagoas, já que nós ralava mandioca.*

— *Vocês já faziam isso lá?*

— *Lá, já fazia isso aqui. Lá, tira direto da mandioca. Da mandioca você faz a farinha e da farinha tira... Pra você fazer o biju. Quer ver, ó? Olha pra você ver. Pega aqui, ó, pra você ver como é que ele tá fininho. De fato era. A textura era bem macia, e escorria por entre os dedos.*

— *Mas vocês já vieram pra cá e começaram a...?*

— *É... Aí isso aqui já tem o que? Uns cinco ano que nós começou fazer isso aqui. Porque o pessoal começou. Uns começou fazer, daí as pessoa começou gostando. Aí desse gostar, aí a... O Brasil [as]sumiu. Aí mandaram pra [Ana] Maria Braga massa de mandioca. Essa daqui. Aí foi crescendo o movimento. Lá, a gente fazia pra gente comer lá no Norte.*

— *E essa daqui, [farinha de tapioca que estava no saquinho] vocês tiram como, extraem como?*

— *Da mandioca. Você rela a mandioca e tira...*

— *Rala ela e...*

— *É. E tira ela.*

— *Vocês tem máquina? Como é que vocês fazem?*

— *Tem um motor. Só que eu tinha máquina, mas aí eu vendi a máquina, porque tava muito pesado pra mim fazer. Muito serviço, né? Aí é muita correria. Então a gente teve coisa que... Pago pra relar e isso aqui, a gente mesmo faz. Põe pra inchar, ó. Tá vendo, ó?*

— *E como é que fica assim tão fininha?*

— *Oh, essa aqui tá fininha. Tá vendo, ó? Agora, você pega essa molhada aqui. Quer ver ela molhadinha, ó? Não tenha nojo não que é limpinha. (risos)*

— *Não, eu só estou preocupada de por a mão, porque é a minha mão que está suja.*

— *Não. Uma mãozinha limpa dessa aqui? Olha pra você ver.*

— *Nossa, parece farinha de trigo.*

— *Aí ela tem que ficar inchada pra ela dar o ponto dela. Aí se não der o ponto, você não vira. Se você fazer dessa aqui sequinha, você não consegue. Você viu?*

— *Da máquina, ela já fica assim?*

— *É. Peneira aí pra você ver. Dá um pouquinho pra ela... Dá pra ela peneirar. [pede ao marido]. Põe aí. Peneira.*

— *É assim?*

(risos)

— *Vai sujar as mão. [marido de Geni]*

— *Não tem problema.*

— *Mãozinha fina! (risos) Tira foto dela. [Geni]*

Durante alguns minutos, o marido de Geni dividiu comigo a função do peneirar da farinha. Ao passo que ele explicava as etapas do processo, inebriada, eu ia acompanhando cada um dos movimentos: da passagem pela peneira ao enchimento dos pequenos saquinhos em porções, medidas a olho, do fino e delicado produto extraído da mandioca que, posteriormente, seria colocado à venda na barraca da feira. Os gestos daquele par de mãos, prenhes de ritmo, leveza e precisão, pariam uma espécie de dança orgânica. Eu me afastei, buscando um melhor ângulo para mirar a boniteza da cena. De repente, como o soar da batida de uma claquete, irrompe uma frase de Geni, que marca e identifica a mudança no plano da cena: — “*A USP veio já fazer trabalho comigo*”. Conto que tomei conhecimento da existência do Jardim Piracema por meio de alguns comentários feitos pela minha orientadora sobre a realização da prática – proposta por ela como atividade de uma disciplina que ministra na graduação em Saúde Pública (USP) – vivenciada por um grupo de alunos, e que fiquei curiosa para saber como era o bairro. — “*Aí você veio. Fazer pesquisa...*”. Respondo afirmativamente e aproveito o ensejo para expressar meu interesse de aproximação com alguns modos de vida que se produzem no fora, seja do campo da Saúde, seja da Academia, que perdem de vista as ordinárias maneiras de se levar a vida, produzidas no incessante transcurso dos dias que concatenam os cotidianos.

11 PROSEANDO COM O MARIDO DE GENI

A voz de Ivaldo cintilava fraco, lá no canto onde seguia peneirando a farinha da mandioca e, embora soasse baixinho, quase num tom de resmungo, foi ganhando o abarrotado espaço da garagem. Aos poucos, eu esticava ouvido e pescoço num esforço de entender as frases que, do fundo da garagem, me chegavam entrecortadas. Interferência. O emaranhado de tantos corpos – sonoros, orgânicos, inorgânicos – que num continuum pulsavam e agitavam a ar, foi dando contorno e espessura àquela diminuta voz. Minha atenção deslizando conectou-se, novamente, com aquele fazer e falar.

— *Nós trabalha muito...*

— *Então, mas é assim mesmo. Tudo pra você conseguir a vida, tem que trabalhar bastante, não é verdade? Não é só chegar, querer as coisa... [Geni]*

— *Mas ela é... Ela tem estudo. (...) Seu estudo já é diferente. Nós faz isso aqui, porque nós não estudemo. Nós não sabe escrever nem ler. Mas vocês que tem... Pessoas novo, que tem muito estudo, vão percurar outras coisa melhor. Tem estudo, vai percurar uns negócio melhor. [...] Eu estudei um pouquinho só.*

— *Eu só estudei só o 1º ano. (...) Eu tava estudando. Ai minha professora, lá no Nordeste, era assim... Falou: “você já arrumou um namorado?” [...] Ela deixou uma palavra comigo, né? Ai eu falei pra minha mãe. Ai eu falei: não vou mais pra escola. [Geni]*

— *Naquele tempo, era difícil. Era sacrificio demais. Não era que nem hoje. Naquela época, a gente morava... Nós fumo criado dentro do mato. E a cidade longe.*

O marido falava ao mesmo tempo em que Geni. Daquela mistura de sons, a voz de Ivaldo fazia-se cada vez mais presente, como se por meio da firmeza da fala, reivindicasse um lugar que, ali, pudesse fazer caber o tracejado narrativo de sua história. Geni foi se afastando, prumando em direção a Jerônimo e Maria que continuavam em frente à garagem. E lá ficaram os três, compondo um outro plano da cena. Ivaldo embarcou no rabicho de sua última frase, desenrolada da meada da memória, quando dizia da marca de sacrificio e dificuldade cravada em seu prematuro e pouco experimentado cotidiano escolar pela lonjura da cidade em relação à roça onde morava.

E a cidade longe... Então aí, quando tinha aquela escola... É, tinha aquelas escola à noite... Mobral. A gente estudava lá, naqueles Mobral lá. Aí,

despois, tinha umas professora lá no sítio. Aí tinha escola de dia. Eu consegui estudar só até o 2º ano. Aí despois eu parei. Porque, naquela época, era sacrifício. E pra você ir pra uma escola mesmo, no lugar que a gente morava, aqueles lugar deserto. Aqueles lugar que tinha... Ah, negócio de morro, serra, morro. Aí você morava naqueles lugar, dentro daqueles mato. Não tinha energia na época. Era tempo do candeeiro. [...] E pra tudo era dificuldade. Então a gente foi criado mais na roça assim. Aí eu estudei até o meu 2º ano. Aí, despois, eu desanimei. Já tinha o que? Naquela época, eu tinha os seus 16, 17 anos por aí.

A permanência no mundo dos estudos exigia do corpo mais do que um esforço intelectual. Conta que, naquela época, a primeira metade do dia era tomada pelo trabalho na roça – *“Eu trabalhava até meio dia na roça, começava de manhãzinha. Aí carpindo mato, limpando mato na roça. [...] E a gente ia de pé a vez, com aquelas carça. Subia o morro. Subindo, subindo não sei quantos quilômetros pra chegar em cima naquelas serra, no plano. Aí ia naquela escola lá”*. E, durante um *bocado de tempo*, não sem sacrifício, insistiu na rotina escolar, pois a trilha dos estudos apontava para um horizonte que parecia garantir melhores, possíveis e diferentes escolhas de vida futura. Mas as dificuldades e o peso da lida ocuparam-se por abater o corpo de cansaço e desânimo, desinsuflando, assim, o desejo do estudo – *“Aí eu ia até bem, aí despois eu desanimei, parei”*. Com efeito, não conseguiu esgueirar-se das ralas, parcas e, para muitos, imperativas escolhas cujos desdobramentos fiam as tantas vidas infames.

Aí fui ficando maior, maior, de maior, aí... Aí desisti. Aí eu não estudei mais não. Aí pronto, fui tendo que... Quando fiquei com vinte e poucos anos, aí comecei viajar, sair. Aí era sacrifício pra arrumar dinheiro. E você tinha que comprar uma roupa, um calçado... Final de ano. Aí comecei sair de fora, pra trabalhar fora, pras usina, cortar cana. No tempo que dava um inverno bom, a gente cortava muito feijão, muito algodão, né? Aí tá, quando dava algodão, aí você não precisava sair pra fora pra ganhar dinheiro.

Enquanto conversávamos, uma caminhonete parou em frente à casa do casal para descarregar mandioca. Esta foi colocada dentro da garagem e seria descascada mais tarde. Ao mesmo tempo, Geni selecionava alguns legumes e verduras ofertados à Maria. Lembrei que, pouco antes de chegarmos lá, Maria disse que era *impossível* sair da casa de Geni com *as mãos vazias*. As duas, que pareciam estar se divertindo, me chamaram para mostrar a sacola já quase cheia – *Fazendo a feira, hein?* Elas riram. Num movimento de trazer a prosa de volta ao rumo que seguia, Ivaldo continuou do ponto em que estava: o geográfico deslocamento necessário em busca de trabalho quando de *“dois, três anos de inverno ruim”*. Em virtude disso, trabalhou em usinas e no corte de cana entre seus 20 e 25 anos.

— *Aí a gente ia. Aquele solção quente. Você acredita que eu cheguei nas usina lá era no mês de novembro? Nunca esqueço disso. E tava pertinho das festa. Aí eu tinha que ganhar aquele dinheiro. Primeiro, eu fui pra um fazendeiro lá. Aí, esse fazendeiro, ele inventou de fazer uma barragem (...). Aí ele inventou de fazer aquele paredão lá, aí nós pegava aquelas pedra. Nós pegava aquelas pedrona de... de... de 50kg, 70kg, 80kg. [...] Aí nós subia aquelas pedra ali, menina. Nossa. Olha, num sertão seco, num sol quente tão grande no mundo que chega queimar. Pra ganhar o que? Naquela época, acho que era pra ganhar...*

— *Ah, era outra moeda, né?*

— *Não, era dinheiro de papel. Era no cruzeiro. Conto, conto, cruzeiro, do conto... Cruzeiro foi quando eu cheguei aqui. Naquela época parece que era conto.*

— *Eu acho que era cruzeiro. (Geni)*

— *Cruzeiro eu acho que mudou aqui. Aí nós pegava e trabalhava tudinho naquele solção quente. Parece que era 25 cruzeiro... Era no cruzeiro. Aí recebia 25 cruzeiro por semana. 25 cruzeiro dava pra fazer uma feira, dava pra... Assim, comprar coisa pra dentro de casa, mistura, essas coisa. E ainda sobrava coisinha pra comprar alguma coisa, alguma roupa, um calçado. Só que trabalhava muito. E a comida lá, o café de manhã, sabe o que era?*

— *O que?*

— *A pessoa que trabalhava com aquele negócio ali, aquelas coisa pesada, era cardo de cana com pão. Todo santo dia. E o fazendeiro trazia aquele sacão de pão pra gente naquele sertão, aquele mato... Longe de cidade ainda, viu? E você tinha que dormir lá, (...) armava uma rede. Ficava lá pra dormir, que não tinha pra onde ir. (...) Por exemplo, [...] pra arrumar esse serviço, ia cuma daqui lá pro lado de quase no Rio de Janeiro. Cê tinha que procurar serviço longe assim. Aí nós ia, né?*

Nessas andanças, contou quase sempre com a companhia do primo que, hoje, também vive em São Paulo. Permaneceram na usina até os corpos não mais aguentarem. Em tom de indignação e desassossego no olhar, relembra o extenuante trabalho junto a uma descuidada oferta alimentar e desmedida remuneração.

Fiquemo lá e sofrendo, sofrendo. [...] Meio dia, o almoço de lá sabe o que era? Era aquele feijão preto duro que nem a desgrama. Não cozinhava nem com reza de padre. E farinha [...] do nordeste e aquele peixe seco, sargado que nem a peste. Do jeito que vinha das caixa, eles arrancava assim e jogava. [...] Era um tambor do tamanho desse aí, ó, pra cozinhar um peixe pra 100 pessoas, 150 pessoas. [...] A gente comia, porque tava com fome. Aí, quando

era de tardinha, [...] vai pra ajuntar dentro daqueles rio, aquele rio seco, naquele sertão que não tinha água, aí vai ajuntar aquelas pedrona [...] pra jogar dentro do trator [...] pra levar lá pra fazer essa barragem. Aí, quando foi um dia, eu falei pro meu primo: vamo receber aqui e vamo sair fora, que aqui não dá pra nós, não.

Depois de completarem mais uma semana de trabalho, *desabaram* para o sul de Alagoas. Passaram um dia inteiro na estrada até conseguirem carona. Foram para Maceió. Chegando lá, bateu o medo de ficarem sem recursos, *sem [poderem] ir pra casa*, pois, embora eles tivessem recebido, o dinheiro era pouco. Mais uma pausa. Dessa vez, para receber um colega que procurava por Geni – “*ela saiu aí num instante*”. O rapaz perguntou se ela iria à feira no dia seguinte, porque, caso contrário, pediria que acompanhasse sua esposa no Hospital. E, assim, seguia nossa conversa, povoada de pausas e sons ao redor – incluindo o papagaio cantarolando. Mas Ivaldo, agarrado nas lembranças, seguia firme na ‘contação’ de suas vivências.

Durante cinco horas, aperreados pela fome e pela incerteza, numa beira de estrada, tentavam maquirar estratégias de saída daquela situação. Já não era sem tempo, um caminhão, “*cheio de peão*”, parou. Ivaldo descobriu que estavam a caminho de uma usina e, na conversa com o rapaz – funcionário de uma empreiteira – que lhe deu essa informação, perguntou se havia possibilidade de emprego para o primo e ele. Primeiramente, foram questionados se cortavam cana. Mas o rapaz repensou e disse que havia outro serviço, “*mais maneiro*”, que era “*limpar mata*”.

Aí nós fumo. Aí toquemo dentro daquele caminhão véio todo melado de, de, de... coisa de cana, de óleo velho. Aquelas caçamba lá. Aí chegemo num lugar lá todo sujo de... diabo de coisa de óleo. Aí chegemo lá de noite, menina. Nós já tava com uma rede dentro de um saco. Uma sacola, né, de alça. Aí nós andava com uma rede, andava com um lençol e andava com umas corda. Um pedacinho de corda assim pra, quando chegar, nós armava naqueles coisa de, de... Porque as casa lá era [...] de taipa. Os pessoal lá do norte, de primeiro, eles fazia aquelas casa aí. E fazia aquelas casa de madeira, de fora a fora, só que eles enchia de barro. Entendeu? Eles fazia assim, eles ponhava também uns negócio assim, de fora a fora, aí amarrava com cipó. Aí amarrava, amarrava, amarrava aí enchia aquilo de barro. Depois, eles passava um reboco. Ficava tão bonitinha.

Ficaram hospedados em uma pequena casa de taipa, localizada em um povoado que tinha cerca de 50 ou 60 casas. Cada um levava consigo apenas uma muda de roupa e uma rede. Ainda sentiam fome. Comentaram com o rapaz da empreiteira que não havia o que cozinhar e foram surpreendidos, no dia seguinte, com uma boa compra. Cita, com brilho nos

olhos e sorriso de satisfação, alguns dos itens contidos na cesta: jabá seco, feijão, arroz, sabão para que pudessem lavar roupa. Lembra que em frente à casa, havia uma barragem com “*meio mundo de água*”. Água esta utilizada por todos e para variadas finalidades.

Água que o pessoal tomava banho, vivia dali de dentro, daquela água. Aí tinha vez que a gente pegava aquelas purunga, assim, grandona de água que enchia. Quando ia botar num copo lá dentro de casa, tirava cada fiapo de cabelo desse tamanho. [...] Naquela época, só era aquela memo. E, ali, eles dava banho no animal ali dentro. E nós fazia o que? Não tinha água encanada, não tinha nada. Era naquilo memo.

Por lá, trabalhavam na possibilidade que as forças permitiam. A remuneração, que chegava “*num envelope amarelinho*”, vinha de uma usina e era proporcional ao volume de trabalho realizado durante a semana – “*Media aquelas terra que você limpava, que você fazia*”. Recebiam regularmente todos os sábados à noite. Eis que, um dia, acabaram por “*se perder*”. Ludibriados por um desconhecido que, após especular o quanto recebiam, garantiu-lhes um “*serviço melhor*”: - “*Ah, rapaz, aqui cês tão ganhando quanto? - Ah, nós tamo ganhando o que dá... Da nossas força, o que der pra nós fazer. [...] E já veio aquele gogó*”. Deixaram para trás quinze dias de trabalho e de sossego. Partiram à noite. Sentiu como se o primo e ele tivessem sido arrastados para um lugar estranho. Mais uma vez, estavam no corte de cana. E, mais uma vez, todo o esforço não parecia ser suficiente, tamanha a desmedida proporção entre o dinheiro ‘pingado’ e o corpo extenuado. Passada mais outra quinzena, abandonaram o serviço jurando não mais voltar. “*Vamo simbora pra nossa casa (...). Não falemo nem pra ele que pago nós. E (...), com pouco dinheiro, nós ainda pedimo mais um dinheiro a mais da outra semana. (...) Oxe, se mandemo, minha fia. Aí eu disse: eu não venho aqui. Eu não fui mais nunca*”.

Os “*anos bons*” que vieram pela frente foram condição de possibilidade para que Ivaldo tivesse conseguido cumprir a *jura* que fez de não retornar para o sul de Alagoas. As plantações de algodão e feijão, cultivadas na pequena roça do avô, garantiram um satisfatório retorno financeiro. Seu encontro com Geni aconteceu logo depois, numa festa de Santo: “*Lá no nordeste tem festa de Santo pra caramba. Aí conheci ela lá (...), aí nós começamo se conhecer, namorar e já se casemo. Aí, quando eu me casei, num passei nenhum ano lá casado direito. Vivia numa casa boa lá, num sítio (...). Aí num entendi vir simbora praqui*”. O tom de sua voz, nesta última frase, soou doído feito um lamento, como se a vinda para São Paulo teimasse em não fazer sentido. Como se o lampejo do porvir que fazia brilhar os olhos de um, ofuscasse os olhos do outro. Não demorou muito, Ivaldo insistiu em querer voltar para o

Nordeste. Retornaram, mas somente por uma pequena porção de tempo. Assim, vieram novamente para São Paulo cerca de três meses depois. Mais uma vez, ele seguiu o rastro dos planos de uma firme e decidida esposa: - *“Eu falei: eu vou fazer teus gosto, mas eu vou voltar. E voltei mesmo”*. De volta a São Paulo, ficaram hospedados na casa do irmão de Geni até conseguiram comprar o terreno onde construíram a casa em que moram atualmente.

— *Aí apareceu uma ponta de terreno aqui na beira do rio. Esse rio passava aqui, ó, atrás dessa parede. Ele vinha aqui direto e ele passava [...] no pé dessa parede aqui. [...] Cheguei aqui, metimo a cara trabalhar assim, ó, nesse serviço aqui. E tá nisso até hoje. E a nossa valência foi isso aqui. Se não fosse (...), ela ainda tava em outro emprego. Aí fiquemo, aí, depois, meu cunhado começou pegar da cultura, começou puxar negócio de roça, milho, essas coisa. E eu comecei trabalhar mais ele. Aí eu passei os dois ano. Comecei trabalhar mais ele, aí comecemo se equilibrar.*

Quando Ivaldo começou o trabalho na feira, a disponibilidade da mercadoria estava diretamente condicionada à sazonalidade da safra. A cada semestre, *“tinha mandioca, tinha milho. Aí, quando cê tirava aquela safra, aí esperar pra plantar outra. Então aquilo ali acabava e você tinha que ficar parado”*. Preenchia as lacunas suscitadas pela entressafra realizando pequenos serviços quando surgiam. Mas houve um período em que ele ficou *“parado”*, e a única fonte de obtenção de renda era o trabalho de Geni.

E ela trabalhando (...) numa firma de boneco. Aí eu fiquei parado. Aí foi o tempo que nasceu o meu menino, que hoje é casado. E eu fiquei lá tomando conta dele, e ela ia pra firma trabalhar. (...) Ela trazia os pano, trazia os encheio, trazia as cabeça dos boneco e eu ficava em casa cuidando do menino e enchendo aquelas boneca pra, quando ela chegasse, ela pregava a cabeça pra vender. (...) E com aquilo a gente pagava o aluguel. E assim fiquemo. (...) Aí começou chegar muita mercadoria da roça.

O marido mal finalizou a frase e Geni, que ziguezagueava com algo na mão, chegou bem perto e perguntou se eu conhecia inhame. Sem esconder minha surpresa, disse que nunca havia visto um inhame tão grande como aquele. Ela achou graça – não sei bem do que – e disse que me daria para cozinhar em casa; deu também algumas dicas de preparo. Ivaldo aproveitou o ensejo para engatar um novo assunto. Contou que o primo, recém-chegado do Maranhão, estava arrendando *“uma terra pra plantar mandioca”* e logo poderia buscar a esposa e os filhos que ficaram esperando no Nordeste. Ele enfatizou o quão rentável é o plantio da mandioca. *“Isso aqui dá dinheiro, menina. O cabra novo aqui ganha dinheiro (...),*

no interior, plantar isso aqui... Mandioca. Pra puxar praqui. Quem quer subir na vida (...) planta mandioca, depois de dois ano, você tá rico. [...] Quer coisa mais que dá dinheiro que mandioca aqui dentro de São Paulo? Isso aqui dá mais dinheiro do que droga aqui em São Paulo". Geni atravessa o diálogo e, mais uma vez, tenta me convencer a comprar uma barraca para que eu pudesse, também, trabalhar na feira. Ivaldo seguia dizendo que o trabalho com a "mandioca [dava] dinheiro", apesar de, ao mesmo tempo, desconsiderar ser esta uma opção para mim, dado minha formação acadêmica.

— *Larissa, compra uma barraca, meu compadre tá vendendo. (...) Vem trabalhar com nós só uma vez por semana. Compra uma barraca. Compra uma barraca pra você. Por que você tá rindo? Você é casada?*

— *Não.*

— *É solteira?*

— *Eu sou.*

— *Então. [...] Mas cuma você tá nesse ramo seu, é muito sofrido, correria (...). [...] Se não tiver luta, ninguém consegue ter nada. Não é verdade? Um estudo, se você não se interessar no estudo, você não passa. É o mesmo jeito no trabalho. Tudo eu acho que as coisa é desse jeito. Porque eu mesmo, pra negociar eu sou boa coisa, pra tudo. Pra negócio, eu sou dez. Já pra leitura, já sou uma ruindade. Eu entro numa rua, eu posso passar longe. Daqui a dez anos, eu passo nela eu conheço. Ele [marido] tem leitura, mas ele andava aqui em São Paulo, ele se perdia. [...] Ele, pra ir pro Ceasa, ele dava pro interior. E eu falava: não é aí. E ele tem hora que ele teimava que é. Então você vai. Aí voltava de ré.*

— *É tudo parecido. [resmungo Ivaldo]*

E, mais uma vez, Geni não se deixa capturar pelos enimesmados valores atribuídos a certos 'especialismos', pelo contrário, virando-os pelo avesso, valora o gesto de um corpo implicado no / com o encontro. Penso que, para ela, a produção valorativa de um saber/fazer não parece passar pelo crivo dos cânones acadêmicos, mas, pelo reconhecimento de um valor atribuído a uma intuitiva sagacidade de ler o mundo e conceber-se em relação àquilo que o corpo pode, e não pelo que (supostamente) lhe falta. Nesta torção do significante, o que se extrai é a potência do corpo quando impelido a agir frente aos desdobramentos daquilo que lhe acontece. Portanto, sem modulações de lamento ou autocomiseração, que senti marcarem, em alguns momentos, a tonalidade narrativa que Ivaldo foi delineando.

Neste momento, debruçada no processo de escrita e envolta nos diferentes tipos de registros afetivo-sensoriais, escritos ("diário de bordo", pequenas notas, rabiscos) e inscritos

na memória viva do corpo, me lanço à desafiante tarefa de selecionar o que, hoje, entendo como ‘pegadas’ da pesquisa, nada mais sendo do que os efeitos colhidos em encontros das mais variadas ordens. Em outras palavras, trata-se de uma seleção que consiste em seguir os rastros que marcaram, compuseram e contornaram o campo, ensejando trazer para o texto um (in)certo acompanhamento do marulho produzido em mim durante as (agora já fluidas) andanças pela comunidade e/ou dos pequeninos lampejos de encantamentos, incômodos, estranhamentos, indignações, voluntarismos, deslocamentos... Com isto no horizonte, interroguei minha escolha de trazer para a cena-texto a conversa com Ivaldo. Trago, aqui, as duas primeiras impressões que logo me ocorreram, e que penso tangenciarem um dos firmes traços que admirei em Geni: a expressão disruptiva de alguns estereótipos socialmente fabricados e reproduzidos.

A primeira, por mais constrangimento que me cause, concerne à peleja que foi (é) esgueirar-me dos valores verticalizados que circunscrevem, hierarquizam e legitimam nossa posição no mundo. Com efeito, prospectamos nossos horizontes com base em elementos que apenas promovem cisões hierárquicas, nos afastando de nossa potência e desmobilizando, pois, virtuais possibilidades de nossas *acontecências* no mundo. Ficamos acanhados nesse restrito lugar quando pensamos/constatamos não estarmos exercendo aquilo que investimos ou que nos foi investido, apostado. Não obstante o esforço de fazer desaparecer ou perder força tais elementos em mim, eu me vejo enroscada na mesma linha que Ivaldo puxou para estabelecer a diferença entre nós: — *Ela tem estudo. [...] Seu estudo já é diferente. Nós faz isso aqui, porque nós não estudamos. [...] Mas vocês que tem [...] muito estudo, vão procurar outras coisa melhor.* O que eu não consegui perceber, naquela ocasião, é que ambos tomamos ‘o estudo’ como aposta. Desconfortavelmente reconheço, que a reiterada proposição feita por Geni de que eu fosse trabalhar na feira, desvelou o outro lado da afirmação de Ivaldo — “*Eu estudei um pouquinho só*” —, dando a ver uma espinhosa descoberta, feita agora que revisito o encontro, que num gentil sorriso busquei esconder, talvez de mim mesma: “*eu não estudei tanto para isso*”.

A segunda impressão está encadeada com a pergunta retórica que Maria fez para mim quando, numa outra ocasião, voltávamos da casa do casal: — *A Geni é meio machona, né?* Nada respondi, pois, naquele instante, por um motivo que ainda desconheço, eu não me senti disposta a compartilhar e sustentar meu posicionamento, que ia (e vai) na contramão de certa ‘masculinização’ das mulheres que agem, exercem funções e ocupam lugares legitimados e naturalizados masculinos, por meio da construção societária, criando, assim, comportamentos estereotipados como o tão enraizado ‘*coisa de macho*’. Mas a fala de Maria seguiu ecoando.

E, após reler as narrativas onde conto sobre o encontro com Geni e Ivaldo, imediatamente evoco a dinâmica do casal por mim observada – não sem uma dose de surpresa –, durante as visitas. Então, consigo localizar o notado deslocamento de Geni em relação ao universo de referência que orientou o comentário de Maria, e que tanto chamou minha atenção. Digo não somente do deslocamento evocado pela postura de Geni, que não orbitava na esfera de uma das categorias de organização social engendrada pela instauração do poder patriarcal, no bojo do arranjo familialista, cuja incidência produz o assujeitamento da mulher e *dxs filhxs* à determinada autoridade exercida pela figura do homem (marido/ pai). Mas, também, pelo fato de pertencerem à cultura nordestina que eu, num automatismo desatento, logo conectei com a genérica ideia do ‘*cabra macho*’, que há décadas incrusta o imaginário social. Geni, entretanto, diferia das tantas mulheres historicamente subsumidas à instituição casamento e a seus maridos – p.ex. **ela é a esposa de Fulano**. Enfim percebo que, antes de começar a escrita desta narrativa (incluindo o título que atribuí com sendo provisório), curiosamente eu não me lembrava do nome de Ivaldo, sendo ele por mim tratado, durante todo o tempo, como **o marido de Geni**.

12 UM ENCONTRO COM O GÊNIO

Jerônimo foi o articulador do meu encontro com Gênio. Pensou que seria interessante que eu conhecesse um morador mais antigo e que, ainda, exercesse uma outra forma de liderança no bairro. No caminho até à casa de Gênio, foi logo dizendo que ele era “*meio direito*” – referindo-se a posição política –, mas que era “*gente boa*”. Nesse primeiro contato, falamos brevemente em frente ao portão de sua casa. Jerônimo, como de costume, se adiantou em fazer um breve preâmbulo da minha pesquisa e formação acadêmica, de modo a situá-lo não somente no inusitado daquela visita, como também da minha presença por lá. Com a testa levemente franzida e seriedade no olhar, disse, numa frase de secas e escassas palavras, que naquele momento estava ocupado e não teria disponibilidade para conversar. Expliquei que minha ideia era somente estabelecer um primeiro contato com ele e, também, combinar uma data possível, não havendo expectativa de que fôssemos iniciar a conversa naquele dia, dado que tínhamos chegado sem um prévio aviso. Justificando que a próxima semana estava quase toda tomada de compromissos, disse que conseguiria uma brecha para me receber dali quatro dias, em uma terça-feira bem cedo.

Antes mesmo que eu tivesse topado a condição posta, Jerônimo, num ligeiro e cuidadoso gesto, tentou negociar com Gênio que a visita fosse agendada no início da tarde, pois, acreditava ser este o período mais tranquilo para eu realizar todo o meu deslocamento até lá. Gênio aceitou, embora aparentasse estar um tanto contrariado. Pediu que eu enviasse uma mensagem pela manhã, para confirmar o encontro. Prontamente, peguei meu celular para anotar seu número:

- *É Gênio mesmo?*

- *Isso. Que nem o da lâmpada.*

Registrado o contato telefônico, nos despedimos. A tarde já ia cedendo lugar para o início da noite. Jerônimo acompanhou-me até o ponto de ônibus e, enquanto caminhávamos, foi repassando o trajeto, mostrando cada ponto de referência para que eu conseguisse voltar sozinha à casa de Gênio, porque ele não poderia me acompanhar no dia em que o encontro havia sido combinado. Tomei um baita susto. Eu, que recém-chegada no bairro, só tinha por lá circulado em sua companhia. Ora, como haveria de ser o encontro? E se o Gênio não se mostrasse disponível para a conversa? E se o diálogo não fluísse por, simplesmente, soar desinteressante para ele? Naquele momento, num esforço de tentar antecipar a virtualidade do

acontecimento porvir, eu ruminava essas e algumas outras indagações que faziam tilintar no pensamento a dúvida e a insegurança, por mais que soubesse que os efeitos produzidos nos encontro são da ordem do imprevisível, das incertezas.

Na manhã seguinte, tomei um largo fôlego e enviei a mensagem; Gênio confirmou. Entretanto, sinto que, no fundo, eu esperava um cancelamento da parte dele, pois, desse modo, remarcaríamos para uma data em que fosse possível garantir a presença do Jerônimo. Um grande bocado de insegurança, com pitadas de ansiedade, me tomou de assalto. O caminho até o Jardim Piracema nunca fora tão longo. Errei o cálculo do tempo que levaria no trajeto e, quando fiz a transferência do metrô para pegar o segundo ônibus, já estava no limite do horário. Corri em direção ao ponto, mas, quando avistei o ônibus, este já estava saindo. Fiquei no aguardo do próximo, acho que por cerca de uns 5 minutos, mas a sensação era de que a espera só fazia multiplicar o tempo. Naquela época, eu desconhecia a informação de que mais de uma linha de ônibus poderia me levar até lá. Na realidade, o nervosismo presente no corpo – e consequentemente a falta de oxigenação cerebral, efeito da curta respiração – parecia ter *curto-circuitado*, momentaneamente, minhas sinapses, pois, nem me ocorreu perguntar sobre a existência de outras opções de linhas. Por fim, o ônibus chegou, ou melhor, a “lotação”.

Pausa para um importante detalhe: daquele lado do terminal, ficam as conduções que rumam no sentido dos bairros. São ônibus menores, popularmente conhecidos como lotações – o que, por si, já dá a entender o porquê da denominação. Além daqueles que conseguem ocupar os poucos assentos, são transportados um (significativo) número de passageiros que, nos estreitos corredores, vão se ajeitando como podem para ‘viajarem’ em pé. O que, na maioria das vezes, implica fazer o deslocamento num pequeno ônibus lotado. Acredito que, pelo horário, consegui não somente garantir, mas escolher um assento. Faltando pouco para o fim do trajeto – mais precisamente 1 ou 2 minutos para cravar o horário combinado –, chega uma mensagem do Gênio: “oi, Larissa”. E só.

Bastou este miúdo aceno para fazer irromper a tensão que, a custa de algum esforço, estava atenuada. Logo me conectei com a impressão da imagem que eu havia apressadamente formado, na ocasião daquele primeiro contato, de um Gênio sisudo e pouco disponível para o encontro. Contudo, não havia me dado conta de que a disponibilidade já estava lá, ainda que para mim invisível, e mesmo que em estado larvar, desde que ele aceitou o convite para compor *entre-vistas* a serem geradas no encontro com uma desconhecida pesquisadora, cujo interesse residia na tentativa de estabelecer aproximações com variados modos de produção

das tantas vidas gestadas no cotidiano. Havia, ali, uma enorme abertura, talvez o prenúncio de um ‘estar disponível’ para o outro.

Ao chegar, fui recebida por Pedrinho, o irmão mais novo. Pela fresta do portão entreaberto, pude acompanhar Gênio em seu movimento de aproximação, do interior à frente da casa, até onde eu o aguardava. Convidou-me a entrar. Fui acolhida por ele e por sua esposa, que somente permaneceu nos primeiros minutos da conversa, participando timidamente enquanto lavava a louça do almoço. Já acomodada no sofá da sala, eu torcia para que quaisquer que fossem as perguntas dele, que viessem desprovidas da exigência de objetividade nas minhas, provavelmente, vacilantes respostas, pois, tudo o que eu tinha, era um esboço de pesquisa, um corpo-curioso, umas tantas incertezas e uma visagem de questões inconclusivas.

Sua primeira pergunta foi se eu iria “*desenvolver uma tese*”. Muito desajeitadamente, eu disse que estava interessada na produção da vida que é engendrada pelos saberes local e de cada um dos que ali vivem. Produção essa que, muitas vezes, é subsumida pelo conjunto de práticas e saberes *tecnocientíficos* também fabricados no campo da Saúde. Conteí que minha embrionária pesquisa ensinava mais do que verificar a produção de vida que escapa e extrapola a conformação instituída pelas políticas públicas de saúde e pela *forma-SUS*, mas, sobretudo, buscava estar à espreita das ordinárias lutas e das pequenas *movências* que, cotidianamente, incitam a composição de variados modos que forjam as mínimas (r)existências.

Aos 14 anos, Gênio começou a trabalhar. Era *office-boy*. Um pouco mais velho, *deu uma sorte* por ter conseguido uma vaga na *firma de aço* que o pai trabalhava – “*sabe quem trabalhava lá? [...] O pai da rainha da Suécia. Que ela é brasileira. Você não sabia? A rainha da Suécia é brasileira*”. Nessa empresa sueca, Gênio ficou durante cinco anos. Ele trabalhava metade do período; na outra, estudava. Saiu porque a empresa foi para uma região distante da cidade. Depois de lá, passou por outros empregos, incluindo o bar que o pai teve por alguns anos. Alguns minutos mais tarde, chegou Pedrinho que, a convite de Gênio por toma-lo como uma espécie de *memória auxiliar*, juntou-se a nós para fazer parte da conversa.

Atualmente, Gênio “*trabalha fazendo queijo [e] geladinho*” que vende lá na vila. Trabalha *por conta*. Pretende trabalhar “*mais uns dois anos para aposentar. [...] E aí, a gente vai se virando*. Ainda que grande parte dos moradores trabalhe fora, “*muita gente se vira [lá] embaixo. Uns faz jogo do bicho, outros monta uma barraquinha, ali, de fruta*”, tem os *mandioqueiros*. Pedrinho complementa: “*é o chamado trabalho informal. [...] É*

sobrevivência, né? Principalmente, em épocas de 13 milhões de desempregado, né? Não é brincadeira. É trocentos Uber”.

No átimo seguinte, Gênio esboçou um novo começo de conversa. Talvez, para situar historicamente sua narrativa, como se puxasse um fio da meada, tenha decidido, então, revisitar algumas cenas do bairro, dando especial atenção aos primórdios de sua origem. O ano era 1929. Tinha dúvidas se esse era, de fato, o ano de nascimento do Jardim Piracema, mas podia assegurar que o bairro já existia nessa época, haja vista que a fundação de um time de futebol local ocorreu no dia vinte e nove de abril do ano de mil novecentos e vinte e nove (sic). A justaposição dos fragmentos narrados pelos dois irmãos compôs o extenso, e intenso, compartilhamento das reminiscências que desdobraram não somente uma cronologia dos acontecimentos, mas os efeitos sedimentados em seus corpos quando do atravessamento pela variação de afetos que brotaram em encontros de toda ordem, constitutivos, pois, de cada pedaço de suas histórias por ali vividas.

Pedrinho conta que, *“antes, muitos anos antes, aquela região era uma chácara”*. Gênio, embora não soubesse explicar os motivos, complementa que o bairro já teve alguns outros nomes e que, somente agora, *“o imposto [vem como] Jardim Piracema”*. Extensa, a comunidade *“abrange até o outro lado da linha”*. Referindo-se à linha férrea da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), que forma uma espécie de ‘paredão’ que contorna a comunidade, separando-a da longa Avenida Assis Ribeiro e do bairro Carnaíba, localizado nas imediações, na ‘parte mais alta’. *“Uma coisa importante do bairro”*, que Pedrinho recordou-se, foi o modo como se deu a expansão da comunidade, desprovida de qualquer planejamento urbano. Entretanto, avalia que trouxe algumas vantagens para a população que ali já residia.

— *O crescimento não foi projetado. [...] Tinha um campo de futebol em uma área bem grande sentido bairro. Uma área bem grande que eram chácaras. O campo de futebol já não existia, porque a dona perdeu pra Prefeitura por causa de impostos. Em 88 já não tinha. Mas, em 1995...*

— *Por isso que eu te falo das datas.* Comenta Gênio, em tom de brincadeira, ao chamar minha atenção para a facilidade com que Pedrinho armazenava datas.

— *Eram várias chácaras e, nessa daí, veio aquele loteamento clandestino [...]; meia dúzia de esperto num terrenão desse daqui. [...] Só que foi bom, porque, vieram muitas moradias e puxou muito o comércio. [...] Porque tudo pra nós tinha que ir lá em cima. Açougue, feira, mercado, tudo. Aqui, era só boteco. Então, uma coisa [...] decisiva pro bairro ter um ‘boom’ legal, melhores casas, principalmente comércio na sua porta, foi a partir de 95.*

- *Comercialmente foi muito bom, mas vieram muitas pessoas negativas também.*
 — *Aqui veio gente de todo tipo, né? Eu tô falando em relação à transformação.*

Quando pergunto se o local onde moram estava circunscrito a essa área de ocupação, eles negam muito enfaticamente. Há cerca de 10 anos, a porção territorial do Jardim Piracema era pequena – “*Aqui era só isso. O centro é aqui*”, diz Pedrinho. E, na medida em que as ocupações foram ocorrendo, houve o expressivo desenvolvimento da comunidade. De acordo com Gênio, “*inverteu-se o comércio*”, pois, anteriormente, quando precisavam fazer alguma compra, tinham que ir “*lá em cima*”, se referindo ao necessário deslocamento até o bairro Carnaíba – “*Hoje, o pessoal de cima... inverteu*”. Pedrinho conta que a percepção do crescimento do bairro não foi notada exclusivamente pelos seus moradores:

Aqui virou, na verdade... Até uma menina definiu aqui. Eu levo o carro do meu sobrinho pra lavar, aí eu falei: eu moro lá no Pira. [...] Ela falou: “nossa, o Pira virou uma cidadezinha, né?”. E virou mesmo, comparado com o que era. É loja de tudo o que você imaginar tem. E foi desde exatamente desse 1995, com esse loteamento clandestino. Que era uma área grande. Tanto que nosso bairro emendou com o bairro vizinho. Piracema e Assis, praticamente, alguns pontos que se tornaram um.

Com dúvida, Gênio pergunta ao irmão se “*o Posto de Saúde [chegou] depois*” dessa ‘emenda’ de bairros. Com veemência, Pedrinho diz que a unidade, localizada no Jardim Assis, havia ‘chegado’ “*bem antes*”. Pontua que, no referido bairro, “*sempre [houve] valorização e desenvolvimento, porque lá eram pessoas instruídas; advogados, [...] pessoas estudando, pessoas com vida acadêmica mesmo. Tinha uma liderança muito forte lá*”. O Jardim Assis diferencia-se não somente por ter realizado a pavimentação asfáltica da maioria de suas ruas há bastante tempo, mas também por contar com alguns equipamentos públicos, tais como escola, creche e a já mencionada Unidade Básica de Saúde (UBS). Com efeito, Pedrinho atribui tais conquistas a uma “*capacidade maior de reivindicação*”, capacidade esta que ele acredita estar diretamente condicionada ao grau de escolaridade dos moradores. Gênio, além de concordar com as colocações do irmão, sintetiza, de modo a estabelecer um paralelo entre os bairros:

- *Então é mais ou menos como Morumbi e Paraisópolis.*
 — *Guardada as devidas proporções, dá pra comparar.* Todos riram.

Retomando a analogia estabelecida por Gênio, quando da comparação entre os bairros, Pedrinho afirma que há, “*na prática [...], uma divisão social*”, embora a dimensão territorial do Piracema alcance um raio maior. Ele explica:

Porque aqui ficou o Pira. Pra baixo da Assis Ribeiro, pra baixo da linha férrea, é uma classe mais pobre. Pra lá, [na] década de 80 era os riquinho pra nós. Na década de 80, não existia classe média. As desigualdades eram bem grandes, né? Visíveis, você entendeu? Mas, assim, oficialmente mesmo, como ele tá falando, sempre falaram que o Jardim Piracema pega até mais.

Gênio sustenta que a divisão do espaço físico do Jardim Piracema deve ser feita somente quando o que está em discussão é o bairro, ou melhor, “*a vila*”, ele me corrige. Ainda, expressa a enorme antipatia com a denominação que marca a diferença quando da divisão territorial. Um certo ‘nós e eles’.

— *Tanto é que aqui é o Pira. Eu não gosto dessa palavra. Eu gosto de Piracema.*

— *Ele acha pejorativo.*

— *E tem muito preconceito, né? Porque, lá em cima, tem muita gente que não presta. Aí rouba um carro lá: “ô, o pessoal do Pira lá”. Mas, aqui, não é Pira também? Não é Jardim Piracema também? Por que que é “o pessoal de lá”, né?*

— *É a divisão social, né?*

— *É muita frescurinha também, sabe?*

Disseram que o Jardim Piracema *passou uma eternidade sem desenvolvimento nenhum*. E que, inicialmente, era formado por *muitos espaços, muito mato, várias lagoas*. Resultante do desinvestimento do setor público, e somado à ausência da *capacidade de reivindicação* – efeito do precário nível de *instrução* dos moradores, de acordo com o posicionamento crítico dos irmãos –, a paisagem permaneceu inalterada por anos, provocando, em mim, a sensação do abandono e do descaso em relação ao lugar e às pessoas que foram povoando a comunidade. Vagarosamente, o crescimento da comunidade foi ganhando visibilidade à medida que as *casinhas* iam ocupando ruas quase vazias e a *grande área verde*, colorida de “*muitas lagoas, [...] muito verde, muito pé de tudo*”. Posteriormente, houve o que Gênio denominou ter sido uma “*invasão*”, se referindo a uma nova ocupação de moradia instalada após o aterramento da área onde estavam localizadas as lagoas supracitadas. Outra vez, vocalizam o histórico desinvestimento em um território que tem o imprevisto e a precariedade como marcas constitutivas.

— *Porque, aqui, sempre foi assim. Teve vários e vários projetos. Pra fazer... Difícil. A gente era criança, tinha projeto de fazer conjunto habitacional. [Pedrinho]*

— *Mas é por causa do terreno. O terreno era meio arenoso, né? [Gênio]*

— *Afunda. [...] Não é um solo firme, né? Tanto que, ali, a extensão do Piracema, ela é conhecida como **aterro**. Que eles tinha que aterrar um pouco para ficar mais firme, senão afunda. Vai construir uma casa, cai. É um solo tipo arenoso, sabe? Não é firme assim, porque era chácara. [Pedrinho]*

— *Tem uma rua aqui, Rua Canaã [...], é praticamente uma vilinha, mas foi feita em cima de uma lagoa. Foi aterrada toda ela. O cara veio não sei da onde, começou aterrar, começou aterrar, foi vendendo... Hoje é uma vila de casa. [Gênio]*

Nessa vila de casas, as curtas e estreitadas ruas carregam nomes bíblicos, pois, “*como eles eram evangélicos, no que eles venderam o terreno, eles iam colocando as ruas*”. Pela descrição, imagino ser a região onde Jerônimo reside com a família. Pedrinho confirma e ressalta que essa área de povoamento “*mais recente, [é] da turma de vinte e três anos pra cá [2018]*”. A construção da Rodovia Ayrton Senna também contribuiu para a alteração da paisagem, porque, de acordo com Gênio, “*demoliu com muitas lagoas*”. Pedrinho reitera: “*com certeza [...] acabou com tudo*”. Mas a transformação da cena da comunidade, tanto quanto a da sua dinâmica, valeu-se da contribuição de outros elementos como, por exemplo, a expansão do comércio. Gênio destaca o surgimento de “*uma coisa boa que foi a feira, apesar de estar num local errado*”. Imediatamente, o irmão intervém: “*não, mas é boa. Se sair, todo mundo sente falta*”. A feira, que acontece aos sábados, é montada na rua principal há mais de 15 anos. Consideram que o comércio ali *é bom*, por oferecer bastante *variedade*, *mas é caro* em relação ao *nível social* dos moradores. Gênio aponta a *falta* de um *mercado bom*, com *preços bons*, mas reconhece que, por ali, *o bom é padaria*.

Um pãozinho aqui é R\$0,35. Se você for lá em cima, sai bem mais caro. Um dia veio, na distribuição do leite, veio um pessoal da [Avenida] Paulista. Eles trabalham [na] Secretaria de Desenvolvimento Social, que administra o leite. [...] Aí, ele teve que vir aqui ver uns negócio... Sobre um caminhão quando os cara tava construindo ainda o esgoto, sabe? Fizeram um buraco [e] o caminhão com o motorista não queria passar. Aí eu levei ele na padaria pra ele fazer um lanche. Quando ele foi pagar, ele tomou até um susto, porque... Baratinho demais! [risos] Ele: “Meu Deus do céu, se eu fosse pagar isso aqui lá na Paulista eu...”

Novamente, pontuam a expressiva *transformação* do comércio local iniciada no ano de 1995. Relembra as dificuldades a serem enfrentadas sempre que precisavam fazer compras, em razão de que parte do trajeto até o Carnaíba, bairro onde estava localizado o comércio mais próximo, consistia em um trecho íngreme.

— *Pra gente comprar qualquer coisa, subia esse ladeirão, ó, íngreme assim. Minha mãe subia desse jeito assim, ó.* Pedrinho imita o movimento da mãe, que subia lentamente a inclinada ladeira, equilibrando as sacolas e pressionando os joelhos com as mãos para pegar impulso.

— *Nós que sofria. Pra comprar a mistura da noite, tinha que enrolar lá em cima, hein, Pedrinho?* [Gênio]

— *Era só boteco.* [Pedrinho]

Mas o comércio local não consegue oferecer emprego suficiente, tendo os moradores que se deslocarem para outras regiões: *“é tudo no centro da cidade. Tanto é que tem umas cinco, seis linhas de ônibus aqui. É tudo lotado. Se você for no horário de pico, ali no ponto de ônibus, é no mínimo cem pessoas”*. Eles consideram alta a densidade demográfica da comunidade em relação a sua extensão territorial. Pedrinho conta que, nos horários referentes ao início e término das jornadas de trabalho, *é um mundo de gente* subindo ou descendo dos ônibus; parece até *um formigueiro*. Considera que, apesar do aumento das linhas, há uma quantidade insuficiente de ônibus, uma vez que devem atender não somente os moradores do Pira, como também aqueles de comunidades vizinhas. Gênio pondera:

Mas, nossa, em vista de 1971, Pedrinho... Que só tinha o poeirinha! [...] Nossa, era triste. Cê saía pendurado, as costas batendo... Não tinha esses muro; a linha férrea. Uns capinzão. Cê batendo as costa no capim. Era terrível. Naquele tempo, andava com a porta aberta, pendurado. [...] Nós andava uns dois, três pontos para conseguir pegar o ônibus. [...] Hoje vai encostando nego vai subindo. Tá bem melhor.

Decido, então, perguntar sobre o saneamento básico, pois, eu tinha notado que, entremeando a comunidade e a rodovia, havia um comprido e estreito córrego, cujas quantidades de lixo, dejetos, entulhos e mato quase ocultavam o volume de água. Pedrinho, então, num esforço de localizar no tempo as datas que auxiliassem no estabelecimento de um panorama acerca dos primeiros investimentos em infraestrutura na comunidade, disse que a *“a água chegou em 72; e a luz, em 73”*. Mais uma vez, Gênio, com um sorriso leve de canto

de boca, ressalta a facilidade com que o irmão aciona as datas armazenadas em sua *boa memória*. Na sequência, conta que, embora não houvesse, na comunidade, esgoto a céu aberto, “*o saneamento não era feito de maneira adequada*”. E que, somente há dois ou três anos atrás, a adequação do sistema de esgoto tinha sido implementada – “*Chegou há pouco tempo. [Mas] não era também tão deficitário*”. Eu insisti um pouco mais na questão do saneamento, porque o tanto de entulho ali jogado, junto ao desagradável cheiro e a turva coloração da água, me levou a suspeitar que ao menos parte do esgoto também estivesse sendo canalizada para o córrego. Eles confirmaram. Logo, o córrego acaba sendo uma grande fonte de contaminação – “*É uma das coisas que a comunidade tinha que reivindicar*”, acentua Pedrinho meio indignado.

— *A gente chama de rio Negrinho. Mas, na realidade, é canal de circunvalação da margem esquerda do rio Tietê, apelidado como rio Negrinho. [Gênio]*

— *Porque é daquele jeito, né? Cê cai ali, cê morre. Muitas pessoas já morreram. [Pedrinho]*

— *Ajudei a salvar criança ali. Ele fica seco; correntezinha fraquinha. Agora quando chove... Sorte daquele menino que nós vinha vindo do campo e, quando ele caiu, eu avistei. E conseguimos pegar. O colega meu pulou. Nadava mais do que eu. [Gênio]*

— *A água é completamente contaminada. [Pedrinho]*

— *12 mil pessoas jogando fezes... [Gênio]*

— *Ali tinha que ser canalizado faz tempo, né? Não pode ficar. [...] Tem moradias de risco até... Lá na beira. O pessoal quer fugir do aluguel, né? Já pensou conviver com aquele cheiro? Uma criança? [Pedrinho]*

Segunda pausa para uma pequena digressão. Meses depois, em uma de minhas derivas pela comunidade, eu conheceria outro pedaço daquele território, habitado por vidas que, constantemente, flertam com riscos de várias ordens. Falo de um lado ainda mais segregado, constituído por travessas íngremes e afuniladas, cuja acessibilidade é bastante prejudicada. Caminhando por entre essas ruelas, me deparei com precárias moradias de palafita que beiram o rio Negrinho, distanciadas apenas por uma espécie de corredor que mais parece um desfiladeiro. A passagem é dificultada tanto pela estreiteza quanto pelos pedregulhos, restos de materiais de construção, plantas e matos que crescem espontaneamente na superfície do irregular (e esburacado) chão de terra batida. Por alguns instantes, observei as crianças que por ali brincavam. Sob as palafitas, uma quantidade razoável de água parada.

Puxando a linha de uma memória carregada de afetos, Gênio, junto ao irmão, foi tecendo uma bonita narrativa. Revisitou as paisagens acessando as marcas produzidas no corpo, ao longo dos 59 anos vividos ali, e analisando aquela malha comunitária que, a despeito do notável *desenvolvimento* recente, havia muito a ser tecida. Gênio, embora menos atuante ultimamente, contribuiu ativamente para a *melhoria* das condições de vida dos residentes do Jardim Piracema. Criou a Associação de Moradores, “*mas só para a distribuição do leite*”. Nesse compasso, uma tímida mobilização ia esboçando-se, amparada na aparente necessidade de articulação política, muitas vezes, partidária.

Que um político chegou [...]: “ah, quer distribuir leite?” Tá, tudo bem. Peguei. Mas não tinha documento nenhum. Mas, aí, a secretaria vai evoluindo. Aí eu tive que ir correndo atrás. Começou com o ticket. Quase 32 anos já. E aí, tive que tirar CNPJ. Tem que andar tudo na linha. Fazer a declaração todo ano, cê entendeu? Se não andar direitinho com a receita, eles cortam. E [a Associação] foi criada, exclusivamente, só para atender esse pessoal. [...] Eu ajudei muitas pessoas, às vezes, eu fazia cesta básica e distribuía ali e aqui... De uma certa forma, politicamente... Cê entendeu? A gente escolhia, a gente pensava, colocava a pessoa pra trabalhar. A gente foi dando uma força. Mas não [tinha] uma sede, associados. Nunca tive essa preocupação. Foi mais, exclusivamente, pra não perder o leite. Então falei assim: ‘já tô distribuindo, tem que andar direitinho, então, vamo andar direitinho’. Durante 6 ou 8 anos, foi um plano muito bom, que eles tinham lá, que era “Alimenta São Paulo”. Cestas básicas. Do Governo do Estado de São Paulo. E eram cem famílias durante 1 ano. Aí dava 1 ano, você trocava, colocava outras cem. [...] Aquilo ajudava as pessoas. [...] Foi entre [José] Serra e [Geraldo] Alckmin. Aí, quando ganhou os dois, aí cortaram isso. [...] Antes disso, eu me virava. Eu, na distribuição do leite, falava: ‘ó, tem um pessoal passando necessidade. Se vocês puderem trazer um quilinho de arroz, um quilinho de feijão’. E eu ajudei muitas pessoas. Inclusive, de vez em quando, tem uma lá [...] que fala pra todo mundo: “esse homem matou a minha fome!”. Aí eu fico... Sabe?

Pedrinho, orgulhoso, ressalta a liderança do irmão “*na parte esportiva durante muitos anos. Aqui girava em torno do trabalho dele*”. Gênio, que escutava atentamente, pareceu ter se deixado embalar pelo afetuoso modo com que Pedrinho o percebia e pela intensidade daquela lembrança aflorada no delicado incontido de um largo sorriso. Como quem conta uma peraltice, revela o destino que deu à indenização recebida após a saída “*do emprego de cinco anos: [comprou] dois uniformes pra um time de futebol*”. Com empolgação, Pedrinho relembra alguns dos outros investimentos feitos por Gênio, tais como treino de futebol feminino, bailes *no início dos inesquecíveis anos 90*, concurso para eleger a “Miss Piracema”... Saudosos daquela época, que acreditam ter sido matizada pela *amizade*, pelo *amor entre as pessoas* e pela *união*, em contraponto ao cenário atual – composto por *drogas*, *violência*, *esfriamento das relações*, *falta de respeito* –, dizem que *o mundo deles era ali*, que

não precisavam sair do Jardim Piracema para serem felizes. Sentem que, nesse período, o mundo era muito mais humano.

— *E no final do ano Pedrinho? Aqui, hoje, você faz o seu churrasquinho. É você e sua família. Antigamente, eu tô fazendo o meu churrasquinho aqui. Quando chegava meia noite e dez, chegava o meu compadre: “vamo pra casa de não sei quem”. [...] E ia rodando. Quando chegava na última casa, tinha mais de cem pessoas. Hoje não, cada um faz o seu.* [Gênio]

— *Era uma verdadeira confraternização mesmo. Questão de época.* [Pedrinho]

— *Era muito gostoso. [...] Nós não temos amigos. Antigamente, nós tínhamos. Hoje, nós conhecemos, temos colega, tal. Vai ali, toma uma cerveja. Mas não é aquele amigo de batizar seu filho, de vir almoçar na sua casa...* [Gênio]

— *Porque, antes, quanto mais, digamos, seu leque de amigos fosse maior, melhor era. Fazia parte da felicidade.* [Pedrinho]

— *Lembrei de algo importantíssimo: minha mãe. [...] A pessoa tava passando dificuldade na rua, ela trazia pra casa. Quantos colegas nossos que ela criou. E, hoje, nós temos vontade de fazer isso, mas não dá. O mundo ficou ruim, né? Com ternura, recorda da casa que, aos finais de semana, ficava cheia de gente. Minha mãe era demais! Minha irmã tentou fazer, mas não tinha o carisma que ela tinha. Muito carismática. Faz falta.* [Gênio].

Os olhos marejados e o embargo na voz anunciam a chegada das lágrimas que, rapidamente, se vertem em vapor tamanho o aquecimento do corpo embevecido de afetos e tomado pela saudade. Levantou-se, parou em frente ao sofá, retirou o casaco; suspirou: “*foi só falar da minha mãe que me deu até calor*”. Com visível esforço fez secar as gotículas de água e sal que quase escaparam num choro, aparentemente contido há tempos, pois, *se chorasse, [naquele instante], o mar inteiro [lhe] entraria pelos olhos* (COUTO, 1999).

Gênio e Pedrinho seguiram embalados pela teia narrativa que os possibilitaram remontar a história, as memórias e as dinâmicas que constituíram o bairro onde residem desde a infância. Através da prospecção dos registros mnêmicos por eles desfiados, que se complementavam feito jogral, embarquei num sobrevoo pelo Jardim Piracema, o que me permitiu obter algumas pistas sobre as paisagens e os viventes daquele território a partir desses singulares ângulos, afetos e perspectivas. E, naquele rodopiar de percepções, recordações e afecções compartilhadas, íamos transitando pelas paisagens formadas do que um dia foi, do que se tornou e do que se espera, a despeito de uma vacilante crença, vir a ser aquela comunidade no que tange à garantia de dignas condições de habitabilidade, circulação,

saneamento básico entre outras tantas necessidades constitutivas dos fundamentais direitos humanos.

13 SOBRE A PROPOSTA

Diante do inegável fato de que *a vida existe* – na incessante variação do que lhe acontece –, o que mobiliza a proposição dessa pesquisa é a possibilidade de interrogar o que se supõe dado, seja uma ideia, um bairro, uma paisagem, uma vida.

O que acontece realmente, o que vivemos, o resto, todo o resto, onde ele está? O que acontece a cada dia e que sempre retorna, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infraordinário, o ruído de fundo, o habitual, como dar conta disso, como interrogá-lo, como descrevê-lo? (PEREC, 2010, p. 179).

A relação que estabelecemos com o habitual, dado que “estamos acostumados com ele”, é de uma não interrogação recíproca, cada qual ao seu lado “como se ele não veiculasse nem perguntas nem respostas, como se não fôsse portador de qualquer informação” (PEREC, 2010, p. 179); nós o vivenciamos sem nele pensar. Todavia, pude observar, em recente aproximação com a narrativa cinematográfica de Eduardo Coutinho, um movimento contrário a esse. Durante o processo de produção de seus documentários, Coutinho criava um plano de escuta das vozes de pessoas comuns que narravam o cotidiano de suas vidas; instauração, pois, de um plano de “visibilidade do invisível” (MOREIRA; PEREIRA, 2017). Um olhar atento à composição do corriqueiro da vida humana. Mas a obra documentária de Eduardo Coutinho não pode ser reduzida a uma pretensa função de “dar voz ao povo”, ainda que muitos erroneamente atribuam tal função ao dispositivo fílmico criado pelo cineasta, o que implicaria “uma [...] prepotência, porque imagina[-se] que alguém tem esse poder de ‘dar’ (um presente...) voz ao povo. O povo sempre teve voz, sempre falou” (VALENTE apud MOREIRA; PEREIRA, 2017, p. 277-8).

Para fazer seus documentários, Coutinho partia de uma *ideia* de onde queria ir, do lugar que gostaria de se aproximar para ver como a vida acontecia ali. Em *Santa Marta, duas semanas no morro* (1987), Coutinho e sua equipe entraram no Morro Santa Marta, uma favela do Rio de Janeiro, via Associação de Moradores. A partir dessa via de entrada, foram fazendo conexões com os moradores por meio de pré-entrevistas onde eram selecionadas algumas pessoas que, ao toparem compartilhar suas histórias de vida, transformavam-se em aliadas na construção narrativa do documentário. Coutinho era um interlocutor que queria escutar, escutava de perto, interessado naquelas existências e nas histórias que enredavam suas vidas, nas narratividades fabuladas para darem língua e sentido para o vivido. Exercício de aproximação com uma trama existencial forjada em outros contextos, outras experiências.

Exercício de fabricação de um tipo de olhar que não se cola a uma dada distribuição populacional (rico, periférico, classe média...).

Algo desse *Eduardo Coutinho-cartógrafo* em mim reverbera, produz deslocamentos e me faz interrogar a própria ideia de pesquisar “o esmagamento”. Diante da captura das formas de vida operada pela racionalidade neoliberal, o esmagamento é uma experiência coletiva real, de sufocamento. Experiência de todos os corpos, vivida pelos diferentes grupos societários, dos mais variados modos. Contudo, quando se fala em esmagamento, geralmente já se parte de uma imagem caricatural, por imaginar-se que o ‘esmagado’ é o periférico, o ‘assujeitado’. A visibilidade que temos dos lugares marginalizados, bem como de quem lá reside, é caricatural. Uma espécie de “*eles são assim mesmo*”: caricatura de homens no bar, mulheres na igreja, jovens no pancadão.

O que é que está *esmagado*? Em que consiste esse esmagamento? Esmagamento da vida ou da percepção que formula enunciados estéreis e olhar unidirecional? Esmagamento da condição do que não se apresenta, aos nossos olhos, como lugar de produção de linhas de fuga? No exercício de suspensão da emissão de um juízo valorativo, que mensura e determina algo de acordo com um crivo e referências próprios, o que se pretende é saber como é a vida de quem não tece o que, em certo sentido e por mais paradoxal que seja, consideramos como sendo linhas de fuga.

É preciso verificar: como vivem os moradores dos periféricos bairros? Lá existe possibilidade de trânsito e habitação em outros mundos? Como são as variações de paisagens territoriais e existenciais na cotidianidade da vida? Abrimos espaço para a emergência de outros mundos nesse “nosso” mundo?

O que pretendo nesta pesquisa é esboçar uma cartografia das existências, passando e pulsando no seu movimento mínimo, no emaranhado das linhas de um ordinário cotidiano que se encarrega da tramagem da vida. A proposta consiste em transitar por um bairro (a ser escolhido) que não evidencia as linhas de fuga que já mapeamos como possibilidades de produção de potência, o que não quer dizer que não existam.

14 SOBRE PONTOS E FINAIS¹²

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir

(*“AmarElo” - Emicida*)

Há sempre muita coisa que se gostaria de dizer... Sobretudo no encontro que marca o ponto de uma chegada possível da pesquisa, embora não seja o ponto final. Um ponto. E ponto! No início, rajadas de ar que se encontraram com as intensas correntes de inquietações e desassossego movimentaram a escrita da dissertação. Num só fôlego, as folhas em branco do caderno foram inundadas por ondas de ideias/afetos/memórias vertidos em palavras. Recolhimentos do campo e do corpo pelo campo contagiado. Um texto que acontece. A palavra-pólen foi compondo meu processo de escrita. Eis uma escrita polinização: o encontro entre a saliva da palavra falada e registrada nas anotações e diário de campo, as ideias dali germinadas e o grafite que marcou no papel, não mera palavra escrita, mas palavra viva.

A difícil tarefa de manter uma escrita pulsátil, que implica trazer para o papel um emaranhado de ideias que mesmo tímidas, hesitantes, buscaram esgueirar-se da interceptação da exigência de sentidos concatenados para produzir uma escrita que se pretende “funcional”. Escrita que vira “funcionalidade” e não processualidade. Ora, mas como manter a escrita viva e, sobretudo, acolher e dar língua ao marulhar das ideias/afetos incitados pelas andanças no campo?

Essas derivas cartográficas, enquanto movimento de acompanhamento das processualidades e paisagens constitutivas do meu campo de pesquisa, embora engendradas por direções e arranjos finitos – pois chegou o tempo de efetuação do processo em curso –, foram atravessadas por múltiplas e ilimitadas possibilidades de traçado de rotas e estabelecimento de conexões rizomáticas. Conexões derivadas do conceito de rizoma, conceito este emprestado da botânica, por Deleuze e Guattari (1996), e que se trata da extensão horizontal do caule que liga os brotos de forma descentralizada e contínua,

¹² Este texto, juntamente com uma pequena produção audiovisual feita na comunidade do Jardim Piracema, foi por mim apresentado no momento da arguição da Defesa do Mestrado e, por sugestão da orientadora, inserido neste exemplar da versão revisada da dissertação.

permitindo a ocupação ampla e heterogênea do organismo. Entendido por esses autores como “sistema aberto”, a-centrado e não hierárquico, o rizoma é constituído por linhas em movimento, abrangendo todo tipo de *devires*, ou seja, relações que se dão por meio da experimentação e conexão entre heterogêneos.

Na esteira dessa imagem, o movimento de minha pesquisa cartográfica foi se desenhando. Com efeito, o texto que entrego à banca consiste naquilo que meu corpo pôde recolher, apreender, avaliar, escrever, uma vez imerso no movimento de seguir percursos de transmutação contínua no qual a pesquisa foi sendo produzida, na relação com e entre os diferentes corpos ali implicados. Texto, ainda, que diz da extensão possível percorrida e alcançada por um corpo esgotado, mas que, renitente, conseguiu, por meio de uma fragilidade corajosa, sustentar o desejo de seguir adiante, não sem desvios ou paradas, na criação de uma pesquisa sensível e autoral.

Nesse lançar-me à deriva, me deixei levar pelo trajeto errático trilhado pelo acaso e pela curiosidade incitada no corpo pelas paisagens daquele, até então desconhecido, território. Contudo, não só de derivas consistiram minhas andanças pela comunidade Piracema; meu escolhido campo de pesquisa. Nesse sentido, encontro algo de semelhante no filme “*Stalker*” de Andrei Tarkóvski com meu processo de entrada no campo. Explico. O personagem “*stalker*” que, munido de um conhecimento difuso sobre uma espacialidade-território, ali denominado “Zona”, comprometeu-se em guiar um cientista e um escritor até lá. Embora soubesse andar e tantas foram as suas idas até lá, o “*stalker*” não detinha o conhecimento total daquele território, cuja paisagem não era estática e sempre guardava elementos imprevisíveis à medida que o grupo adentrava o lugar.

Traço um paralelo entre a situação narrada no filme com minha vivência no processo inicial da pesquisa. Completamente “estrangeira” naquela comunidade, a abertura para minha entrada e deslocamentos por lá foi possibilitada, num primeiro momento, pelo Jerônimo. Consegui seu contato através de um ex-aluno da Laura (minha orientadora) que durante uma disciplina por ela ministrada, teve a oportunidade de conhecer Jerônimo e construir, na prática, por meio das andanças pela comunidade do Piracema, o movimento vivo que compõem um território geográfico-existencial. Dado que Jerônimo era o presidente da Associação de Moradores do Jardim Piracema, pensei que a entrada poderia ser mais cuidadosa. Afinal, o ensejo era de que, a partir das derivas e, sobretudo dos encontros, fosse possível menos uma coleta do que a produção dos dados da pesquisa.

Então, uma mensagem de celular que enviei a Jerônimo marcou nossa inaugural aproximação. Ele prontamente topou me receber. Faltando pouco para chegar ao ponto final

da lotação, avistei Jerônimo. Trajando vermelho como havia combinado, ele aguardava a minha chegada enquanto conversava com o vendedor de caldo de cana. Eu estava ansiosa. Respiração curta. Assim que desci da lotação, a instabilidade quase movediça que eu experimentava no corpo ao pisar naquele solo desconhecido, por mais almejado que fosse o *avizinhamento*, era inevitável. Ainda que tivesse ensaiado na cabeça, umas tantas vezes, como eu iria apresentar-me, o primeiro aceno foi desengonçado, um tanto protocolar. Uma apresentação não despida de certa formalidade, que colocava a pesquisadora em mim à frente daquela aproximação. Como se, em um incógnito território, necessitasse de uma couraça que servisse de anteparo.

Apresentei-me e tentei contar a ele o que, naquela época, era apenas um fino traço da pesquisa. Embora embrionária, a pesquisa já ensejava mais do que verificar a produção de vida que escapa e extrapola a conformação instituída pelas políticas públicas de saúde e pela *forma-SUS*, mas buscava, sobretudo, estar à espreita das ordinárias lutas e das pequenas *movências* que, cotidianamente, incitam a composição de variados modos que forjam as mínimas (r)existências. Ao contrário, Jerônimo apresentou-se com um abraço, expressando no gesto, acolhimento e delicadeza.

Do ponto de ônibus até sua casa, uma caminhada com várias pausas, para apresentar a comunidade, e paradas por moradores que o cumprimentavam, e por outros que o solicitavam, como se ele encarnasse algo como uma caixa de pedidos. Chegando a sua casa, conheci sua esposa Maria. Depois de alguns encontros, Maria e ele passaram a ocupar uma espécie de “posição bússola”: na abertura dos caminhos, apontavam alguns nortes, sugestão de direcionamentos possíveis que me guiaram ao longo de toda a pesquisa. Apresentaram aquela paisagem/território, sua dinâmica e uma das versões que narram como, ao longo dos anos, a comunidade, ao passo que se constituía, foi se modificando.

Por mais que eu por ali já soubesse andar, era para a casa deles que eu voltava. Como se tivessem deixado pedrinhas no caminho que sempre me levavam até lá. Seja para uma conversa arranjada por Jerônimo com algum morador que ele considerava poder me auxiliar na pesquisa, seja para um café com bolo de mandioca preparado pela Maria. Desde minha chegada até o Jardim Piracema, o modo como se faziam presentes assumiram variadas nuances. O tempo todo eles tentaram garantir companhia na minha caminhada, cavando brechas na atribulada agenda de Jerônimo ou nos períodos em que a dupla, muitas vezes tripla jornada de Maria permitia um parcial descanso. Nesses dias, tivemos longas e gostosas conversas na mesa da cozinha, entre um afazer e outro, enquanto passava o café.

O engajamento deles foi condição de possibilidade que viabilizou não somente meu transcurso por mundos tantos, como o meu acesso, a partir dos encontros combinados por eles, aos tantos outros viventes que povoaram e fizeram acontecer esta pesquisa. No apanhado de textos não finalizados, nas notas, rascunhos e no registro dos encontros no caderno de campo ou em folhas soltas, alguma marca que indica que tanto Maria quanto Jerônimo, ali permanecem.

Por vezes tive receio de achatar a importância de suas presenças, embora a escrita de grande parte da dissertação esteja delineada por uma espécie de recorte, um redimensionamento dos muitos recolhimentos da pesquisa, fazendo caber no texto a pluralidade de vozes, expressividades, percepções e sentidos que pareciam pedir passagem. Diante disso, o acompanhamento dessas existências não teve a pretensão de domesticá-las por meio do discurso. No corpo da dissertação, foram deixadas, intencionalmente, rotas abertas para que outras viagens sejam possíveis. Sugiro o uso de um mapa rizomático, composto por linhas que vão ganhando formas durante o percurso, mas não se limitam a constituir conjuntos de posições e pontos fixos no espaço, dado que estão em movimento incessante.

Para finalizar, uma pequena observação. No presente momento em que recebem esse pequeno, e derradeiro, novo texto, a banca e os demais leitores podem estar interrogando: “ora, tamanha a importância da presença de Maria e Jerônimo na produção da pesquisa, por que aparecem somente agora, no texto final, de forma mais corporificada?”. Se existe uma só resposta, ousa afirmar que tais presenças não foram na dissertação subsumidas. De forma pulverizada, sempre estiveram lá, em todas as partes do texto, dado que compuseram a pesquisa comigo. Trago-os, então, neste texto final, para juntos apresentarmos a comunidade e alguns dos percursos desta cartografia. E, não sendo possível apreender o ponto de vista do outro, quero compartilhar um vídeo, produzido coletivamente, que dá a ver a tessitura conjunta de tantas *visagens narrativas*.

15 UM ESBOÇO DE (IN)CERTAS CONCLUSÕES

Esta é a vida vista pela vida. Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa.

(Clarice Lispector)

Histórias particulares parecem desenvolver-se umas ao lado das outras... O mundo não está dado, ele se faz sem cessar, ele é, por definição, “em vias de fazer-se”.

(Peter Pál Pelbart)

Meu exercício consistiu em prestar atenção nas formas de vida e nas formatações que precarizam e capturam suas variações, contornos, movimentos, invenção, ensejando trazer para o campo do cuidado um modo de trabalhar atento às multiplicidades, sensível e afirmativo das singularidades que portam os sujeitos e todas as possibilidades que compõem as existências. Não se tratou, pois, de uma expedição que vislumbrou lançar-se na busca de uma verdade preestabelecida sobre o outro ou sobre o território que ele habita, tampouco da construção de uma narratividade impregnada de interpretações, mas de apreender como diferentes realidades são produzidas. Foi crucial fazer, dessa aproximação, uma possibilidade de encontro não com um *outro genérico-projetado-estereotipado*, mas com *o outro por ele mesmo*¹³, com a sua singularidade, na imersão da “vida cotidiana, com seus pequenos enfrentamentos, suas ambições e desejos, sua cota de invenção (mínima mas imprescindível), sua reserva de resistência em meio não apenas ao banal, mas à violência e crueldade desumanizantes” (GUIMARÃES, 2001, p. 85). Almejei uma aproximação com existências que, de antemão, supunha *esmagadas e assujeitadas*.

Chamei de esmagamento a condição do que não se apresenta, aos olhos e segundo a experiência de classe média, como um lugar de produção de linhas de vida. Que diz da *passividade* enquanto valor emitido sobre o outro que é apontado de saída como alienado, assujeitado, esmagado. Todavia, o esmagamento não está disseminado exclusivamente nas cenas periféricas, ele vem se espalhando por toda a extensão das cenas urbanas, achatando os corpos sociais, minando as experiências de criação de saídas a partir de arranjos mais

¹³ Expressão utilizada por César Guimarães no texto intitulado *O rosto do outro: ficção e fabulação no cinema segundo Deleuze*, presente no livro *Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade* (LINS, 2001).

colaborativos. Esse processo forja ativamente corpos que, por flertarem diariamente com limites de todas as ordens, não aguentam mais.

Com efeito,

[...] o que o corpo não aguenta mais é a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática, o entorpecimento. Em suma, e num sentido muito amplo, o que o corpo não aguenta mais é a *mortificação sobrevivencialista*, seja no estado de exceção, seja na banalidade cotidiana (PELBART, 2013, p. 30, grifo nosso).

O modo de produção operado pelo neoliberalismo não somente extrapola as fronteiras econômicas, mas, incidindo sobre a vida, estrangula conexões a serem ampliadas e esmaga as existências que insistem em ser instauradas. Cria-se um tipo de categorização binária que aparta os viventes – há os ditos vencedores (‘os empresários de si’) e os ditos fracassados: ‘os que não se esforçam’, ‘que são incapazes’, ‘que não conseguem’ – uma espécie de *catástrofe personalista*. Experiências individualizadas de sofrimento; (sobre)vivencialismos cotidianos. O *esmagamento* não é, portanto, exclusividade do Jardim Piracema.

Entretanto, ao chegar à comunidade, carregava comigo a impressão de que, ali, a experiência da vida fosse produzida de forma mais coletivizada. Impressão esta que descobri, na primeira conversa com Gênio, avizinhada da narrativa compartilhada por ele, firmada na confrontação entre um “antes” e “depois”, narrativa saudosa de um passado mirado através da perspectiva que legitima a pretérita experiência da vida – da produção das conexões que a engendram (afetivas, políticas, sociais, profissionais...) – como experiência de uma plenitude desmantelada no presente. Não tencionei estabelecer uma relação de oposição entre o Jardim Piracema e outras comunidades periféricas – ainda que Pedrinho, irmão de Gênio, tivesse marcado as diferenças entre o Pira e a comunidade vizinha, de modo a condicionar o engajamento social ao grau de escolaridade. Formular quaisquer conjecturas que se destinassem a explicar “os porquês” da presença de divergentes modos de funcionamento, de conexões e de organização dos espaços cultural, político, infraestrutural, seria reduzir a presença de variados e distintos territórios existenciais.

Ao participar de algumas reuniões do Colegiado de Bairros e da Associação de Moradores do Jardim Piracema, constatei que tais espaços coletivos estavam bastante enfraquecidos, esvaziados. Tenho a sensação de que, em nossa experiência social, de modo geral, vem ocorrendo um expressivo isolamento – efeito da privatização da vida e dos afetos – entre aqueles que *esperam* (mobilização/resolução que vem de fora, um convite), os que *desesperaram* (pela dúvida e descrença em tudo) e os que *lutam* para que as *demandas* sejam

efetuadas. O empobrecimento das conexões humanas mingua qualquer possibilidade de compor ações e gestos coletivos e cooperativos. Ainda que muitos dos meus interlocutores tivessem conseguido localizar o incômodo, mostraram dificuldade em ensaiar um novo passo, qualquer pequeno movimento que estivesse direcionado para fora da clausura dessa ‘*autogestão de si mesmo*’.

Nas derivas finais da pesquisa, fui tomada menos pela questão que tangencia essa flagrante falta de mobilização do que pela invisibilizada problemática que marca um importante ponto de inflexão: como podemos construir, coletivamente, engajamentos não somente político-sociais, mas sobretudo vitais? Tendo em vista a problematização acima, há de se perguntar “*o que convida?*” – dado que isso não aparece – àqueles constantemente convocados pelos que estão incumbidos de organizar mobilizações.

A despeito de Jerônimo ser um dos mais ‘mobilizados’ da comunidade, corporificando a ‘própria resistência’, percebi que ele está engatado num movimento igualmente individual, mesmo que tal movimento consista em tentar carregar um coletivo, imerso na descrença – talvez por considerar as discussões inócuas, uma vez que poucas parecem desdobrar-se em ações efetivas. Ora, estaria Jerônimo encarnando a *forma-camelo*¹⁴ explanada por Zaratustra? (NIETZSCHE, 2011). Por mais ativo, ele permanece na posição de esperar as providências que virão do Estado. Com isso, não quero dizer que devemos prescindir das políticas sociais, mas, dado que uma das funções que permeia a mobilização política é desempenhar o papel de “*reivindicador*”, há que se avaliar quando este, transpassando uma tênue linha, se desloca para o lugar de “*consumidor*” de direitos sociais. Gênio expressou o incômodo que sentia, na época que estive à frente da Associação, quando as pessoas o procuravam apenas para “pedir coisas” – talvez por entender que ele tinha relações que poderiam ajudá-las. Era uma porta para as conexões, mas conexões “de uso”, não de cooperação e solidariedade.

No imaginário coletivo, essa produção da existência vem sendo formulada como gesto individual, “empreendedorismo de si”. Mas não só. Há de se considerar as fragilidades

¹⁴ Das três passagens de ‘metamorfoseamento’ necessárias ao espírito que enseja a liberdade, o **camelo** é a primeira forma assumida. Alegra-se com as pequenas doses de uma fugaz liberdade que experimenta. Por analogia, são aqueles que se regozijam nos tão esperados *happy hours*, nas férias e finais de semana ou mesmo na promessa de ascensão ao Paraíso Celestial. A liberdade parece encontrar-se na negação, no inverso dos valores pesadamente carregados, sustentados por um corpo que se curva. Embora diga “*Sim*”, tal afirmação é o avesso do “*sagrado Sim à vida*”, pois, ao reproduzir valores hegemônicos (sociais, religiosos, morais), carrega toda a impotência de um subserviente espírito. “Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança. Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado. O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado. O que é mais pesado, ó heróis? , pergunta o espírito resistente, para que eu tome sobre mim e me alegre de minha força. Não é isso: rebaixar-se, a fim de machucar sua altivez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria? Ou é isso: deixar nossa causa quando ela festeja seu triunfo?” (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

concretas que decorrem da falta de condições básicas de cidadania (emprego, alimentação, moradia digna) e do mal ajambramento ou da inexistência de planejamento da cidade que, ao dificultar o acesso e o deslocamento pelo espaço comum, cotidianamente, subjuga, constrange, adoece e desvitaliza os corpos. (I)mobilidade urbana. O possível em vias de esgotamento.

Pouco antes da minha saída¹⁵ do campo, começou a ser esboçado, nas reuniões de Colegiado de Bairros – juntamente com um grupo composto por três professores e alguns estudantes de Arquitetura e Urbanismo de uma Universidade particular de São Paulo –, um projeto que visa construir um Centro de Convivência para as crianças e jovens do Jardim Piracema. Ao discutirem a viabilidade das condições necessárias para a criação desse espaço, o minúsculo grupo de pessoas que frequenta as reuniões do Colegiado de Bairros e da Associação de Moradores parecia concentrar seus esforços na construção do espaço “físico”. Assim, as discussões acabavam ficando limitadas à captação de recursos financeiros, e não buscavam inventar, nos espaços já existentes – como na simpática ‘pracinha’ que tem lá –, outros modos de construir sentidos e possibilidades conjuntas (que pudessem trazer para a discussão as crianças e os jovens). Parece que a única forma de mobilização possível é institucionalizada, via política partidária, via Universidade. Percebi uma aparente esperança investida não somente nos arranjos institucionalizados, mas nessa espécie de *‘fora providencial’*.

Penso que a reunião em si, como dispositivo que agencia encontros, já possibilitaria a produção de algo: seja o próprio encontro como “*meio*” (não finalidade), seja a problematização de temas que giram em torno da comunidade ou que mobilizam quem lá habita, e do que podem fazer com o que lhes acontece. Fazer outros usos do encontro, menos utilitários. Não bastando uma saída na direção de um modo finalístico e utilitarista de equacionar ‘demandas’. Produção de algo gestado de dentro.

Por falar em encontros... Não haveria texto sem a ressonância desses interlocutores em mim: Jerônimo, Maria, Gênio, Pedrinho, Geni, Ivaldo, Ingrid e todos aqueles já transformados em linguagem afetiva-corporal. Através das derivas e dos encontros, fui experimentando uma maneira outra de fazer pesquisa e de escrever. O desafio foi compor um corpo-texto a partir dos recolhimentos feitos no campo e das narrativas que, por vezes, ao trazerem discussões de políticas governamentais, despojadas da elaboração cara aos especialistas, possuíam o

¹⁵ Importante dizer que tal saída é meramente provisória, pelo momento da escrita desta dissertação, e não consiste no meu desligamento da comunidade, tampouco deste embrionário projeto que está sendo gestado pelo Coletivo que compõe o Colegiado de Bairros daquele território.

refinamento da vida prática através do qual foi possível acompanhar algumas políticas da existência. Quando Geni me fez o convite para trabalhar na feira, o desconforto sentido foi, de certo modo, ter experimentado uma boa dose de estranhamento e desqualificação, por mais vergonha que eu tenha em admitir. Mas ela não partilhava da mesma percepção e, por não considerar seu trabalho infame, afirmava-o orgulhosamente. Entrecruzamento de mundos: da feirante / da pesquisadora. Fora da lógica estabelecida pelo regime de estratificação social – que endurece barreiras e toma as diferenças num sentido negativo – fui me avizinando daquelas vidas. Fui impelida, enquanto trazia à luz na forma-escrita esse “outro infame”, a tentar descobrir o que nos aproximava. Seguindo nesta direção: a irrupção da escrita.

A escrita somente aconteceu quando deixei de considerar meu trabalho menor (no caso, a presente pesquisa), quando passei a não mais depreciá-lo; quando pude aceitar e afirmá-lo em suas imperfeições, descontinuidades, falhas, lapsos. Considerar-me infame – desprovida de fama – em relação às referências-vida (intercessores teóricos), à banca da defesa, a possíveis críticos, tornou-se areia movediça. Paralisia. Processo estancado. O esforço atual é o de acolher os diferentes “*graus de infâmia*” que constitui a mim e ao outro. Acolher, também, um corpo que não aguentava mais a esmagadora autoexigência de “ter que ser” inteligente, infalível e forte para não ser subjugado pelo racismo nem por atos que o ‘sexualizam’. Um corpo que deprimiu e quase foi engolido pelas dores físicas e pelas dores latejantes dos muitos que perdi. Um corpo primeiro cansado, depois esgotado, pois, “cercado por um conjunto de impossibilidades, e sendo conduzido, impelido, forçado até, a inventar uma saída, a *criar um possível*” (PELBART, 2013, p. 297, grifo do autor). E, na forma e na escrita desta dissertação, a criação de movimentos mais experimentais, de movimentos possíveis.

[...] A idéia que eu fazia de pessoa vinha de minha terceira perna, daquela que me plantava no chão. Mas e agora? estarei mais livre? [...] Se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser - se eu for adiante nas minhas visões fragmentárias, o mundo inteiro terá que se transformar para eu caber nele. (LISPECTOR, 1998, P.5).

A conclusão desta cartografia, findo os recortes e as narrativas selecionadas sobre o campo, exige, agora, grande esforço de sintetização que parece impelir uma ação de circunscrever um processo que, enquanto varredura que absorveu as intensidades sedimentadas e pulverizadas em superfícies de contato e atmosferas que se formaram a partir dos encontros, ainda está em movimento pulsátil. Marulham. Busquei acompanhar como o

invisível e o singular da vida foram se apresentando, se esboçando na trama do cotidiano, sem que houvesse necessidade de explicar o que vinha do outro. Somente uma aproximação, um encontro com uma certa *vida-paisagem-território* vista pelas vidas que, a despeito da (aparente) falta de sentido, pulsam.

Circunscrever um processo composto por variações de volume, espessura e velocidades implica, pois, assumir que, a despeito de todo e qualquer contorno, haverá possibilidade de vazamentos por entre as delimitações – mesmo que momentâneas – que pretenderão margear suas bordas. E o que transborda, é potencial matéria viva para novas composições, outras conexões e instigantes experimentações que possam seguir os rastros daquilo que invariavelmente escapa: *a vida*.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manuel de. **Escritos em verbal de ave**. São Paulo: LeYa, 2013.

COUTINHO, Eduardo. **Mostra Diretores Brasileiros: Eduardo Coutinho - cinema do encontro: libreto**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

COUTO, Mia. **Cronicando**. 7 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

COUTO, Mia. Escrever e saber. In: Bienal de São Paulo, 32, 2016, São Paulo. **Material Educativo da 32ª Bienal de São Paulo**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 3-7. Disponível em: <http://materialeducativo.32bienal.org.br/>. Acesso em: 24 de fev. 2017.

COUTO, Mia. Viagem. In: **Raiz de orvalho e outros poemas**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Uma Conversa, O Que é, Para Que Serve? In: _____. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Proposição XII: captura. In: _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1227 – Tratado de Nomadologia: A máquina de Guerra. In: _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: **Microfísica do Poder**. Org., intr. e ver. téc. Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad.: Roberto Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU, 2009.

_____. A vida dos homens infames. In: **Estratégia, poder-saber**. Trad.: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Org. e sel. de textos Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos & Escritos IV).

_____. **Nascimento da biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUIMARÃES, César. O rosto do outro: ficção e fabulação no cinema segundo Deleuze. In: LINS, Daniel (coord.). **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HENZ, Alexandre de Oliveira. Notas para uma Conversa acerca das Vidas Infâmes e Produção de Subjetividade: o Jogo dos Saberes-Poderes. **Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 7, p. 70-75, nov. 2017. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/Cad-Def-Pub-SP_n.7.pdf>. Acesso em: 2 de mai. 2018.

KASTRUP, Virgínia. Educação e invenção em tempos de incerteza. In: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Material Educativo da 32ª Bienal de São Paulo**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 3-5. Disponível em: <<http://materialeducativo.32bienal.org.br/>>. Acesso em: 24 de fev. 2017.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

_____. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (org.). **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOREY, Isabell. **Estado de inseguridad**. Gobernar la precariedad. Trad. Raúl Sánchez. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016. Disponível em: <https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Estado%20de%20inseguridad.%20El%20gobierno%20de%20la%20precariedad_Traficantes%20de%20Sue%C3%B1os.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MARTINS, Luiz Alberto Moreira; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Deslocamentos na Governamentalidade: a subjetivação como resistência ético-política em Foucault. **Revista Psicologia política**, São Paulo, v. 13, n. 27, p. 245-259, mai-ago, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a04.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. **Mapas analíticos**: um olhar sobre a organização e seus processos de trabalho. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Disponível em: <<http://www.medicina.ufrj.br>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

MESQUITA, Cláudia; SARAIVA, Leandro. O cinema de Eduardo Coutinho: notas sobre método e variações. In: **Mostra Diretores Brasileiros**: Eduardo Coutinho - cinema do encontro: libreto. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

MOREIRA, Rafael de Almeida; PEREIRA, Cilene Margarete Pereira. A “poética do invisível” em Eduardo Coutinho: anotações iniciais sobre Babilônia 2000. **Revista Língua & Literatura**, (Online), v. 19, n. 33, p. 274-298, 2017. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2525/2520>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Das três metamorfoses. In: **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad., notas e posf. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PELBART, Peter Pál. A terra, a Guerra, a insurreição. **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 161-170, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2665>. Acesso em: 28 fev. 2018.

_____. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. In: MAYO, Nuria Enguita; BELTRÁN, Erick (org.). **Catálogo da 31ª Bienal de São Paulo – Como (...) coisas que não existem**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014.

PEREC, Georges. Aproximações do quê? Tradução de Rodrigo Silva Ielpo. **Revista Alea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 178-180, 2010.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a14.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

PRADO, Tomás Mendonça da Silva. Foucault e a ética da infâmia. **Revista ethic@**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v.13, n.2, p.323-338, jul./dez., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2014v13n2p323/28374>>. Acesso em: 31 jun. 2019.

ROLNIK, Suely. **A dama de negro**. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/damanegro.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

_____. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2016. (Col. Pandemia)

_____. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina: Ed. da UFRGS, 2007.

SANTA Marta: duas semanas no morro. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Frederico Moraes (produção), 1987. Documentário. 54 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-fMPgm40ZpM>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Saúde. **Prefeitura publica primeiro edital com novas regras para Organizações Sociais de Saúde**, São Paulo, 2014a. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Secretaria Executiva de Comunicação. **Prefeitura implementará novo modelo de gestão de unidades de saúde na cidade**. São Paulo, 2014b. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

STALKER. Direção: Andrei Tarkovsky. Rússia: Mosfilm, 1979. Ficção. 163 min.

VIRTANEN, Akseli. O discreto charme do precariado. In: GUATTARI, Félix. **Máquina Kafka**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: n-1 edições, 2011.

XAVIER, Ismail. Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna. In: **Mostra Diretores Brasileiros: Eduardo Coutinho - cinema do encontro: libreto**. São Paulo: CCBB – SP: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ANEXOS

CARTA EXPLICATIVA DA COLETA DE DADOS

Os dados da Pesquisa cadastrada em questão, intitulada “Derivas cartográficas: acompanhando outros modos de (re)existência na contemporaneidade”, foram coletados anteriormente em minha participação na pesquisa abaixo discriminada (segue em anexo o Parecer).

Título da Pesquisa: Observatório Nacional da Produção de Cuidado em diferentes modalidades à luz do processo de implantação das Redes Temáticas de Atenção à Saúde no Sistema Único de Saúde: Avalia quem pede, quem faz e quem usa.

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio de Janeiro Campus Macaé

Versão: 1

CAAE: 27159214.9.0000.5291

Número do Parecer: 560.597

Data da Relatoria: 21/03/2014

DADOS DO PARECER

Apresentação do Projeto: Trata-se de um projeto que visa avaliar a produção do cuidado em diversas áreas do Sistema Único de Saúde, envolvendo os gestores, trabalhadores e usuários, através de uma Rede de Pesquisa Compartilhada RAC, Universidade-SUS, com foco nas Redes Temáticas de Atenção à Saúde. Avaliar a produção do cuidado em diversas áreas do Sistema Único de Saúde, envolvendo os gestores, trabalhadores e usuários, através de uma Rede de Pesquisa Compartilhada RAC, Universidade-SUS, com foco nas Redes Temáticas de Atenção à Saúde.

Nota: Declaro que a pesquisa foi aprovada conforme parecer acima. No entanto, foi realizada a alteração do título após o processo de avaliação escrita da dissertação pelos membros banca.

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Professor Dr. Emerson Elias Merhy, autorizo a pesquisadora Larissa Ferreira Mendes dos Santos, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, a utilizar os dados coletados durante sua participação na pesquisa, sob minha coordenação, intitulada: "Observatório Nacional da Produção de Cuidado em diferentes modalidades à luz do processo de implantação das Redes Temáticas de Atenção à Saúde no Sistema Único de Saúde: Avalia quem pede, quem faz e quem usa". A utilização de dados selecionados destina-se ao desenvolvimento de sua pesquisa intitulada "Derivas cartográficas: (sobre)vivências cotidianas e outros modos de (re)existência na contemporaneidade", sob orientação da Professora Dr^a Laura Camargo Macruz Feuerwerker. Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para o uso de tais dados, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP;
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.

Rio de Janeiro, __17__ / __05__ / 2019__.

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, na pesquisa “Observatório Nacional da Produção de Cuidado em diferentes modalidades à luz do processo de implantação das Redes Temáticas de Atenção à Saúde no Sistema Único de Saúde: Avalia quem pede, quem faz e quem usa”, que tem como objetivo analisar a produção do cuidado com foco nas redes temáticas prioritárias do Ministério da Saúde, no seu caso trata-se da rede [informar a rede específica]. No caso de aceitar fazer parte da mesma, você responderá a uma entrevista individual, e em grupo, que será gravada (áudio e vídeo), caso você (s) autorize(m). Também poderão ser observados no domicílio das famílias que acompanham, na unidade saúde da família que está vinculado e na microárea do território onde trabalha.

A sua participação será de grande valor para o conhecimento acerca do cuidado em saúde realizado no SUS. Você tem liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo algum. Os resultados deste estudo serão tornados públicos e garantido o acesso aos seus dados tanto aos sujeitos da pesquisa como à instituição onde a mesma se realiza.

Apesar de toda a ética e cuidados com os participantes, a pesquisa poderá apresentar eventuais desconfortos e possíveis danos à dimensão psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer uma de suas fases e dela decorrente. Como responsável por este estudo, eu tenho o compromisso de manter em segredo todos os dados confidenciais, sua identidade, e ainda, indenizá-los se sofrerem algum prejuízo físico ou moral em decorrência do mesmo. Assim, se está claro para o senhor (a) a finalidade desta pesquisa e se concorda em participar, peço que assine este documento. Eu, pesquisadora Larissa Ferreira Mendes dos Santos, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos relacionados ao projeto de pesquisa, e em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo no telefone (11) 3061-7779 ou no endereço que se segue: Av. Dr. Arnaldo, 715 – Cerqueira César, São Paulo – SP (segunda-feira a sexta-feira das 7h às 13h).

Pesquisador Responsável

DECLARAÇÃO DE ACEITE EM PARTICIPAR DA PESQUISA

Eu, _____, RG nº _____, aceito participar das atividades da pesquisa: Observatório Nacional da Produção de Cuidado em diferentes modalidades à luz do processo de implantação das Redes Temáticas de Atenção à Saúde no Sistema Único de Saúde: Avalia quem pede, quem faz e quem usa.

Fui devidamente informado que responderei a entrevista que será gravada (áudio e vídeo). Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, e que terei assegurada a devida assistência durante toda pesquisa, bem como a garantia do meu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade, e que os dados obtidos na investigação serão utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações) e será assegurado o anonimato e sigilo quanto à identidade dos sujeitos do estudo. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Local e data: ____/____/____

Assinatura

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de pesquisa: Derivas cartográficas: acompanhando outros modos de (re)existência na contemporaneidade

Pesquisadora responsável: Larissa Ferreira Mendes dos Santos

Contato: (11) 98261-8597

Este projeto trata-se de uma análise micropolítica do cotidiano, utilizando uma abordagem cartográfica realizada em um bairro na região leste do município de São Paulo-SP. A pesquisa tem por objetivo cartografar diferentes formas de vida e as formatações que precarizam e capturam suas variações, bem como problematizar a necessidade de trazer para o campo do cuidado em saúde um modo de trabalhar que considere as multiplicidades e singularidades que portam os sujeitos e as possibilidades que compõem suas existências. Para tanto, se faz necessário realizar os procedimentos a seguir: entrevistas não estruturadas com os moradores do bairro para coleta de informações sobre os seus modos de vida, histórias pessoais, suas relações com o bairro, dentre outras, com possibilidade de gravação de áudio e/ou vídeo; elaboração de um diário de campo pela pesquisadora a fim de registrar as narrativas, a dinâmica do bairro e os acontecimentos mais relevantes.

Durante a execução do projeto, poderão ser utilizados recursos de gravação (áudio e/ou vídeo) das entrevistas, com a exclusiva finalidade de auxiliar na transcrição e análise das mesmas pela pesquisadora, não sendo utilizados para uso comercial.

Apesar de toda a ética e cuidados com os participantes, a pesquisa poderá apresentar eventuais desconfortos e possíveis danos à dimensão psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer uma de suas fases e dela decorrente. Como responsável por este estudo, eu tenho o compromisso de manter em segredo todos os dados confidenciais, sua identidade, e ainda, indenizá-los se sofrerem algum prejuízo físico ou moral em decorrência do mesmo. Assim, se está claro para o senhor

(a) a finalidade desta pesquisa e se concorda em participar, peço que assine este documento. Eu, pesquisadora Larissa Ferreira Mendes dos Santos, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos relacionados ao projeto de pesquisa, e em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo no telefone (11) 3061-7779 ou no endereço que se segue: Av. Dr. Arnaldo, 715 – Cerqueira César, São Paulo – SP (segunda-feira a sexta-feira das 7h às 13h).

Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO DE ACEITE EM PARTICIPAR DA PESQUISA

Eu, _____, RG nº _____, aceito participar da atividade da pesquisa “Derivas cartográficas: acompanhando outros modos de (re)existência na contemporaneidade”.

Fui devidamente informada (o) que responderei a entrevista que será gravada (áudio e/ou vídeo). Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, e que terei assegurada a devida assistência durante toda pesquisa, bem como a garantia do meu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade, e que os dados obtidos na investigação serão utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações) e será assegurado o anonimato e sigilo quanto à identidade dos sujeitos do estudo. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Local e data: ____/____/____

Assinatura

CURRÍCULO LATTES

Larissa Ferreira Mendes dos Santos

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5115110930394875>
ID Lattes: **5115110930394875**
Última atualização do currículo em 02/04/2019

Psicóloga, Bacharel e Licenciada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis-SP, especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Universidade de São Paulo/Faculdade de Saúde Pública, especialista em Arte-terapia/Terapias Expressivas pela Universidade Estadual Paulista/Instituto de Artes e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade de São Paulo/Faculdade de Saúde Pública. Tem experiência nas seguintes áreas de atuação: atenção psicossocial; política, gestão, produção do cuidado em saúde pública; processos de constituição do sujeito; psicopatologia e práticas sociais. **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

Nome	Larissa Ferreira Mendes dos Santos
Nome em citações bibliográficas	SANTOS, L. F. M.; SANTOS, L.

Endereço

Formação acadêmica/titulação

2017	Mestrado em andamento em Saúde Pública (Conceito CAPES 6). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: Derivas cartográficas: acompanhando outros modos de (re)existência na contemporaneidade, Orientador: 🇧🇷 Profª Drª Laura Camargo Macruz Feuerwerker. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.
2013 - 2015	Especialização em Psicopatologia e Saúde Pública. (Carga Horária: 725h). Faculdade de Saúde Pública / Universidade de São Paulo, FSP/USP, Brasil. Título: O grupo como estratégia de cuidado à família nos centros de atenção psicossocial. Orientador: Luciana Chaui-Berlinck.
2013 - 2014	Especialização em Arte-terapia / Terapias Expressivas. (Carga Horária: 448h). Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista, IA/UNESP, Brasil. Título: Proposições sensoriais de Lygia Clark: sobre como tecer corpos coletivos. Orientador: Cláudia Fazzolari.
2005 - 2009	Graduação em Psicologia. Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis, UNESP, Brasil.
2005 - 2008	Graduação em Psicologia - Bacharelado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Assis-, UNESP, Brasil.
2005 - 2008	Graduação em Psicologia - Licenciatura Plena. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Assis-, UNESP, Brasil.

Formação Complementar

2014 - 2014	SUPERA. (Carga horária: 150h). Universidade Federal de São Paulo / SENAD, UNIFESP / SENAD, Brasil.
2012 - 2012	Introdução ao Pensamento de Deleuze e Guattari. Curso Livre de Filosofia, CLF, Brasil.
2011 - 2011	Intercessões Sociais/Experimentações Minoritárias. (Carga horária: 16h). Instituto Sedes Sapientiae, SEDES, Brasil.
2011 - 2011	Capacitação para o atendimento - Transtorno Mental. (Carga horária: 7h). Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, EDEPE, Brasil.
2010 - 2010	SUS: saúde e cidadania. (Carga horária: 30h). Universus - Ministério da Saúde, UNIVERSUS, Brasil.
2009 - 2009

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1348050253250794>

ID Lattes: 1348050253250794

Última atualização do currículo em 03/05/2019

Possui graduação em Medicina pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1997), doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2002) e livre-docência em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2012). Atualmente é professora associada da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo do Departamento de Política, Gestão e Saúde, Linha de Pesquisa Política e Gestão. Participa do Observatório de Análise Microvetorial de Políticas de Saúde e de Educação na saúde, coordenado por Emerson Merhy, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No campo da produção do conhecimento, atua principalmente nos seguintes temas: políticas públicas na área da gestão, da produção do cuidado e do trabalho em saúde, educação de profissionais de saúde. Na extensão, desenvolve atividades de apoio à educação permanente e ao desenvolvimento da gestão junto a secretarias municipais de saúde e ao ministério da saúde. (Texto informado pelo autor)

Identificação

Nome	Laura Camargo Macruz Feuerwerker
Nome em citações bibliográficas	FEUERWERKER, L.C.M.;FEUERWERKER, Laura Macruz;FEUERWERKER, Laura;FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz;Feuerwerker, L. C. M.;FEUERWERKER, LAURA C. M.

Endereço

Endereço Profissional	Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública. Avenida Dr. Arnaldo, 715, Departamento de Prática de Saúde Pública, sala 7792 Pacaembu 01246-904 - São Paulo, SP - Brasil Telefone: (11) 30617796
------------------------------	--

Formação acadêmica/titulação

2000 - 2002	Doutorado em Saúde Pública (Conceito CAPES 6). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: Mudanças na educação médica - os casos de Londrina e Marília, Ano de obtenção: 2002. Orientador: Francisco Bernardini Tancredi. Palavras-chave: educação médica; mudanças na formação dos profissionais de saúde; estratégias de mudança na educação médica; trabalho em rede; políticas públicas de saúde e educação; mudanças nas práticas de saúde. Grande área: Ciências da Saúde Grande Área: Ciências da Saúde / Área: Saúde Coletiva. Grande Área: Ciências da Saúde / Área: Saúde Coletiva / Subárea: Saúde Pública / Especialidade: Políticas de Saúde. Setores de atividade: Educação Superior; Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde.
1992 - 1997	Mestrado em Saúde Pública (Conceito CAPES 6). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: Residência Médica e as Estratégias de Mudança da Educação Médica no Brasil, Ano de Obtenção: 1997. Orientador: Ana Maria Malik. Palavras-chave: educação médica; residência médica; integração docente assistencial; mudança da educação médica. Grande área: Ciências da Saúde Setores de atividade: Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde.
1984 - 1986	Especialização - Residência médica. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Residência médica em: Clínica Médica Número do registro: 12791.
1991 - 1991	Especialização em Saúde Pública. (Carga Horária: 1233h). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: Análise do papel do Hospital Universitário da USP no sistema de saúde da região do Butantã.